



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

**Empatia, Dedicção, União, Criatividade, Alegria,
Responsabilidade: uma fórmula eficaz?**

Patrícia de Sousa Santos

Orientação: Doutora Daniela Gonçalves

*Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Ensino do
1º e 2º Ciclo do Ensino Básico*

Junho 2015

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra”.

RUBEM ALVES

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e a boa vontade daqueles a que agora me refiro. A todos os meus sinceros agradecimentos.

À Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti pelo ambiente familiar que me proporcionou.

À minha orientadora, professora Daniela Gonçalves pela exigência, pela dedicação e encorajamento, pela força, pelo carinho, pelo brio, pelo pó mágico que me fez sorrir em momentos de angústia e, finalmente, pela “mentora” que foi... “Os mentores são diferentes e ocupam um lugar único e pessoal na nossa vida. Os mentores abrem-nos portas e envolvem-se directamente no nosso percurso. Mostram-nos qual o caminho a seguir e incentivam-nos a tomá-lo” (Robinson e Aronica, 2011:33).

A todos os professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, por me terem transmitido conhecimentos sustentadores da prática em Educação, especialmente à professora Marta Martins, à professora Joana Cavalcanti, à professora Margarida Quinta e Costa e à professora Isabel Cláudia Nogueira.

Ao meu par pedagógico, Catarina Oliveira pelo companheirismo, amizade, paciência, alegria, motivação, bem como, pelos cafés, post-its, lembretes, chicletes, esferovite...

À Instituição B pelas oportunidades, tal como ao Professor Daniel Pereira, pela atenção que me dispensou e por ter conseguido transmitir uma visão global e transversal da instituição.

Aos funcionários da ESEPF, nomeadamente à Dona Glória, funcionária da biblioteca, pela simpatia e atenção prestada e à Dona Fátima da Cantina, pela sopa em horários esquisitos.

Aos meus alunos pelo constante desafio e pelo enorme sorriso e brilho nos olhos que me provocaram.

Aos meus amigos: Ana Catarina, João Leite, Joana Ventura, Catarina Correia, Tânia Soares, Ana Afonso, Sara Paiva, Rita Duarte, Rita Moura, Adelaide Cavadas, Alexandra Bessa, César Pereira, Joshua Vieira, Gonçalo Ribeiro, Sara Dias, Ana Lopes, Hélder Ferreira, José Gonçalves, Patrícia Ribeiro, Tatiana Teixeira, Ana Nogueira, Joana Brandão, Rita Ferreira, Rita Oliveira, Filipa Martins, Filipa Pais, Clara Leite, Mariana Ferreira, Ana Lourenço, e todos aqueles de que me esqueci.

À Joaquina por me ensinar a ensinar e a aprender.

À praxe, aos meus Caloiros, Doutores e Veteranos, que muito me ensinaram.

Aos meus pais, por me terem possibilitado todo este percurso académico, por esforço e compreensão.

Ao maneirinho pelo carinho e encorajamento.

Ao Bernardo pela inspiração.

À minha maninha, que nem todas as palavras do mundo conseguiriam descrever o quanto lhe devo agradecer.

P.S.: Ao Miguel Martins por me dar a conhecer, todos os dias, “as mais belas coisas do mundo!”

RESUMO

É imperativo reinventar o mundo: reinventar práticas, valores, relações, comportamentos, reflexões. Reinventar fórmulas - eficazes de educar para o presente/futuro, numa lógica de projetar uma educação sustentada em aprendizagens consolidadas que dependem de intencionalidades bem vincadas. Este relatório apresenta uma intervenção educativa enquanto estudante do Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, norteada pela empatia, dedicação, união, criatividade, alegria e responsabilidade, descrevendo o processo de desenvolvimento empírico, profissional e pessoal. Através de um estudo pedagógico/qualitativo, procedeu-se à compreensão do processo de aprendizagem de dois diferentes grupos: um composto por vinte e um alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico e outro por vinte e sete do 2º Ciclo do Ensino Básico, inserido em contextos diferentes.

O professor interfere na aprendizagem dos alunos, procurando desenvolver métodos ativos que promovam o pensamento crítico e otimista dos alunos, estimulando, deste modo, a imaginação e a criatividade. Despertar um sentido de responsabilidade, cooperação e autonomia nos alunos deve enquadrar-se diariamente na prática letiva, assim como o estímulo por todos os tipos de inteligência, incluindo o seu “Elemento”. Tal, foi a nossa grande finalidade.

Palavras-chave: Empatia, Dedicação, União, Criatividade, Alegria, Responsabilidade, Aprendizagem.

ABSTRACT

It is essential to reinvent the world: reinvent practices, values, relationships, behaviours, reflections. Reinvent effective formulas to educate for present/future, allowing a sustainable education in consolidated learning, which depends on solid intentions. This report presents an educative intervention as a student of Education in Primary and Middle School Master, guided by empathy, dedication, union, creativity, happiness and responsibility, describing the development of professional and personal empirical process. Through a pedagogical/qualitative study it was proceeded the understanding of the learning process about two different groups: one group of twenty-one primary school students and another one with twenty-seven middle school students, in different contexts.

The teacher interferes in the students learning, looking to develop active methods that promotes critical and optimistic thinking on them, encouraging, this way, the imagination and creativity. Incentivize student's sense of responsibility, cooperation and autonomy that should be present on a day-to-day teaching practice, as the incitement for all intelligence types, including the "Element". This was our great purpose.

Keywords: Empathy, Dedication, Union, Creativity, Responsibility, Happiness, Learning.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
1. O Desafio de Aprender a Aprender	14
2. A intencionalidade do professor	17
II. METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO	24
1. Tipo de estudo.....	24
2. Participantes no estudo.....	25
3. Instrumentos de recolha e tratamento de dados.....	25
III. INTERVENÇÃO EDUCATIVA.....	28
1. Caracterização do Contexto	28
2. Caracterização das Turmas.....	32
3. Intervenção no Contexto.....	36
a. O docente observador.....	36
b. O docente e a planificação	38
c. A ação do docente.....	41
d. O docente e a avaliação/reflexão	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Organigrama das Instituições

Anexo 2 - Reflexão da observação das relações Aluno-Aluno 1º CEB

Anexo 3 - Grelhas de avaliação semanais 1º CEB

Anexo 4 - Relação Professor-Aluno 1º CEB

Anexo 5 - Listas de verificação 1º e 2º CEB

Anexo 6 - Inquérito aos alunos 1º CEB

Anexo 7 - Inquérito aos pais 1º CEB

Anexo 8 - Grelha de Avaliação de leitura 1º CEB

Anexo 9 - Reflexão 3ª Semana (“Casa dos Desafios”) 1º CEB

Anexo 10 - Entrevista à Professora Cooperante 1º CEB

Anexo 11 - Planificação de Outubro 1º CEB

Anexo 12 - Planificação de Novembro 1º CEB

Anexo 13 - Reflexões 1º Semana 1º CEB

Anexo 14 - Reflexão 1º Semana 2º CEB

Anexo 15 - Planificação de HGP, 13 de março 1º CEB

Anexo 16 - Fotografias de Experiências (Sentidos e mousse de castanhas) 1º CEB

Anexo 17 - Reflexão da 4ª Semana (aula de Ciências) 1º CEB

Anexo 18 - Planificação de CN, 19 de março 2º CEB

Anexo 19 - Ficha de atividade laboratorial – Influência da luz e da humidade no comportamento das minhocas 2º CEB

Anexo 20 - Fotografia do Mapa 2º CEB

Anexo 21 - Ficha Informativa – Biodiversidade 2º CEB

Anexo 22 - Fotografia do Cartaz sobre os reinos 2º CEB

Anexo 23 - Fichas formativas de Português 1º CEB

Anexo 24 - Reflexão da Semana 28.10.2014 (aula de Português) 1º CEB

Anexo 25 - Fichas de autoavaliação “Já sei” 1º CEB

Anexo 26 - Análise das fichas de autoavaliação 1º CEB

Anexo 27 - Fotografia da investigação de palavras da família 1º CEB

Anexo 28 - Fotografia da Roleta da Escrita 2º CEB

Anexo 29 - Planificação de Português, 12 de março 2º CEB

Anexo 30 - Planificação de Português, 25 de maio 2º CEB

Anexo 31 - Fotografia dos jogos de matemática (“Árvore dos Desafios” e Números Possíveis) 1º CEB

Anexo 32 - Fotografia da Casa dos Desafios 1º CEB

Anexo 33 - *Checklist* para a Casa dos Desafios – Proposta 1º CEB

Anexo 34 - Planificação de Matemática, 19 de março 2º CEB

Anexo 35 - Fotografia da aula de Matemática (Triângulos) 2º CEB

Anexo 36 - Planificação de Matemática, 30 de abril 2º CEB

Anexo 37 - Fotografia da aula de Matemática (Cocas e Bingo) 2º CEB

Anexo 38 - Fotografias da aula de HGP 2º CEB

Anexo 39 - Ficha de acompanhamento HGP 2º CEB

Anexo 40 - Ficha de registo (*Quiz* Histórico) 2º CEB

Anexo 41 - Fotografias Diploma HGP 2º CEB

Anexo 42 - Planificações de Expressões e Cidadania 1º CEB

Anexo 43 - Fotografias das aulas de expressões 1º CEB

Anexo 44 - Semana das profissões 1º CEB

Anexo 45 - Fotografias da Semana das Profissões 1º CEB

Anexo 46 - Ficha “Ser Professor” 1º CEB

Anexo 47 - Exemplo de Desafios do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB

Anexo 48 - Exemplo de explicação de um desafio do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB

Anexo 49 - Proposta de visita de estudo- 2º CEB

Anexo 50 - Ficha de registo Visita de Estudo

Anexo 51 - Caderneta dos desafios 2º CEB

Anexo 52 - Ficha de Avaliação do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB

Anexo 53 - Ficha de Avaliação da Visita de Estudo 2º CEB

Anexo 54 - *Checklists* de avaliação 2º CEB

Anexo 55 - Fotografia Avaliações dos alunos sobre a professora estagiária 2º CEB

Anexo 56 - Reflexão 5ª e 6ª Semana 2º CEB

Anexo 57 - Análise da Avaliação do projeto “Aprender a aprender”

Anexo 58 - Análise da Avaliação da Visita de Estudo 2º CEB

Anexo 59 - Exercícios inventados pelos alunos do 2º CEB

Anexo 60 - Plantas das salas

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

CEB - Ciclo do Ensino Básico

EE - Encarregados de Educação

ME - Ministério da Educação

MEC - Ministério da Educação e da Ciência

MEM - Movimento da Escola Moderna

PAA - Plano Anual de Atividades

PE- Projeto Educativo

PTT- Plano de Trabalho de Turma

PES I - Prática de Ensino Supervisionada I

PES II - Prática de Ensino Supervisionada II

RI - Regulamento Interno

INTRODUÇÃO

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada I e II, foi elaborado o presente relatório, ilustrativo das experiências pedagógicas em diferentes níveis de ensino, mais precisamente com uma turma do 1º Ciclo de Ensino Básico (CEB) e com outra do 2º CEB.

Os objetivos de aprendizagem que atravessam a experiência de realização deste estágio profissional podem ser sintetizadas da seguinte forma: respeitar os valores e ideários das instituições, colaborando na dinâmica efetiva institucional e em iniciativas no contexto local e comunitário; caracterizar estabelecimento de ensino do 1º CEB e 2º CEB, através da análise dos documentos do regime de autonomia, administração e gestão e atua em conformidade; aplicar, de forma integrada, os conhecimentos necessários para a concretização da intervenção educativa; dominar métodos e técnicas relacionadas e adequadas ao processo de ensino/aprendizagem; planificar, concretizar e avaliar a intervenção educativa; utilizar metodologias de investigação em educação para compreender e analisar práticas educativas.

Desta forma, o estágio foi realizado em duas instituições distintas: a instituição A, onde se contactou com o 1º CEB, localiza-se no Centro do Porto, é particular e de cariz católico, enquanto que a instituição B, que diz respeito ao 2º CEB, é privada e localiza-se na cidade da Maia. A turma de 1º CEB é constituída por vinte e um alunos, todos com sete anos de idade e a turma do 2º CEB é constituída por vinte e sete alunos, com idades compreendidas entre dez e onze anos. Através de um estudo pedagógico/qualitativo, procedeu-se à compreensão do processo de aprendizagem de dois grupos diferentes: um grupo composto por vinte e um alunos do 1º CEB e outro por vinte e sete do 2º CEB, inserido em contextos diferentes.

Formalmente, o presente relatório encontra-se repartido em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o Enquadramento Teórico, recorrendo a toda a teoria que fundamenta a prática preconizada. O segundo capítulo exhibe as Metodologias de Investigação, onde descreve o tipo de estudo realizado, os participantes no estudo e os instrumentos e tratamento de dados utilizados. No terceiro capítulo, contempla-se as Caracterizações dos Contextos e das Turmas, bem como a Intervenção Educativa. Esta Intervenção apura uma descrição do trabalho desenvolvido durante todo o estágio e uma reflexão continuada de todo o processo.

Empatia, Dedicção, União, Criatividade, Alegria, Responsabilidade: uma fórmula eficaz?

Por fim, conta com as Considerações Finais que ilustram a autoavaliação e as reflexões sobre a experiência de estágio e do desenvolvimento da profissionalidade.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O Desafio de Aprender a Aprender

“Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social” (Delors, 2010:5).

É crucial entender o poder da educação na contemporaneidade, como sendo uma vantagem de todos e de cada um(a), contribuindo para uma das mais básicas necessidades humanas: “relação com o outro”.

Segundo Gonçalves (2015:3), educar é “o ato de despertar consciências para a liberdade e para a responsabilidade, sendo esta a capacidade de responder aos desafios, na medida em que somos capazes de responder ao Outro e, ao mesmo tempo, «criar uma visão do mundo que implica que também o podemos recriar segundo uma perspectiva diferente mudando a nossa situação»”.

No mesmo sentido, é necessário preconizar a educação ao longo da vida, que se prende com a construção contínua da pessoa, do seu saber e das suas aptidões. Para tal, é desejável que a escola consiga implementar uma ideologia que promova “o gosto e prazer de aprender, a capacidade de aprender a aprender, além da curiosidade intelectual. Podemos, inclusive, imaginar uma sociedade em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno” (Delors, 2010: 12). Neste âmbito, a educação deve apoiar-se em quatro pilares essenciais: *Aprender a conviver*, *Aprender a conhecer*, *Aprender a fazer* e *Aprender a ser* (Delors, 2010).

Aprender a conviver é compreender o outro na sua essência, tentando conhecer a sua biografia, as suas vivências, as suas tradições e até a sua espiritualidade. Trata-se de reconstruir uma (nova) visão, tendo em conta a análise da correlação existente e as vantagens auguradas, para que consiga elaborar projetos comuns ou até uma gestão inteligente de possíveis conflitos. Por outras palavras, é a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, respeitando-o e trabalhando cooperativamente. É neste campo que o entendimento do funcionamento do nosso cérebro nos apoia, tal como aponta Ramachandran¹: “os neurónios-espelho praticam uma simulação virtual da realidade, pois nosso cérebro adota a perspectiva de outra pessoa e pode inclusive, aprender apenas por observação”.

¹ <http://meucerebro.com/neurociencias-e-os-4-pilares-da-educacao-propostos-para-o-seculo-xxi/>, data de consulta 08.06.2015

No que concerne ao *Aprender a conhecer*, cumpre-nos perspetivar esta capacidade como uma forma de motivação para a aprendizagem, conciliando uma cultura geral com a possibilidade e desejo de conhecer mais sobre determinado assunto. Esta capacidade remete para outras metas como aponta Delors (2010: 13) - “essa cultura geral constitui, de algum modo, o passaporte para uma educação permanente, à medida que fornece o gosto, assim como as bases, para aprender ao longo da vida”.

Na lógica de aprender “fazendo”, é possível caminhar *em passos largos* para as aprendizagens significativas, porque quanto mais impliquem a prática e a experiência, mais aprendemos na medida em que “experimentamos e fazemos novas associações”. A este propósito, e parafraseando Delors (2010:13), “é importante alcançar competências que tornem os indivíduos autónomos e aptos para situações imprevistas, para além das aprendizagens adquiridas profissionalmente - *Aprender a fazer*”.

Por último, mas não menos importante, *Aprender a ser*: é considerado um processo contínuo e que envolve todos os demais pilares mencionados. Prende-se com o modo como atingimos a maturidade e autorregulação, trançando os nossos próprios objetivos.

“Não deixar inexplorado nenhum dos talentos que, à semelhança de tesouros, estão soterrados no interior de cada ser humano. Sem sermos exaustivos, podemos citar a memória, o raciocínio, a imaginação, as capacidades físicas, o sentido estético, a facilidade de comunicar-se com os outros, o carisma natural de cada um... Eis o que confirma a necessidade de maior compreensão de si mesmo” (Delors, 2010:14).

O professor deve, portanto, apostar na criação de espaços de partilha, motivação e afeto, fomentando assim o gosto para “ser melhor”, quer no campo académico, quer no campo emocional e social. Reboul (2000:19-20), afirma que “ser melhor” é “desenvolver as potencialidades do ser humano que cada um em si transporta (...) educação é aprender a ser”. E as teorias públicas sobre este tema sucedem-se. Vejamos o que considera (Robinson e Aronica, 2011: 27): “nessa visão da educação não somos nós, os educadores, que definimos o tipo de ser humano que queremos “formar”, mas, sim, a criança que escolhe que tipo de pessoa ela quer ser, vale dizer, que ela pretende tornar-se”.

Para o autor do Elemento, é “o ponto onde a aptidão natural e a paixão pessoal se encontram” (Robinson e Aronica, 2011, 2009: 32), isto é, a conjugação entre o talento que cada indivíduo possui e aquilo que mais gosta de fazer. Encontrar o elemento é crucial, na medida em que, “nos tornará pessoas mais realizadas, mas sobretudo porque o futuro das nossas comunidades e instituições dependerá disso à medida que o mundo [evolui]” (Robinson e Aronica, 2011: 33). A escola deverá ser o principal meio para que

cada um descubra o seu elemento; todavia esta questão depende essencialmente da eficiência do sistema educativo e essencialmente do talento de cada professor.

Importa então refletir sobre o “efeito professor”, que sublinha a responsabilidade no seu trabalho e a função de alavanca na aprendizagem dos seus alunos. Este efeito prende-se com a qualidade do professor no que diz respeito ao ganho dos alunos em termos de aprendizagem. Como é colocada a questão por Gauthier *et al.* (*cit. Azevedo et al.*, 2014:10):

“Na verdade, a questão central que é hoje colocada não consiste tanto em saber se o “professor conta”, mas, dada a relevância dos bons professores, medida por exemplo pela elevada variação nos efeitos do seu ensino sobre os resultados dos alunos, em saber como conseguir que um maior número de professores tenha efeitos mais positivos sobre as aprendizagens de todos os alunos”.

O professor tem de perceber e estimular o aluno, tendo em conta o talento que cada um possui, ou seja, a dedicação à compreensão do aluno nas suas formas e capacidades de inteligência, encaminhando-o para as “áreas que constituem as suas capacidades inatas” (Cardoso, 2013:227).

Nesta linha de pensamento, Gardner (1998) assegura a existência de oito tipos de inteligências, explicando que o conceito de inteligência baseado em psicométrica e nos testes de QI, não é suficiente para descrever os vários tipos de capacidades cognitivas.

Estes tipos de capacidades cognitivas são resumidas por Cardoso (2013:228) da seguinte forma: a capacidade lógico-matemática que assenta na resolução de “problemas matemáticos com apoio na lógica e no raciocínio”, os indivíduos são bons a detetar padrões, a estabelecer relações de causa-efeito e a detetar sequências; a capacidade verbo-linguística que é a sensibilidade para as línguas faladas e escritas, manifesta-se na capacidade para usar as palavras com vista a uma variedade de fins: argumentar, persuadir, contar histórias, escrever poesia e prosa; a capacidade musical que tende para a “sensibilidade para a música em termos de compor e apreciar padrões musicais”, os indivíduos são sensíveis a todos os tipos de sons não-verbais e aos ritmos dos ruídos do dia-a-dia; a capacidade espacial que se relaciona com a “habilidade de reconhecer e compreender o mundo visual com pormenor, podendo modificá-lo e recriar outras experiências”, os indivíduos têm uma profunda perceção de detalhes visuais e têm aptidão de apresentar ideias recorrendo a gráficos, a quadros ou a imagens; a capacidade físico-cinestética que é “usada para controlar e executar movimentos com o próprio corpo”, os indivíduos têm aptidão de manusear objetos ou de realizar movimentos corporais precisos com relativa facilidade; a capacidade interpessoal que é a capacidade de entender a intenção e as motivações dos outros, os indivíduos

trabalham bem com os outros e são bastante sensíveis a ligeiras variações nos estados de espírito, nas atitudes e nos desejos de terceiros; a capacidade intrapessoal que se prende com a capacidade de compreender as suas emoções e de corrigi-las, estes indivíduos optam por serem trabalhadores independentes, são introspetivos e capazes de estabelecer objetivos realistas; e, por fim, a capacidade naturalista que é a “sensibilidade para perceber e organizar os objetos, fenómenos ou padrões da Natureza, como por exemplo, a classificação de animais, plantas ou mesmo minerais”.

Portanto, “cada um de nós oferece um perfil de inteligências que interagem entre si na mente de uma pessoa, com os perfis de inteligência de outras pessoas com quem a primeira trabalha e brinca, e com recursos culturais, interculturais e tecnológicos empregados com propósitos diversos” (Moran *et. al*, 2009:380).

Esta nova perspetiva defende que a inteligência pode ser desenvolvida e que não é numericamente quantificável, é assim, usada para compreender as capacidades humanas e as muitas e variadas formas sob as quais os alunos podem ser bem-sucedidos.

Confirmava também Estanqueiro (2012:14) “valorizar a diversidade de aptidões dos alunos (as «inteligências múltiplas», na expressão de Howard Gardner) é um caminho para a motivação e o sucesso”. Consideramos que faz sentido pensar sobre as tipologias apresentadas acima para não deixar que o ensino molde os nossos alunos com os tipos de inteligência mais valorizados. Assim, “à medida que mais do que somente as inteligências lógico-matemáticas passam a ser valorizadas e desenvolvidas em várias culturas, a gama de potenciais, capacidades e desempenhos cresce exponencialmente” (Moran *et. al*, 2009:380).

Na realidade, os pilares descritos no início deste capítulo estão orientados para um plano de ação comum - aprender a modificar comportamentos. É a abordagem à educação que a neurociência nos mostra, engrenando-se, assim, na pedagogia e psicologia.

2. A intencionalidade do professor

De acordo com Gonçalves (2010:29), o professor deve reter que:

“o conhecimento de si próprio consiste num tipo de conhecimento relacionado com o que o professor sabe de si mesmo, envolvendo um ‘jogo’ entre o pessoal e o profissional. Este domínio inclui o conhecimento das suas capacidades como pessoa, bem como da relação que estabelece com os outros, para além do conhecimento dos seus próprios sentimentos ou emoções e do que deve ou não fazer. Já o conhecimento do contexto educativo é o conhecimento relacionado com

as características dos grupos ou comunidades em que o professor se insere, domínio este que inclui o conhecimento do sistema educativo, da escola e da sociedade e o conhecimento do meio, dos outros professores e dos pais e encarregados de educação. O conhecimento dos conteúdos disciplinares é, como a própria designação indica, o conhecimento relacionado com os conteúdos da área de saber. Por seu turno, o conhecimento pedagógico está relacionado com os saberes e concepções sobre o ensino, a aprendizagem e os alunos em geral. Neste domínio se inclui o conhecimento de princípios e de estratégias de ensino para a criação de ambientes de aprendizagem, o conhecimento sobre os alunos e sobre processos de aprendizagem e o conhecimento sobre os alunos e sobre processos de aprendizagem e conhecimento de organização e gestão da sala de aula. Por fim, o conhecimento didático consiste no conhecimento relativo à compreensão do modo de organizar e apresentar os conteúdos pedagógicos aos alunos, resultando da interseção entre os campos pedagógico e disciplinar.

Este domínio inclui o conhecimento da disciplina a ensinar, o conhecimento das necessidades, dificuldades e concepções próprias dos alunos, o conhecimento do currículo e programas, o conhecimento dos materiais curriculares e o conhecimento do processo instrucional, isto é, a preparação, condução e avaliação da prática lectiva”.

Todos os domínios referidos, anteriormente, fazem com que o professor reflita sobre a sua prática pedagógica e aprimore e diversifique os seus métodos, enriquecendo e proporcionando aprendizagens efetivas e felizes aos seus alunos.

Deste modo, existem perspetivas educacionais que importam explicar. Por um lado, existe a pedagogia diretiva que é considerada a pedagogia convencional, também conhecida como “pedagogia tradicional”. É uma pedagogia centrada no professor, o professor que ensina e o aluno apenas aprende. A aprendizagem realiza-se só numa direção, ou seja, o professor nunca aprenderá com o aluno. Segundo Becker, o conhecimento é visto como um produto que pertence ao professor e o aluno apenas é um agente passivo. Nesta realidade, o aluno raramente tem participação e expressão ativa.

Fernando Becker (2001:18) explica:

“como se vê, essa pedagogia, legitimada pela epistemologia empirista, configura o próprio quadro da *reprodução da ideologia*; reprodução do autoritarismo, da coação, da heteronímia, da subserviência, do silêncio, da morte da crítica, da criatividade, da curiosidade. [...] A certeza do futuro está na reprodução pura e simples do passado. A disciplina escolar – que tantas vítimas já produziu – é exercida com todo o rigor, sem nenhum sentimento de culpa, pois há uma epistemologia e uma pedagogia que a legitimam”.

Este modelo é considerado da reprodução e da repetição, ao contrário da proposta crítico-reflexiva. O papel deste professor é um mero reproduzidor de fórmulas antigas que como podemos perceber pela atual situação da educação, são colocadas em causa pelos alunos. É um modelo que, utilizado exclusivamente, se torna insustentável e impraticável no sentido em que deve ser na escola que se inicia o estímulo reflexivo para a sociedade.

Por outro lado, a pedagogia não diretiva, centrada no aluno, que insiste na existência de conceitos inatos que as crianças trazem, a chamada herança hereditária. Nesta pedagogia, o professor é apenas um auxiliar do aluno, uma vez que este já tem habilidades, conceitos e conhecimentos.

Este professor deve intervir o mínimo possível, é um professor não diretivo e acredita que o aluno aprende por si mesmo. É visto como um facilitador da aprendizagem e tem como principal objetivo, despertar no aluno o conhecimento que já existe dentro dele. Segundo Becker (2001:21):

“ao conceber o ser humano como dotado de um saber de nascença, conceberá, também, dependendo das conveniências, um ser humano desprovido da mesma capacidade, “deficitário”, sem considerar que a dificuldade do aluno pode advir de causas externas, como a deficitária situação econômica por exemplo, acreditando que a causa é hereditária”.

Ora, estes alunos estão em maior desvantagem do que os alunos da pedagogia anterior, pois aqui também é importante perceber que estes não são diferenciados. Logo, aluno estaria sempre limitado ao conhecimento herdado e poderia ser prejudicado pela sua “herança”. Estas duas pedagogias podem ser consideradas extremos e é inconcebível praticá-las individualmente.

Uma pedagogia que não exagera na importância da pré-disposição hereditária nem no meio social, acreditando que o aluno pode aprender sempre, independentemente das suas limitações, é a pedagogia relacional.

Esta pedagogia “reconhece os alunos como protagonistas do processo educativo que lhes diz respeito e os professores como elementos capazes de organizar as condições e proporcionar os recursos para que as aprendizagens e a formação dos primeiros ocorra” (Trindade, 2009:13).

A pedagogia relacional é utilizada no Movimento da Escola Moderna (MEM), visto que “a relação dos alunos entre si e com o professor, assenta num contrato democrático de convívio e trabalho, conteúdo através da organização, planeamento e avaliação cooperadas da aprendizagem de um programa cultural oficial” (Niza *cit.* Trindade, 2009:108).

Esta pedagogia relacional, assenta na epistemologia construtivista que procura ultrapassar a ação de um professor da pedagogia diretiva, tentando substituir a prática de ensino unidirecional. Esta teoria baseia-se na construção do conhecimento ativamente pela reflexão das experiências. Deste modo, o professor deverá “incentivar os alunos a descobrirem, por si próprios, o conhecimento, privilegiando para isso o diálogo” (Cardoso, 2013:230).

“O clima socio-afetivo da ação educativa costuma definir-se tendo por referência as relações pessoais entre alunos e professores, o modo de regulação do trabalho de

aprendizagem e a possibilidade de escolha das atividades que definem também os níveis de liberdade, de autonomia e de segurança emocional dos alunos” (Niza, 1998:22).

Existindo uma relação de liberdade entre os sujeitos, é possível criar empatia conseguindo, assim, atingir aprendizagens mais significativas. Por aprendizagem significativa, Rogers (1978) entende aquela que realmente provoca alterações na personalidade, ou seja, o conhecimento que pode ser aplicado na realidade e com o qual se possam construir relações que antes não aconteciam.

Importa também, clarificar o significado de empatia, como sendo a capacidade que nos permite tomar a perspectiva de outra pessoa, de compreender o seu estado mental e gerir as nossas próprias emoções, tendo em conta as da outra pessoa. Vejamos a perspectiva de Goleman (2014:125),

“a empatia cognitiva dá-nos a capacidade de compreender a perspectiva de outra pessoa, as suas formas de ver e de pensar. Ver pelos olhos dos outros ajuda a articular as perguntas das pessoas, saber como «verbalizar», conseguir que alguém concorde. Esta capacidade, como dizem os cientistas cognitivos, exige «mecanismos de cálculo adicionais»: precisamos de pensar acerca dos sentimentos.”

Rogers (1951) defende que a atitude positiva aponta para a importância da aceitação por parte do professor, das hesitações e temores que o aluno demonstra à medida que este vivencia determinada aprendizagem. Por sua vez, o aluno, percebe que as suas dificuldades e limitações são compreendidas e a conceção da aprendizagem torna-se mais viável. No entanto, esta relação pedagógica “não pode ser entendida como problemática autossuficiente nem do ponto de vista das reflexões que suscita, nem no ponto de vista dos acontecimentos que permitem analisá-los como relação educativa particular” (Trindade, 2009:14).

Esta prática de ensino preocupa-se com o apoio personalizado, embora estejam sempre presentes experiências em grupo, que serão explanadas mais à frente. Através de atividades das quais se possam tirar experiências significativas, importa fomentar o gosto e a responsabilidade pela “auto-aprendizagem, tendo dela um sentido crítico, isto é, de autoavaliação” (Trindade, 2009:14). Por um lado, o professor deve fornecer uma percentagem da sua responsabilidade ao aluno, no que toca à interferência na sua aprendizagem; por outro lado, deve ser o professor a criar ambientes “onde cada um se sinta inspirado a crescer criativamente” (Robinson e Aronica, 2011:13).

“A arte mais importante do professor consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento” (Albert Einstein *cit.* Estanqueiro, 2012: 11). Segundo Robinson e Aronica (2011:73), a criatividade é o “processo pelo qual obtemos ideias originais e valiosas” e podemos ser criativos em tudo “tudo o que envolva a inteligência: música, dança, teatro, matemática, ciência, negócios, relações humanas”; “é devido à

inteligência humana ser tão extraordinariamente variada que há mil e uma formas de sermos criativos”.

Neste contexto, a criatividade desenvolve e fortalece a capacidade de usar os dois hemisférios cerebrais, aumentando a fluência e flexibilidade na produção de diferentes tipos de ideias e fomentando a originalidade. Neste processo o professor pode usar recursos/dispositivos didáticos que acrescentem motivação aos alunos. Tal como o ensino experimental que promove o método ativo.

É assim que “a criatividade afecta não só o que trazemos ao mundo, mas também o que fazemos com ele e o modo como o pensamos e sentimos” (Robinson e Aronica, 2011: 85). Existe, portanto, “a necessidade de investir em processos de ensino e de aprendizagem cada vez mais criativos e críticos, fomentando a descoberta do(s) talento(s) de cada aluno(a)” (Gonçalves, 2015:7). Tal como Cavalcanti *et. al* (2010:5), “todo o acto educativo é – ou deverá ser – constituído por uma intenção de crescimento e formação de cidadãos críticos e reflexivos acerca dos mundos em que vivem”.

A descoberta do talento de cada um é de extrema relevância, não só para proveito próprio, mas também, uma mais-valia para os outros, no sentido em que diz respeito ao aproveitamento da capacidade e especialidade de cada um e utilizando este potencial para melhoria do trabalho-conjunto.

Urge, então, elucidar para as competências adquiridas com o trabalho coletivo, sendo que, “num clima de cooperação, de partilha de saberes e experiências, todos ganham, aprendendo juntos e construindo relações de tolerância, respeito, confiança e apoio mútuo”; Mais ainda: “a competência para trabalhar em equipa, de forma organizada, é fundamental para toda a vida. Através da cooperação, resolvem-se problemas e realizam-se projectos. Saber colaborar com os outros traz sucesso pessoal e profissional” (Estanqueiro, 2012:22).

Estas competências devem partir dos professores, esperando que estes sejam um exemplo de profissionais que exacerbam o trabalho em equipa e a união, procurando encontrar a utopia de um ensino totalmente eficaz. Em razão deste, Gonçalves (2015:9) refere que “os professores devem então ser capazes de colaborar em torno de projetos pedagógicos, que possam vir melhorar a política da escola. A renovação das práticas e a partilha de experiências são os pontos-chave que são necessários centrar, para colocar em prática o ensino em equipa, em colaboração”.

Gonçalves (2015:8) explicita as vantagens do trabalho colaborativo e cooperativo:

“Portanto, o trabalho em equipa, ou as equipas multidisciplinares, têm algumas vantagens que importam referir, não só para os alunos, mas também para os

docentes, pois permitem «dar sustentabilidade à busca de novos modos de organizar o trabalho docente na escola» (Formosinho e Machado, 2009:42), para além de potenciar, «(...) os desempenhos preferenciais desses profissionais» (ME, Despacho normativo nº6/2014:2), estimulando assim «a criação de uma teia complexa de relações colegiais, com as quais se pretende potenciar a flexibilidade, a capacidade de correr riscos e o melhoramento contínuo entre os profissionais que interagem com os alunos» (Formosinho e Machado, 2009:42)».

A escola deve preocupar-se não só com o currículo, conteúdos programáticos ou classificações, mas sobretudo com o desenvolvimento social e pessoal dos seus alunos - “os grandes professores sempre souberam que a sua verdadeira função não era ensinar uma determinada matéria, mas sim educar os seus alunos” (Robinson e Aronica, 2011:236).

Tendo em conta a nossa experiência, perspetivando uma profissionalização que nos habilita para as valências de 1º e 2º CEB, torna-se imperativo perceber o que aproxima ou distingue estes dois níveis de ensino.

Segundo o Decreto-Lei 240/2001 de 30 de agosto, o perfil geral do professor está dividido em quatro diferentes dimensões, a saber: dimensão profissional, social e ética; dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; dimensão da participação na escola e de relação na comunidade; e a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida. Respeitante à dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, espera-se que estes docentes construam e desenvolvam os projetos da escola, tendo por base o currículo e, num contexto de escola inclusiva, apoiado numa relação pedagógica de qualidade. No perfil específico do professor do 1º CEB é explícito que este deve desenvolver aprendizagens, utilizando “saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares”, enquanto que no perfil do professor de 2º CEB acrescenta “saberes próprios da especialidade e saberes transversais e multidisciplinares”.

Em ambas as valências o professor deve diversificar as suas estratégias pedagógicas, atividades e recursos, recorrendo ao uso das tecnologias de informação e comunicação. Na dimensão profissional, social e ética, pretende-se que os docentes de 1º e 2º CEB, fomentem o respeito pelos outros, pelas diferenças culturais e pessoais, valorizando o interesse pela aprendizagem de diferentes saberes e culturas.

Conta-se, ainda, que estes professores incentivem o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a “plena inclusão na sociedade”.

Por comparação dos dois perfis e no domínio da participação na escola e de relação com a comunidade, é expectável que a cidadania democrática seja explorada, concebendo regras de convivência e de intervenção social, gerindo “conflitos

interpessoais de natureza diversa”, bem como manter uma relação de proximidade com a toda a comunidade educativa.

Ainda respeitante a esta dimensão, o perfil do professor de 2º CEB, acrescenta a valorização da cooperação com outras instituições, elaborando e realizando estudos e projetos de intervenção. Este ponto relaciona-se com a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida, atendendo que “o professor incorpora a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa. Mediante a análise da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais” (Ministério da Educação - ME, Lei nº240/2001).

Em suma, os professores sabem que os seus saberes científicos e pedagógicos são “um fator decisivo para a qualidade da educação nas nossas escolas. Por isso, investem na formação contínua” (Estanqueiro, 2012:121). Os professores devem saber que também são modelos para os seus alunos. Assim, propomos uma reflexão, crítica e contínua, sobre os seus métodos, estratégias e práticas, partilhando o seu conhecimento com os alunos, sempre com espírito aberto e criativo.

“Os bons professores dedicam-se ao ensino com entusiasmo. Acreditam na importância da profissão docente para a construção de uma sociedade melhor, alicerçada em conhecimento e valores. Apesar das dificuldades, sentem orgulho na sua missão de formar pessoas, despertar vocações e construir futuros” (Estanqueiro, 2012:121).

II. METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

1. Tipo de estudo

Depois do enquadramento teórico, no qual se insere toda a contextualização e fundamentação teórica deste trabalho, e não menos importante, emerge a necessidade de clarificar os objetivos da investigação. Qualquer investigação empírica visa a procura de um caminho que, à partida, se avista desconhecido. Neste sentido, a investigação não ambiciona encontrar modelos perfeitos ou teorias infalíveis, mas sim construir um produto. Para tal, e neste caso, pressupõe-se a existência de uma questão geral de investigação que norteia os procedimentos adotados. Neste caso, o foco investigativo foi definir um percurso de ensino/investigativo no sentido de proporcionar aprendizagens significativas aos nossos alunos.

Portanto, pretendeu-se compreender o comportamento específico de um grupo de alunos, face ao processo de aprendizagem, inserido num determinado contexto e sujeito a determinados métodos, com vista a adequar e reformular a prática educativa, recorrendo a um estudo qualitativo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994:16), o estudo qualitativo é: “um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”.

Outra visão que corrobora este tipo de metodologia é a de Bell (1997:20), afirmando que “os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão em vez de análise estatística”. Neste estudo, os investigadores “entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan e Biklen, 2010:48).

A observação pode ser dividida em três tipos: sistemática; ocasional e naturalista. Neste caso, a naturalista é considerada mais adequada, pois procura registar tudo o que ocorre em sala de aula num determinado período de tempo, assim “o observador [procura] «absorver» tudo o que vê e ouve, descrevendo os comportamentos observados sem qualquer preconceito prévio e procurando não ser influenciado pela sua própria avaliação do que está a ocorrer” (Estrela 1986 *cit.* Alarcão,

1996: 111). Esta tem como objetivo último: obter um registo exaustivo auxiliando a percepção da multiplicidade de papéis que o professor tem de assumir.

Este tipo de observação “ajuda ainda a interpretar comportamentos, dado que dá informação sobre a totalidade dos vários aspectos de ensino-aprendizagem” (Day *cit.* Alarcão, 1996: 111).

É fundamental interligar a teoria e a prática, recorrendo ao método de análise intensiva, tendo em conta que toda a experiência se baseou no contato direto com os participantes no estudo, bem como numa prática reflexiva continuada, apelando a uma variedade de técnicas utilizadas. Portanto, tendo em conta as orientações fornecidas para a realização deste relatório de estágio, descrevemos, reflexivamente, o percurso formativo/investigativo sobre a intervenção educativa em contexto de ensino em 1º e 2º CEB, de uma forma exploratória.

2. Participantes no estudo

Este estudo conta com dois grupos de participantes: um grupo pertencente ao 2º ano do Ensino Básico, constituído por vinte e um alunos, sete do sexo masculino e catorze do sexo feminino, todos com sete anos de idade; e outro grupo no 5º ano do Ensino Básico – 2º CEB, constituído por vinte e sete alunos, catorze do sexo masculino e treze do sexo feminino, com idades compreendidas entre dez e onze anos. No capítulo da intervenção, encontra-se uma descrição mais detalhada do contexto e a caracterização da turma.

Por um lado, participam neste estudo, de modo direto, a estagiária, o seu par pedagógico e as professoras cooperantes do 1ºCEB e do 2ºCEB.

Por outro lado, considera-se que toda a comunidade educativa participa indiretamente na observação/avaliação deste contexto.

3. Instrumentos de recolha e tratamento de dados

“As observações sociológicas incidem sobre os comportamentos dos actores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhes subjazem” (Quivy e Campenhoudt, 2008:23). Para esta observação ser mais eficaz, foi necessário recorrer a alguns instrumentos.

Durante este estudo, foi indispensável analisar documentos para entender o contexto em que os grupos se inseriam, como o Projeto Educativo (PE), o Regulamento Interno (RI), o Plano de Trabalho de Turma (PTT) e o Plano Anual de Atividades (PAA), porém nem todos foram facultados pelas professoras cooperantes.

No início do estágio foi elaborado um inquérito por questionário aos alunos do 1º CEB, com o objetivo de conhecer melhor os seus interesses e ajudando na planificação das aulas. Os dados obtidos, foram tratados em Excel e transformados em gráficos para uma melhor perceção dos mesmos. Foi também analisado um inquérito por questionário fornecido pela professora cooperante do 1º CEB, que espelhava algumas características do ambiente familiar de cada aluno, bem como hábitos e atividades dos tempos livres.

O acesso ao PTT referente à turma do 2º CEB facilitou a compreensão do passado escolar da turma; os alunos a considerar com algum tipo de dificuldade; a estratégia educativa global da turma; os objetivos gerais e transversais a atingir pelos alunos; e a planificação das atividades letivas e não letivas.

Neste sentido, os objetivos principais deste estudo são “o conhecimento de uma população: condições e modos de vida, comportamentos, valores ou opiniões. A análise de um fenómeno social que se julga apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão” (Quivy e Campenhoudt, 2008:23).

Para o “trabalho de campo” foram utilizadas grelhas de avaliação que permitiram chegar a uma avaliação ipsativa de cada aluno, identificando especificamente as suas dificuldades e impulsionando-os para a sua melhoria, comparando “o antes” com o “depois”. Para esta análise também foi utilizada no 1º CEB, uma grelha de autoavaliação, que sofreu várias alterações até chegar à melhor forma de análise de cada um. Este instrumento também surgiu como uma mais-valia para a estagiária, pois assim, obteve o *feedback* de cada aluno sobre a sua própria reflexão/autoavaliação no final de cada atividade.

No 2º CEB foi solicitado o preenchimento de uma grelha sobre o desempenho da estagiária. Este será anexado ao seu portefólio individual e considerado para melhorar certos aspetos que só os alunos podem nomear.

Outros instrumentos utilizados para identificar o nível de conhecimento de cada aluno, foram: os trabalhos realizados pelos alunos, as fichas formativas e os desafios de cada área. Sabendo que “a dimensão formativa é, cada vez mais, tida em conta nas teorias e nas práticas avaliativas. Se a pressão social não permite que a função certificadora/classificadora/selectiva seja deixada cair, também é verdade que avaliar é,

de entre os vários sinónimos que se lhe pode encontrar, cada vez mais, melhorar” (Gouveia, 2008:17).

Existiu também uma observação indireta, que contou com os registos de incidentes críticos, as reflexões avaliativas semanais relativas à prática e as reflexões que a estagiária teve necessidades de realizar. Com estes instrumentos, foi criado um portefólio reflexivo, com o objetivo de “desenvolver uma identidade reflexiva”, procurando dirigir a suas reflexões “aos saberes que [a] constituem como profissional, apoiando-se numa cultura de base disciplinar que não dispensa o conhecimento da didáctica e das ciências sociais” (Perrenoud, 2005:2).

Foi ainda construído um projeto alocado a um sítio na internet, que funcionou como impulsionador de novas aprendizagens relativas às diferentes áreas do conhecimento, proporcionando atividades extracurriculares e compreendendo melhor os interesses e motivações de cada aluno. Estas informações foram guardadas na plataforma do Google Drive, através da partilha de questionários realizados em Google DOCS.

As conversas formais e informais com as professoras cooperantes, bem como as orientações tutoriais e os seminários foram fundamentais no apoio da prática, munindo a estagiária de ideias, perspetivas, motivações e fundamentação teórica.

III. INTERVENÇÃO EDUCATIVA

1. Caracterização do Contexto

Neste capítulo é descrito o macrossistema, caracterizando as instituições onde decorreu a intervenção educativa. Para a referida caracterização foram utilizados os seguintes documentos estruturantes: Projeto Educativo (PE), Regulamento Interno (RI), Projeto de Trabalho de Turma (PTT) e Plano Anual de Atividades (PAA).

As instituições educativas são ambas particulares e compreendem uma oferta de ensino desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário. As suas origens remontam a séculos diferentes: a instituição A (onde decorreu o estágio em 1ºCEB) nasceu em 1959, situa-se no centro da cidade do Porto, mais precisamente a noroeste da cidade; e a instituição B (onde se desenvolveu a prática pedagógica em 2º CEB) encontra-se a funcionar desde 2001, na cidade da Maia.

A freguesia do Porto é das mais recentes da cidade e é constituída aproximadamente por 24265 habitantes. As atividades preponderantes são o comércio, a banca e os setores de serviços e, por consequência, os acessos são vários, contando com os transportes públicos como o metro, camionetas e autocarros.

A Cidade da Maia apresenta uma curva de desenvolvimento ascendente nos últimos anos, no que concerne à indústria e serviços; esta cidade conta com uma zona industrial alargada e desenvolvida.

A instituição A apela a um modelo educativo de cariz humanista, enfatizando a educação para os valores e para a cidadania, referido no seu PE "(...)instituição privada de solidariedade social, que desenvolve a sua ação no campo de apoio a crianças, jovens, idosos e doentes" (PE, Instituição A, 2012/2015: 12). Associada às raízes católicas da instituição, esta pretende "promover a formação integral dos alunos, contribuindo para a sua realização pessoal e comunitária de acordo com os valores subjacentes ao espírito da Congregação dos Missionários Redentoristas em que o Externato se insere" (PE, Instituição A, 2012/2015: 6). Não obstante, durante a prática profissional foram raras as oportunidades onde a intencionalidade educativa deste tipo de formação fosse evidente.

A instituição B abarca também a importância dos valores, anteriormente referidos; como é explicitado no seu PE, um dos seus princípios estruturantes é a Solidariedade, que visa "promover a consciência de uma cidadania planetária a partir de nós, do Colégio, do Mundo e da nossa capacidade, pela ação de o tornar melhor".

Outros princípios fundamentais são: a Liberdade que “promove e valoriza a liberdade de pensamento no respeito pela diferença de opiniões e pelo exercício livre da crítica”; este princípio é observável em sala de aula, visto que os professores raramente respondem diretamente às questões dos alunos, pondo em prática um outro princípio contemplado na missão; a Responsabilidade no cumprimento de normas e na promoção do exercício crítico. Na missão institucional há também uma preocupação com a máxima “Educar para o Futuro”, alicerçada numa pedagogia ativa, “com base no conhecimento científico, na dimensão humanista e na vivência democrática, onde os valores da cidadania, solidariedade, inovação e responsabilidade são preponderantes” (PE, Instituição B, 2012/2015).

Na instituição A, os alunos pertencem a uma classe social média/baixa e as despesas são asseguradas pelas famílias dos alunos. Sendo que os pais podem candidatar-se e ser abrangidos pelos contratos de apoio social, a instituição tem parceria com o estado para integrar alunos com dificuldades económicas. Já na instituição B, os alunos pertencem a uma classe média/alta, apostando numa formação exigente e de excelência.

O PE da instituição A prevê que exista uma “cooperação entre a escola, a família e o meio, diversificando a participação dos Encarregados de Educação/Pais”, cuja finalidade é envolver a “comunidade educativa em ações direcionadas para o papel da família na aprendizagem e para uma cultura de aprendizagem ao longo da vida”. Durante a intervenção foram apenas observadas duas atividades de integração dos pais: a realização da Feira dos Saberes, aberta a toda a comunidade e com o objetivo de comunicar o trabalho realizado e a exposição das velas de Natal. Caso os Encarregados de Educação (EE) necessitem de obter mais/outras informações sobre o seu educando, podem sempre reunir com a professora titular de turma, durante a respetiva hora de atendimento semanal.

Por outro lado, a instituição B permite que os EE participem ativamente nas dinâmicas institucionais, não só em atividades que os envolvem, mas também em atividades desenvolvidas pelos alunos, sendo convidados para o efeito. Tal acontece “num clima de relação aberta”, onde “pais e educadores/professores constroem um espaço de confiança, condição essencial para uma ação educativa participada” (PE, Instituição A, 2012/2015). Deste modo, os EE colaboram numa variedade de eventos, como é o exemplo da aula aberta de filosofia para EE ou em efemérides como a festa de Natal. Nesta instituição, a comunidade educativa usufrui da plataforma Portal eletrónica - *e-Schooling* -, onde são registadas diversas informações escolares, tais

como: as classificações do educando, as faltas, as marcações de testes, o horário escolar, o calendário para o corrente ano letivo, entre outras.

Relativamente aos recursos humanos, na instituição A conta com 2 auxiliares, 5 professoras e 82 alunos, de acordo com os dados de 2012 coligidos no PE. Já no que diz respeito à instituição B existem três turmas de 5º ano, perfazendo um total de 76 alunos e três turmas de 6ºano. O 2ºCEB contabiliza 3 auxiliares e um/dois professor(es) por disciplina.

Ambas as instituições distribuem os seus ciclos de estudos por três pavilhões diferenciados. Os recursos físicos do pavilhão do 1º CEB da instituição A são: quatro salas de aula, uma ludoteca, uma sala de professores e quatro salas não específicas. Para além disto, partilha com os restantes ciclos as seguintes infraestruturas: o pátio exterior; o refeitório; o ginásio; o pavilhão; a capela; o gabinete médico e o cinema estúdio. Sendo que, destes espaços, os alunos usufruem mais frequentemente do pátio exterior (quando as condições climáticas assim o permitem) e de uma sala não específica para recreio, bem como de uma sala não específica para as aulas de expressões. Em comparação com a instituição anterior, a instituição B, disponibiliza 6 salas para o 2ºCEB, uma sala de professores, um laboratório, bem como outras infraestruturas que partilham com os demais ciclos, sendo elas: o pátio exterior; o campo de jogos exterior e interior; o refeitório e bar; o auditório. Estes espaços são usualmente utilizados pelos alunos. Desfrutam, ainda, de uma biblioteca, disponibilizando “serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação” (PE, Instituição B, 2012/2015); de um Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação, onde os alunos realizam atividade relacionadas com estas tecnologias, permitindo “desenvolver a autonomia e as competências de análise e reflexão dos alunos”; há salas de estudo disponíveis para o 1º e 2º CEB, assim como um serviço opcional dos EE e/ou também poderá ser aconselhado pelo professor titular de turma.

A organização das instituições respeitam o estipulado na legislação em vigor, tendo em conta os órgãos de gestão e administração (Anexo 1).

No PAA da instituição de 1ºCEB são definidos vários objetivos, a saber: fomentar a integração dos alunos na escola e na comunidade; promover a articulação inter-ciclos e educar para os valores. Estas atividades estão de acordo com o PE. Os valores presentes nas atividades variadas envolvem os alunos, como podemos verificar, através da observação das interações entre eles, aquando a realização destas atividades

(Anexo 2). Na instituição B, os objetivos principais são: a promoção de “itinerários e projetos de vida, numa perspectiva de formação de cidadãos conscientes”; “uma cultura de liberdade responsável, atento à diversidade dos seus alunos”; inclusão da realização de todos e com todos; e a “autonomia e desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos” (PAA, Instituição B, 2012/2015).

Na instituição de 2ºCEB, para além das atividades de enriquecimento curricular - o Inglês suplementar, hora da leitura e da escrita e os clubes gratuitos – os alunos têm a oportunidade de frequentar o Clube de fotografia, o Clube de Artes, o Clube das Ciências e o Clube de Dramática. Existem, no presente ano letivo, atividades extracurriculares, estimulando o “desenvolvimento integral e harmonioso das suas crianças e alunos”, tais como: o AcroKids, Ballet, Capoeira, Escola de Futebol, Flauta transversal e Guitarra.

No que concerne às atividades, a instituição A em comparação com a instituição B, concilia menos ofertas para os seus alunos, sendo estas: o Inglês, Educação Física, Horta Pedagógica, Hora do Conto, Área de Projeto, Olimpíadas da Matemática e concurso Canguru da Matemática. Quanto à Horta Pedagógica, a instituição tem um protocolo com a Quinta do Covelo, onde todas as turmas têm um espaço/jardim para cuidar. Estas visitas seriam realizadas uma vez por mês, porém, durante este estágio só foi observada uma visita. O 1ºCEB concilia ainda um Projeto de Cidadania Ativa com os seguintes objetivos: “articulação entre os diversos setores da instituição; desenvolvimento e promoção de cidadãos ativos numa democracia participativa; desenvolvimento do espírito crítico e conhecimento e aceitação da diferença” (PE da instituição A, 2012/2015). Neste sentido, todas as semanas existe uma hora para trabalhar esta disciplina e, para isso, os professores seguem uma planificação anual realizada em conjunto com a psicóloga da instituição. No entanto, estas aulas são um pouco prejudicadas pela falta de tempo semanal para as disciplinas autónomas.

Na instituição de 2º CEB, existe ainda uma rede de serviços integrados: Serviço de Psicologia, Educação e Desenvolvimento; Serviço de Nutrição, Alimentação e Saúde; Serviço de Desporto, Atividade Física e Bem Viver.

Com estes serviços “pretende-se o acompanhamento do Indivíduo (aluno e profissional), ao longo do seu desenvolvimento numa perspectiva holística de bem-estar físico, psicológico e social” (PAA Instituição B, 2012/2015). Os objetivos gerais destas iniciativas, de acordo com o PE (2012/2015), são: “melhorar a qualidade de vida dos alunos e famílias através da centralização de recursos especializados no espaço educativo; proporcionar uma articulação rápida e eficaz entre a sinalização de

dificuldades sentidas ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento normativo e a intervenção pontual ou prolongada em contexto de escola; melhorar o bem-estar dos profissionais que colaboram na instituição, desenvolvendo relações profissionais (de proximidade, de colaboração, interajuda e companheirismo), avaliando e intervindo precocemente nos designados riscos psicossociais”.

2. Caracterização das Turmas

É primordial o conhecimento do contexto e do enquadramento social, económico e familiar em que os alunos se inserem para a realização de todo o trabalho. Porém, não faria sentido planearmos o método de ensino sem conhecermos os nossos alunos. É, então, fundamental a caracterização das turmas segundo diferentes parâmetros e aspetos.

O alvo de observação e de intervenção pedagógica no 1º CEB é uma turma do 2º ano de escolaridade. Esta é constituída por 21 alunos, sendo sete do sexo masculino e catorze do sexo feminino, todos na faixa etária dos setes anos. A turma do 2º CEB, mais precisamente de 5.º ano de escolaridade, é formada por vinte e sete alunos, dezassete do sexo feminino e dez do sexo masculino, encontrando-se na faixa etária dos 10 anos de idade.

Ambas as turmas, caracterizam-se pela sua heterogeneidade, dado que nelas existem alunos com diferentes ritmos de trabalho e aprendizagem, sendo mais notória na turma de 1º CEB.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo das turmas nas diversas áreas, constata-se a existência de carências, em termos gerais, nos alunos do 1º CEB, segundo o professor titular de turma, contando com um desfasamento na aprendizagem relativamente às metas de aprendizagem esperadas neste ciclo. Facto que, pelo contrário, não se verifica na turma de 2º CEB, pois estes alunos estão predispostos para o nível acima do esperado a Diretora de Turma.

De forma geral, na turma de 1º CEB os alunos são calmos e participativos. Contudo, existem dois pequenos grupos que se destacam, a saber: um grupo, mostrando-se bastante interessado (Anexo 3) e outro manifestando maior dificuldade de aprendizagem e de concentração, insistindo em conversas paralelas que perturbam o bom funcionamento da aula.

Esta turma é acompanhada pela professora desde a entrada neste ciclo, podendo-se observar métodos e regras adquiridas anteriormente. Esta relação

carateriza-se pela manifestação de laços afetivos e comportamentos de deleito pela professora. No entanto, a professora mantém por vezes um afastamento, tentando que os alunos tenham a sua própria autonomia (Anexo 4 e 5- ponto 2).

É evidente a relação de confiança e de respeito que existe entre a professora de 1º CEB e os alunos, tendo em conta que esta relembra diariamente a importância das regras de sala de aula e de bom comportamento, bem como o esforço necessário para atingir os níveis de desempenho esperados.

Através do inquérito realizado aos alunos e aos EE no início do ano, foi possível obter algumas informações úteis (Anexo 6 e 7). A maioria dos alunos reside no concelho do Porto. No entanto, existem três alunos que chegam frequentemente atrasados (entre dez a quinze minutos), o que implica a perda da introdução da aula que serve para anunciar a estrutura das atividades a realizar durante o dia.

A turma de 1º CEB, quanto à Matemática, os alunos leem e representam números até 1000, compreendem a tabuada do 2 e a adição com facilidade. Podem-se observar diversas dificuldades na subtração, pois nesta faixa etária os alunos têm dificuldade na reversibilidade e na realização de problemas, porque necessitam de interpretação (Anexo 3). A maioria dos alunos considera ser esta disciplina a sua favorita, como podemos verificar no inquérito efetuado.

Relativamente ao Estudo do Meio na turma de 1º CEB, os alunos são motivados e interessados. De um modo geral, conhecem os cuidados a ter com os espaços de uso comum; conhecem as normas de higiene no vestuário, nos alimentos e no corpo; identificam os cinco sentidos e respetivos órgãos. Demonstram dificuldades nos itinerários e nas formas de harmonização de conflito e diálogo (Anexo 3). Para esta aula só estão disponíveis três horas e quarenta e cinco minutos por semana, sendo que uma destas horas serve para lecionar a disciplina de Cidadania (explicada mais a baixo neste capítulo).

Relativamente ao Português, os alunos revelam dificuldades a nível da leitura, mais precisamente, quanto à fluência e ao reconhecimento de palavras, bem como alguns ainda ignoram a pontuação, apresentam hesitações e descodificam com dificuldade palavras mais comuns (Anexo 8).

No que diz respeito às Expressões, a turma de 1º CEB demonstra entusiasmo tanto nas aulas de expressão dramática, como plástica ou motora, talvez devido ao facto de não usufruírem de mais nenhuma aula desta índole durante a semana. No entanto, não existe exploração da expressão musical. Segundo o inquérito feito aos EE, existem

alunos que frequentam outras atividades, sendo que três jogam futebol, dois jogam basquetebol e há ainda duas alunas que tocam guitarra e pertencem a um grupo coral.

A nível das relações entre alunos, podemos considerar são bastante preocupados com o outro e têm um grande espírito de partilha, como podemos verificar na descrição do intervalo (Anexo 2 e 5).

Por um lado, os alunos observados estão quase todos juntos desde o pré-escolar e desde cedo criam laços de companheirismo e amizade que fazem com que todo tipo de interação aconteça naturalmente. O apoio é quase automático da parte de todos, pois é muito importante que haja um espírito de cooperação por forma a obter melhores resultados individuais e de grupo (Niza, 2000). Por outro lado, nos momentos de avaliação observa-se uma natural competitividade, como podemos confirmar nas aulas em que é utilizada a “Árvore dos Desafios” (Anexo 9).

A disciplina de Cidadania foi implementada pela instituição e conta com uma hora semanal para tratar de conceitos relativos a esta área. Na entrevista realizada à professora cooperante esta afirma que:

“a cidadania ativa é aquela disciplina que se pode escolher o que é mais conveniente para os alunos. E pronto, temos feito trabalhos... Como é que trabalhamos? Trabalhamos com orientação da Dra. Rita Ribeira que é a psicóloga da escola. Ela orientou-nos algumas atividades para fazer, mas também, às vezes, é mesmo saber lidar com o dia-a-dia e com as situações que eles têm no recreio e saber resolver tendo em conta os princípios de cidadania” (Anexo 10).

Por outras palavras, esta disciplina tem como finalidade a realização de trabalhos e participação no planeamento destes. De um modo geral, os alunos envolvem-se nas atividades e mostram interesse quando o conteúdo vai ao encontro dos seus problemas. Durante a intervenção educativa foi possível observar que quando os conteúdos das áreas obrigatórias não eram terminados, a aula de cidadania era utilizada com esse objetivo.

Como é característica da instituição A, os alunos não levam trabalhos para realizar em casa e, no inquérito realizado aos EE, todos admitiram apoiar os alunos em casa e a maioria afirma que cada aluno estuda no mínimo 30 minutos por dia, o que por vezes não se verifica quando questionados. É de notar que os alunos cujos EE têm habilitações superiores, são mais dedicados nas tarefas de estudo em casa, podendo verificar-se evidências através dos mesmos, pois sentem-se na obrigação de mostrar esse trabalho ao professor.

Analisando as dinâmicas da instituição B, como existe uma organização e marcação dos trabalhos de casa em dias específicos constata-se que os alunos procedem à sua realização com empenho e distinção (Anexo 54). Para consolidação das matérias os professores disponibilizam fichas facultativas.

No que diz respeito ao 2º CEB, segundo o PTT, existem situações a considerar no que toca ao desempenho de um pequeno grupo de alunos, como problemas de pontualidade e concentração; dificuldades de aprendizagem; falta de integração na turma/colégio; falta de métodos de estudo, hábitos de trabalho e de confiança.

Para além da atenção dada pelos professores aos alunos em sala de aula, estes ainda usufruem de um horário semanal de apoio a todas as disciplinas.

Um distinto aspeto que foi possível observar, logo nas primeiras aulas, é a constante participação aliciante da turma, demonstrando confiança e otimismo, procurando apurar o seu sentido crítico (Anexo 54). Pode-se constatar que os alunos têm métodos de estudo bem vinculados e fazem questão de comunicar aos professores sempre que realizam uma atividade extra. É de notar a capacidade de comunicação dos alunos, bem como os discursos elaborados e interessantes que produzem. Importa também referir que as regras mais importantes de sala de aula são cumpridas pelos alunos, como por exemplo: levantar com permissão do professor; bater à porta e pedir licença para entrar; (...) (Anexo 54).

Estes alunos estão predispostos para o exercício de atividades de raciocínio, pois os professores desta instituição não respondem diretamente às questões colocadas e procuram obter opiniões fundamentadas. Os alunos mantêm uma atitude de comprometimento quanto ao material e à pontualidade, sendo que, os professores asseguram este rigor, registando faltas de material e de atraso.

Na disciplina de Português, os alunos estão muito envolvidos, certamente devido ao apoio que tiveram no 1º CEB, quer com o professor titular, quer com um professor de 2ªCEB (Anexo 5). Em conversa informal com a docente, esta explicou que no quarto ano estes alunos tiveram apoio de uma professora de 2º CEB que lecionava em simultâneo com a professora de 1º CEB. A escrita é um ponto forte destes alunos, verificando-se a coesão e a articulação dos textos, bem como a variedade de vocabulário (Anexo 54). A docente criou também um passaporte de leitura que serve para registar os livros que os alunos leem e a atribuição de cotação sobre a sua qualidade. Nesta disciplina, a maioria da turma é capaz de: interpretar discursos orais breves; utilizar procedimentos para registar e reter a informação; produzir discursos orais com diferentes finalidades e com coerência; apresentar argumentos; compreender o sentido dos textos; organizar a informação contida no texto e escrever todos os tipos de texto (Anexo 54).

No que concerne à disciplina de Matemática, os alunos demonstram gosto na resolução de exercícios no quadro e na investigação de novos conteúdos. A relação

com a docente é de proximidade e esta demonstra empatia pelos alunos (Anexo 5). Em conversa informal com a professora, verificou-se que de modo geral, a turma tem aproveitamento considerado muito bom. Estes alunos conseguem realizar operações com números naturais, envolvendo os problemas de cálculo do mínimo múltiplo comum e do máximo divisor comum de dois números; identificam as propriedades geométricas em ângulos, paralelismo e perpendicularidade e em triângulos e quadriláteros; sabem calcular as áreas envolvendo o cálculo de áreas de figuras planas; calculam as amplitudes dos ângulos e fazem representações e tratamento de dados (Anexo 54).

A disciplina de Ciências Naturais é a que suscita maior curiosidade nos alunos, principalmente os conteúdos relacionados com a biodiversidade e as características dos animais (Anexo 54). Uma grande parte dos alunos realiza investigações em casa sobre estes conteúdos, muitas vezes solicitado pela docente (Anexo 5). Uma das competências a trabalhar nesta disciplina é a organização quando solicitados para o ensino experimental.

No caso da disciplina de História e Geografia de Portugal, os alunos têm uma relação bastante descontraída com a professora e interessam-se por colocar várias questões sobre as diferentes épocas (Anexo 5). Os alunos são capazes de: estabelecer relações entre as formas de organização do território português; reconhecer acontecimentos que produzem alterações na sociedade portuguesa ao longo dos tempos; e situarem os acontecimentos numa barra cronológica. Importa trabalhar competências ao nível do trabalho de grupo (Anexo 54).

3. Intervenção no Contexto

a. O docente observador

“Olhar é transformar (-se), empenhar (-se), implicar (-se), a si mesmo e aos outros” (Vasconcellos, 2007 *cit.* Gonçalves, 2008:72). Este tipo de observação é participante porque “(...) o observador participa na vida do grupo por ele estudado” (Estrela, 1986:32).

O professor deve compreender a situação real do aluno para perceber a estratégia que deve adotar, como menciona Cardoso (2013:217), “quando falamos em perceber, queremos significar não apenas os domínios cognitivos, mas muitos outros, nomeadamente: formas de estar, de trabalhar em grupo, ou mesmo de motivação”.

As duas primeiras semanas de estágio serviram para compreender alguns métodos e estratégias utilizadas pelas professoras cooperantes. Para conseguir registar todas as características observáveis, a estagiária elaborou reflexões para o 1º e 2º CEB, onde descreveu todas as aulas observadas e, posteriormente, refletiu sobre estas. Tal como defende Bell (2005:185), “as observer, we filter the material we obtains from observation and that can lead us to impose our own interpretations on what is observed”.

A estagiária conseguiu entender como começam as aulas – acolhimento, quais os hábitos dos alunos, qual o horário real de início das aulas, como é que as aulas são iniciadas e o tipo de rotinas já existentes.

No 1º CEB, a questão da escrita da data e do abecedário, é uma rotina adquirida pois os alunos fazem-no sem qualquer indicação do professor e logo que chegam à sala de aula. O início da semana estes alunos têm uma tarefa a realizar: colocação do peixe dos comportamentos na parede.

“os alunos colocam na parede o desenho de um peixe, decorado por cada um e com a sua fotografia. Consoante os seu comportamento durante a semana, levam o peixe no fim-de-semana, ora com uma estrela por bom comportamento, ora uma cruz, por mau comportamento” (Anexo 13 - Reflexão 1ª semana – 1º CEB).

O sumário, no 1º CEB, é escrito no início do dia mesmo que este esteja dividido por disciplinas, ao contrário do que acontece no 2º CEB, onde o sumário é escrito no início de cada aula pelo professor respetivo.

Em conversa informal com a professora cooperante do 1º CEB, esta informou a estagiária que não existia nenhum aluno com necessidades educativas especiais; no entanto, apontou três alunos com maior dificuldade, que carecem de atenção recorrente.

Estas informações também foram fornecidas pelos professores do 2º CEB, à medida que a intervenção foi decorrendo. Com a observação dos alunos, foram construídas reflexões que auxiliaram nesta etapa, como é apresentado a seguir um exemplo:

“Importa também referir que as regras mais importantes de sala de aula são cumpridas pelos alunos, como por exemplo: levantar com permissão do professor; bater à porta e pedir licença para entrar; (...).Os professores deste colégio não respondem diretamente às questões dos alunos, com a finalidade de desenvolver o raciocínio dos mesmos. (...) Em Português os alunos estão muito desenvolvidos, devido ao apoio que tiveram no 1º ciclo. Em conversa informal com a docente, esta explicou que no quarto ano estes alunos tiveram apoio de uma professora de 2º ciclo que lecionava em simultâneo com a professora de 1º ciclo. A escrita é um ponto forte destes alunos, verificando-se a coesão e a articulação dos textos, bem como a variedade de vocabulário. A docente criou também um passaporte de leitura, que serve para registar os livros que os alunos leem e a atribuição de cotação sobre a sua qualidade” (Anexo 14 - Reflexão 1ª semana - 2º CEB).

A estagiária entendeu a relevância das indicações que devem ser dadas aos alunos do 2º ano de escolaridade, no que se refere ao momento de abertura do livro ou do caderno e vice-versa. Isto acontece também com a indicação sobre as linhas de intervalo, as páginas em branco no caderno, os avanços nos inícios dos parágrafos, os títulos sublinhados a cores, ou ainda algumas regras de sala de aula. No caso da turma de 5.º ano, os alunos necessitam de certas indicações, porém referentes aos momentos de mudança de tarefa.

No intervalo observado em contexto de 1º CEB, todos os alunos partilham o lanche da manhã com as professoras e colegas (Anexo 2). Ao observar o tempo de intervalo destes alunos, a estagiária constatou que os alunos realizam brincadeiras em grupo e interativamente uns com os outros. No 2º CEB, é notório que as brincadeiras são diversificadas e os alunos estão divididos em grupos por género (Anexo 5). Depois do intervalo, a professora do 1º CEB, fornece algum tempo para relaxamento. Esta estratégia auxilia bastante a criar um ambiente propício. Esta rotina não é necessária no 2º CEB, pois os alunos ao entrarem na sala de aula demonstram uma maturidade adquirida em anos anteriores.

Com a observação da dinâmica de 2º CEB, a estagiária percecionou as diferenças e os métodos de trabalho utilizados pelas professoras cooperantes, bem como os recursos utilizados, registando-os para seu auxílio.

“Na disciplina de Ciências, a docente utiliza muitos esquemas e desenhos para explicitar a matéria. Recorre a slides de power point de introdução à matéria. Esta é a disciplina que suscita maior curiosidade aos alunos. Em História e Geografia de Portugal, os alunos têm uma relação bastante descontraída com a professora e interessam-se por colocar várias questões. A docente utiliza vídeos da escola virtual, recorrendo à Porto Editora” (Anexo 14 - Reflexão 1º e 2º semana- 2º CEB).

Para uma avaliação inicial foram realizadas *checklist* para verificar diversos aspetos como por exemplo, os recursos materiais e humanos, as relações professor-aluno e aluno-aluno (Anexo 5).

No decorrer desta intervenção a estagiária foi elaborando registos de observação que serão explanados mais à frente.

b. O docente e a planificação

Segundo Moyles (2011:59), o professor planeia as aulas, pensando em três pontos importantes:

“Children’s existing (individual and collective) knowledge, children’s understanding of their own learning (metacognition), children’s interests (often specific to the age group), and children’s emotional responses to learning; curriculum intensions (the

Empatia, Dedicção, União, Criatividade, Alegria, Responsabilidade: uma fórmula eficaz?

legislated curriculum, school's guidelines and things that have meaning for children; and the teacher's own interests, motivations and professional responsibilities”.

Por outras palavras, o professor planeia as aulas, respeitando o conhecimento, interesses e respostas do aluno; as intensões do currículo; e interesses, motivações e responsabilidades dele próprio.

A professora estagiária, na intervenção do 1º CEB, decidiu planificar, utilizando grelhas (modelo linear) com uma esquematização mais organizada, porém acrescentou sempre que necessário uma operacionalização para apurar melhor as atividades. Estas planificações contam com os conteúdos, as metas de aprendizagem e descritores de desempenho, as atividades e a modalidade de trabalho, os recursos, a distribuição do tempo e a avaliação. A estagiária foi aprimorando as suas planificações, podendo notar-se uma evolução entre as iniciais (Anexo 11) e as últimas (Anexo 12). Por vezes é necessário acrescentar anexos com conteúdos ou mesmo o próprio discurso pormenorizado.

As planificações do 1º CEB foram realizadas de uma semana para a seguinte, para três dias inteiros lecionando todas as áreas curriculares. Esta elaboração teve a aprovação prévia da professora cooperante e da supervisora.

No que diz respeito à intervenção no 2º CEB, a estagiária decidiu mudar de estratégia e planificar através de grelhas não lineares, onde o foco é a atividade a desenvolver. Estes documentos expõe as atividades e recursos necessários; as finalidades desejadas, bem como os descritores de desempenho/metabol e, por fim, as estratégias avaliativas (Anexo 15).

Nesta fase, é imperativo questionar qual(ais) a(s) estratégia(as) mais eficaz(es) para os alunos aprenderem, como reitera Cardoso (2012:148-149):

“Quais as analogias que usará, quais os meios que poderão ser aconselháveis (vídeo, PowerPoint, Prezi, texto, imagem, sítios da Internet) para que eles melhor interiorizem o que vai ser ensinado. Podem também ser pensadas actividades, materiais e recursos a serem usados para ajudar os estudantes a atingir os resultados esperados. Este pensar de actividades não é mais do que conceber uma estratégia”.

No final de uma planificação, é fundamental que o professor reflita sobre a forma de como vai trabalhar em conjunto com os alunos no contexto de aprendizagem.

Janet Moyles (2011) enumera diferentes fases que apoiam este processo, colocando as seguintes questões.

1 *Entering strategy*: De que ponto é que vou começar? Qual a introdução da aula?

2 *Exploration mode*: Que tipo de explorações é que podemos realizar com os alunos? Quais os materiais ou recursos é que estão disponíveis? Como vamos começar?

3 *Content*: Como é que os alunos sabem que estão a entender tão bem como era esperado?

4 *Ownership and responsibility*: Em que nível é que cada aluno está? Quais as responsabilidades e como é que os alunos esperam ser avaliados?

5 *Teaching strategies*: Qual o modelo de trabalho do professor? Como é que vai interagir nas atividades e como é que estas são orientadas?

6 *Evaluation and analysis*: Quem, quando e como é que se observa que a criança esta a aprender os conceitos de acordo com os objetivos? Mais alguns adultos estarão envolvidos na observação? Quem? Durante quais atividades?

7 *Reflection/Review/ Feedback mode*: Quais oportunidades é que foram providenciadas para o aluno refletir na sua aprendizagem e participar no *feedback*, avaliação ou análise?

8 *Justification*: Qual a qualidade e *standard* é que o professor esperava? Quais os critérios de sucesso é que foram usados? Como é que isto foi comunicado aos alunos?

Foi nossa intenção ter em conta os parâmetros anteriores na consolidação das planificações e, após esta reflexão, surgem algumas questões que importa considerar como por exemplo, a participação dos alunos nesta planificação.

Os alunos devem participar destas tarefas, deixando que sejam eles próprios os responsáveis pelo envolvimento no processo ensino-aprendizagem. Segundo Mary Kellett (*cit. Moyles, 2011:60*), “there needs to be meaningful participation and involvement in decision-making processes. Participation is the act of doing and being involved while voice is the right to free expression of views that may, or may not emanate from participation”.

Para planificar, a professora estagiária tinha em conta os conteúdos que as professoras cooperantes lhe forneciam e, de seguida, elaborava um rascunho de planificação, concretizando por fim a planificação.

É de salientar que nem sempre as planificações foram seguidas à risca por, em alguns casos, ser importante considerar os interesses ou dificuldades dos alunos. Deste modo, não faria sentido seguir a planificação de forma rígida, dado que estas devem ser flexíveis.

Na verdade, torna-se necessária uma gestão do tempo relativa à parte expositiva do ensino da matéria do conhecimento em si e do tempo para sínteses parciais e finais ou para contar uma história que possa ilustrar algo que se está a ensinar. Caso contrário, o docente corre o risco de perder a atenção da turma e de gerar desmotivação. Por isso, procurou-se recorrer ao método ativo tendo em conta que os alunos são envolvidos na aprendizagem e partem à descoberta por si mesmos.

c. A ação do docente

Após a observação e planificação das atividades, a estagiária colocou em prática as atividades planeadas.

No que respeita à intervenção do 1º CEB, numa das aulas de estudo do meio foi preconizado o ensino experimental das ciências que a estagiária considera de elevada relevância no desenvolvimento integral do aluno, como tão bem defende Quinta e Costa (2008:126), “na realização de experiências, a manipulação de materiais permite às crianças uma melhor aquisição dos conceitos”. Deste modo, foram abordados os cinco sentidos e os órgãos respetivos, com o objetivo de perceber quais os alimentos, objetos, imagens e sons que os alunos conseguiam detetar (Anexo 11). Esta aula dividiu-se em quatro partes: a primeira parte consistiu na introdução da atividade, onde foi feita uma revisão oral da matéria, como forma de motivação os alunos foram declarados “mini-investigadores”; a segunda e terceira parte tratou-se da execução da atividade, portanto os alunos começaram por ser divididos em grupos e cada grupo teria de passar por três fases. A primeira fase era de identificação de imagens e sons, seguidamente os alunos preenchiem a grelha de previsão, a segunda e terceira fase os alunos passavam pela banca, onde de olhos vendados, tateavam objetos, cheiravam e provavam alimentos, de seguida realizaram o preenchimento da grelha (Anexo 11). Nesta atividade a estagiária fomentou o trabalho de grupo e gosto pelas ciências. Para finalizar, e na quarta parte da aula, a estagiária solicitou cada aluno para conversar sobre a sua grelha e efetuou um pequeno registo no quadro. Por fim, revelou quais os ingredientes existentes nas bancas e entregou a ficha para consolidação da matéria. Esta atividade só foi possível com apoio do par pedagógico que orientava os alunos na realização de uma ficha, enquanto alguns estavam na banca das experiências (Anexo 16).

Através deste tipo de atividades, os alunos tornam-se agentes “ativos e conscientes do seu processo de aprendizagem” (Oliveira e Machado *et al.*, 2007: 47).

Uma outra intervenção na área de Estudo do Meio foi a importância da água (Anexo 12) (Anexo 17).

A aula iniciou-se com a visualização de um documentário bastante alarmante sobre a importância da água. De seguida, a estagiária fez algumas perguntas sobre o tema do vídeo, em concreto sobre a importância da água e as consequências do uso indevido desta. A professora estagiária constatou, experienciando tanto no 1º como no 2º CEB, que as perguntas são um ótimo método para ajudar os alunos a pensar e a construir conhecimento, como referencia Estanqueiro (2012:43): “as perguntas do professor têm um grande potencial pedagógico, são um dos processos mais simples e eficazes para educar os alunos, envolvendo-os na aula”. Os alunos foram respondendo e fizeram um registo no caderno. Este registo serviu para o preenchimento de um panfleto sobre a importância da água, na aula seguinte.

Descrevendo as atividades mais significativas na área das Ciências, podemos relembrar a aula de 2º CEB onde foi realizada uma experiência laboratorial, a qual tinha como finalidade: descobrir o comportamento da minhocas quando expostas à humidade e à luz (Anexo 18). Esta atividade foi realizada no laboratório da instituição B e foram os próprios alunos a preparar os dois ambientes para as minhocas. De seguida, a turma preocupou-se em preencher a ficha de registo da atividade experimental (Anexo 19). Enquanto esperavam pela observação dos resultados, a estagiária introduziu outro conteúdo: a biodiversidade de seres vivos. Esta parte da aula contou com uma atividade de completamento de um mapa com os animais mais emblemáticos de Portugal. Esta dinâmica serviu para os alunos ficarem com uma ideia da diversidade de animais que habitam no nosso país, bem como perceberem o mapa, nomeadamente os seus distritos e localização (Anexo 20). Tal como refere uma das diretrizes do ME (Decreto-lei 241/2001 de 30 de agosto), “[o professor] promove a apropriação de referentes espaciais (...), que permitem aos alunos construir a sua identidade e situar-se no tempo e no espaço local, nacional e mundial, com recurso a elementos (...) da geografia”. No final desta aula, foi distribuída uma ficha informativa com todos os conteúdos abordados na aula (Anexo 21).

Foi ainda, lecionada nesta área, a importância da classificação dos seres vivos. Como introdução ao tema, os alunos começaram por responder a algumas questões colocadas pela estagiária, sobre o significado de classificação e critérios e sobre a importância da divisão dos seres vivos em grupos, mediante as suas características. A turma foi dividida em grupos de quatro elementos. A cada grupo foram dadas imagens de seres vivos aleatórios e após a explicação dos seres que pertencem aos diferentes

reinos existentes, os alunos classificaram cada ser quanto ao reino. Por fim, quando todos os grupos terminaram, foi construído um cartaz com os diferentes reinos (Anexo 22).

A intervenção no 1º CEB, na área do Português, foi realizada uma atividade de exploração do texto poético, tendo em conta o conhecimento prévio da turma. Como a estagiária sabia que os alunos não gostavam deste tema, decidiu relacionar a poesia com a música, utilizando as características do texto poético e algum tipo de musicalidade, criando assim uma quadra com o apoio à rima. De acordo com Bastos, “uma das formas de tornar a produção poética não só mais conhecida, mas também mais amada [é através da] aliança poesia-canto” (2000:180). Os alunos mostraram-se recetivos, participativos e motivados, na medida em que começaram a criar as suas próprias rimas, envolvendo todo o grupo na cantoria. Esta atividade provocou “a ação consciente e voluntária dos formandos” (Oliveira e Machado *et al.*, 2007: 48). Nesta aula, foi utilizado o método expositivo para transmissão das características do texto poético.

No seguimento desta aula, os alunos mostraram-se entusiasmados neste tipo de texto e a estagiária propôs uma rotina para o início de todas as suas aulas: leitura de um poema em voz alta por cada aluno. “Só o entusiasmo autêntico é contagiante. O professor motiva, se estiver motivado. Entusiasma, se estiver entusiasmado” (Estanqueiro, 2012:32). Esta estratégia provocou o empenho dos alunos pela leitura de textos poéticos e o interesse pelos diversos autores que posteriormente foram trazendo para partilhar. Foi possível que todos os alunos participassem nesta rotina, assim, cada um escolhia um livro ao seu gosto, fazia a sua leitura no início da aula e ainda apresentava o respetivo autor e editora. Para consolidar esta atividade a estagiária questionava sempre os alunos sobre a existência de uma mensagem ou apenas para interpretação do texto.

Durante esta semana ainda foi lecionado o tipo de rima cruzada e emparelhada com o preenchimento de poemas com lacunas, poemas criados pelos alunos, ou simples realizações de fichas formativas (Anexo 23). O *feedback*, por parte dos alunos, foi bastante positivo. Desta forma, são apresentados alguns dos comentários efetuados pelos alunos: “Pensava que a poesia era uma seca. Mas, afinal até é fixe!”; “Eu gostei, porque podemos cantar... podemos recortar...inventar rimas”. Outra verificação do sucesso desta aula foi a análise das fichas de autoavaliações “Já sei” (Anexo 25 e 26), onde apenas um aluno colocou que não sabia o que era um verso e quanto às palavras que rimam, 9 alunos colocaram que ainda não tinham entendido bem porquê que algumas palavras não rimam.

Uma atividade também estimulante para os alunos do 2º ano, foi a investigação de palavras da família. Mais uma vez os alunos fingiram ser mini-investigadores. A estagiária começou por perguntar o que seriam as palavras da família e depois explicou o conceito através de uma árvore com palavras da família de mar (palavras que aproveitou de um poema dado anteriormente). Para os alunos colocarem em prática esta nova aprendizagem, foi-lhes proposta uma investigação de palavras da família da palavra inscrita num cartão atribuído a cada aluno. Cabia, a cada um, a procura de palavras da família dessa palavra. Uma forma de auxílio foi a projeção de um quadro com 50 palavras diferentes que se relacionavam com as palavras propostas aos alunos (Anexo 27).

No que toca às experiências vividas na instituição B, relativas a esta mesma área, são exemplos:

A aula de produção escrita com o apoio de um dispositivo pedagógico. Inicialmente, a estagiária apresentou o dispositivo como forma de motivação e servindo como orientação do tempo, espaço e personagens, este tinha o formato de uma roleta como podemos verificar no anexo 28. Foram colocadas questões como por exemplo: “Quais são as perguntas a que devem responder na categoria espaço, tempo, personagens e ação? Precisarão de três recursos estilísticos diferentes. Quais são os que conhecem?” (Anexo 29). Sendo assim, a estagiária forneceu aos alunos uma folha com o cabeçalho e as orientações para a escrita do texto (pelo menos um diálogo, uma descrição e três recursos de estilo diferentes). Seguidamente, os alunos rodaram a roleta de cada setor, selecionando assim as partes obrigatórias que deveriam constituir o texto. Os alunos fizeram a planificação do seu texto em esquema, seguido do rascunho do texto, e a sua construção. Enquanto isto, as estagiárias circulavam pela sala para tirarem dúvidas e apoiarem individualmente na sua construção. Nesta aula, a estagiária preocupou-se com o desenvolver da criatividade de cada um, provocando os alunos para o aproveitamento da fruição de ideias, retratando-as nos seus textos, assim como defende Cavalcanti (2006:22), “o mais importante desse momento é que a criança encontre aí o deslumbramento, as aberturas para o novo, as conexões entre as suas lembranças pessoais e a identificação com a humanidade”.

A estagiária planeou ainda outra atividade para desenvolver estas capacidades, o título desta era “Será necessário imaginação na criação de textos poéticos?” (Anexo 30). Esta começou com a leitura e interpretação dos poemas “Poemas da Verdade e da Mentira” de Luísa Ducla Soares. Partindo desta análise, e tendo em conta que estes poemas são bastante divertidos e criativos, a estagiária propôs a criação de um

comentário crítico que respondesse à pergunta central da aula. Nesta aula criou-se um espaço de cooperação pois foi um trabalho de pares e propiciou-se um ambiente de invenção de ideias com sentimentos e emoções. Para finalizar, os alunos partilharam os textos com turma e a criatividade mostrou-se como a aplicação da imaginação, assim como reitera Robinson e Aronica (2011:73), “temos de activar a imaginação para produzirmos algo de novo, para encontrarmos novas soluções para determinados problemas, inclusive para reflectirmos em novos problemas ou novas questões”. Esta aula tornou-se um belo momento de partilha em que todos os alunos se escutaram, respeitando-se entre si e o centro da aprendizagem verificou-se como sendo o próprio aluno.

No 1ºCEB, na área da matemática, foram realizados alguns jogos. Vejamos a título de exemplo: a “Árvore dos Desafios”, realizado individualmente (Anexo 31). Segundo Lopes (1999:23) “é muito mais fácil e eficiente aprender por meio de jogos, (...) o jogo em si possui componentes do quotidiano e o envolvimento desperta o interesse do aprendiz, que se torna sujeito ativo do processo”.

Este jogo consistia na conquista de cinco níveis de trabalho e um nível bónus: a estrela. Para subir um nível tinham de conquistar o nível anterior na “Árvore dos Desafios”. Inicialmente as fotografias dos alunos encontravam-se todas no nível 1 e foram subindo de nível consoante o trabalho realizado individualmente. Para os alunos passarem do nível 5, para a estrela, tinham de conseguir realizar os problemas de subtração todos. Assim que terminassem, a estagiária encorajava estes alunos a auxiliarem os colegas que não tinham terminado. Deste modo, o jogo não era apenas individual, mas um trabalho de turma, onde estes trabalham em união. Quando todos terminavam, todos ganhavam uma estrela que seria colocada numa tabela de meses que se encontrava afixada na parede. Nesta tabela podiam ser colocadas estrelas de comportamento ou de satisfação de trabalho.

Estes desafios cativaram os alunos e fizeram com que a estagiária entendesse de facto as limitações e os tempos de cada aluno. Estas reflexões levaram a estagiária a criar uma “Casa dos Desafios” (Anexo 32). Esta casa continha desafios de Matemática, Português e Estudo do Meio, e o principal objetivo era colmatar as dificuldades sentidas noutras atividades, para além de que cada aluno podia retirar o desafio que quisesse, sendo ele a decidir sobre a sua aprendizagem (Anexo 9).

Todos os meses era crucial a colocação de novos desafios com níveis de dificuldade. Todo este processo também necessitou de um controlo por parte da estagiária, ou seja, uma verificação dos desafios realizados para assim conseguir

proporcionar, a todos, desafios diferentes e cada vez mais ambiciosos. Devido à tardia implementação da “Casa dos Desafios”, não foi possível realizar qualquer verificação, todavia, a estagiária construiu uma *checklist* para cada aluno (Anexo 33).

Ainda outro jogo de Matemática abordado nas aulas foi “Os Números Possíveis”, nesta atividade os alunos estavam divididos em pares e cada par dispunha de quatro capsulas de café com um algarismo diferente e uma folha de registo (Anexo 31). O objetivo era chegar ao maior número possível de casos diferentes em dez minutos. Relativamente à intervenção no 2º CEB, desenvolveram-se algumas atividades no que toca à área da matemática, onde prevaleceu o princípio do Aprender a fazer, das quais: uma das intervenções detinha o tema “Vamos ser investigadores?” (Anexo 34) que vai ao encontro de uma alínea do perfil do professor reiterado pelo Decreto-Lei 240/2001 de 30 de agosto (ME), onde o professor “promove nos alunos o gosto pela matemática, propiciando a articulação entre a matemática e a vida real e incentivando-os a resolver problemas e a explicar os processos de raciocínio”.

A primeira atividade consistiu na descoberta das relações entre os lados de um paralelogramo, através da grelha de investigação com as indicações da estagiária. Os alunos foram divididos em pares e questionados sobre a matéria lecionada anteriormente para auxiliar na investigação. Com o apoio das estagiárias que circularam pela sala, os alunos realizaram a investigação e o respetivo registo na Grelha de Investigação. Na segunda parte da aula, a estagiária distribuiu palhas para a construção de triângulos e explicou que a Grelha de Investigação 2 servia para apontar quais os triângulos eram ou não possíveis de construir com as medidas dos lados fornecidas (Anexo 35). Para a correção desta tarefa, a estagiária recorreu ao *Geogebra*, projetando assim a construção dos possíveis e impossíveis triângulos. Na grelha constava uma linha de conclusões que foi apurada finalizando a aula e, posteriormente, esta grelha foi colada no caderno diário. Estas experiências devem ser adequadas, no sentido de, contribuir para que os alunos adquiram um conjunto de noções indispensáveis para o seu dia-a-dia. Cabe ao professor diversificar os métodos e recursos para transferir responsabilidade aos alunos na execução destas tarefas e estimular o gosto pelas ciências exatas, tal como Nogueira (2013:4315) “as experiências de formação vivenciadas pelos estudantes na aprendizagem da Matemática têm um papel decisivo nas suas conceções sobre esta disciplina, sobre os contextos da sua aprendizagem e sobre as suas próprias capacidades de aprendizagem”.

Devido ao facto dos alunos mostrarem entusiasmo na aula anteriormente exemplificada, a estagiária decidiu planear outra aula com o mesmo tema mas referente

a outro conteúdo. Mais uma vez seguindo as diretrizes do ME (Decreto-Lei 240/2001 de 30 de agosto), o professor “proporciona oportunidades para que os alunos realizem actividades de investigação em matemática, utilizando diversos materiais e tecnologias e desenvolvendo nos educandos a auto-confiança na sua capacidade de trabalhar com a matemática”. Nesta aula (Anexo 36), a estagiária começou por lembrar os conteúdos abordados no 1º CEB sobre os critérios de divisibilidade por 2, por 5 e por 10. De seguida, os alunos realizaram exercícios sobre estes conteúdos. Posteriormente, a estagiária explicou a primeira atividade que consistiu na descoberta dos critérios de divisibilidade por 3, por 4 e por 9, através das grelhas de investigação com as indicações da estagiária. Os alunos realizaram a investigação e o respetivo registo na Grelha de Investigação. Esta grelha, tal como as anteriores, continha uma linha de conclusões e foi colada no caderno diário.

Para consolidar os novos critérios estudados, os alunos realizaram um jogo do Bingo. Neste jogo, enquanto a estagiária lançava um dado com os números relativos aos critérios estudados e consoante este número, os alunos marcavam os números divisíveis existentes no seu cartão. O aluno que marcasse, com mais rapidez, todos os números do cartão, ganhava o jogo. Para finalizar, a estagiária distribuiu uma ficha formativa sobre os critérios de divisibilidade, mas esta foi criada de forma diferente do habitual: o *Cocas* autorregulador da aprendizagem (Anexo 37).

Os alunos do 2º CEB protagonizaram outra aula de matemática, que consistiu na construção de exercícios. Em grupos de quatro, e após a explicação sobre os gráficos de linhas, os alunos foram convidados a elaborar enunciados de exercícios sobre este tema. Todos os grupos conseguiram realizar a tarefa e de forma bastante original. No final, todos resolveram exercícios elaborados pelos outros grupos (Anexo 59).

Na intervenção de 2º CEB, foi lecionada a disciplina de História e Geografia de Portugal, onde se destaca os seguintes exemplos.

Na aula com o tema “Vamos visitar um senhorio?” (Anexo 15), a estagiária organizou a sala em U, para perceber como é que a turma funcionava com este modelo de trabalho e com o intuito de motivar os alunos para a aprendizagem. A sala retratava um salão de um senhorio do séc. XIII em Portugal. Estava decorada com elementos presentes nos antigos salões de um senhorio (iluminação com lamparinas a óleo; mesas decoradas com, pão, carne e peixe, canecas de vinho; tapeçarias a decorar o chão; e a projeção de um vídeo de uma lareira) como se pode visualizar no registo fotográfico (Anexo 38). No centro da sala, posicionava-se uma maquete de um senhorio com todas

as divisões e explicações deste (recurso fornecido pela professora cooperante). Posteriormente, a estagiária explicou o que pretendia com a decoração da sala e questionou os alunos com os seguintes exemplos: “Em que época nos encontramos? Como é que sabemos isso? Neste momento estamos num salão de que grupo social da época? Como é que sabemos isso? Quais são os grupos sociais existentes e como se distribuem na pirâmide? Quais as características principais desses grupos sociais?”. Para os alunos se situarem no tempo foi projetado um friso cronológico e de seguida um vídeo sobre este grupo social e sobre o senhorio, simultaneamente, os alunos, preencheram uma ficha de registo (Anexo 39).

No final desta aula, os alunos assistiam à visita guiada ao senhorio (maqueta), realizada pela estagiária.

Outro exemplo de intervenção nesta área foi lecionação de conteúdos relativos aos aspetos da cultura medieval no séc. XIII e XIV. Mais uma vez esta aula é iniciada com a colocação de questões para de seguida introduzir os novos conteúdos, através da projeção de um vídeo. A estagiária socorreu-se várias vezes da projeção de vídeos sobre a matéria, pois contém vários elementos visuais da época.

Para introdução do novo tema “A cultura portuguesa nos séculos XIII e XIV”, foi discutido o significado de cultura com os alunos e, seguidamente, estes analisaram, a pares, o documento presente no manual que descrevia uma banquete num salão senhorial. De seguida, alguns alunos foram solicitados para a leitura em voz alta do poema (cantiga) escrito por D. Dinis “Ay flores do verde pyno”, que era considerada uma prática constante nestes eventos. A estagiária colocou ainda, uma leitura em latim do poema e projetou outros escritos da época.

Por fim, e para consolidar a matéria abordada, os alunos foram convidados a participar no *Quiz* Histórico. Este jogo foi realizado em grupos de quatro elementos e após a colocação das questões, foi contabilizado o tempo para o grupo conversar e registar a resposta escolhida numa ficha de registo (Anexo 40). A correção foi apresentada no final. Os elementos do grupo que responderam acertadamente a todas as questões foram premiados com um diploma de felicitações (Anexo 41), os restantes receberam um doce pela participação.

Um exemplo de atividade interdisciplinar realizada no 1º CEB foi a realização de uma mousse de castanhas em sala de aluna (Anexo 16). A interdisciplinaridade é uma “prática de ensino que promove o cruzamento dos saberes disciplinares, que suscita o estabelecimento de pontes e articulações entre domínios aparentemente afastado” (Pombo e Guimarães *et al.*, 1993: 16); e o professor de 1ºCEB promove “a integração

de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1º CEB” (ME, Decreto-Lei 240/2001 de 30 de agosto). Esta atividade foi realizada após a leitura e análise do texto instrucional “Mousse de Castanhas” que é sugerido pelo manual. Serviu para trabalhar as características deste texto, as quantidades, peneirando alguns conteúdos de matemática e o ensino experimental. Por fim, os alunos ainda realizaram uma ilustração das quatro etapas principais desta receita.

Foram realizadas aulas de expressões, dramática, motora e plástica (Anexo 42). Estas aulas foram bastante curtas, contudo foram nestas áreas que os alunos mais se libertaram (Anexo 43). São objetivos do ensino básico explícitos nos artigos 7.º e 8.º da Lei n.º 46/86 — Lei de Bases do Sistema Educativo: “proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” (ME).

Por fim, falta referir nesta parte alusiva ao ato de intervir, o trabalho realizado no sentido de envolver a comunidade da instituição A, já que se revela fundamental a sua presença no desenvolvimento global dos alunos. O professor de primeiro ciclo “relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando, nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afectivo que predisponha para as aprendizagens” (Decreto-Lei n.º 241 / 2001 ME). Neste sentido, a última semana de intervenção em 1º CEB tinha o tema “As Profissões”, sendo assim, foram convidados alguns profissionais. Para estas visitas foram criados, em turma, guiões de entrevista para cada profissional (bombeiro sapador do porto e um árbitro do porto) (Anexo 44 e 45).

Este tipo de aulas são bastante significativas, por envolverem pessoas extra escola e por serem os próprios alunos a realizar as entrevistas, contendo assim perguntas do interesse deles e proporcionando a sua participação no planeamento da aula.

Na turma de 1º CEB foi pedido aos alunos que preenchessem uma ficha sobre “Ser Professor” (Anexo 46), assim ajudando a estagiária a entender melhor que mudança provocou nestes alunos e qual a ideia que estes têm sobre os professores depois do contato com professores em formação.

Já na instituição B foi dada a oportunidade de desenvolver um projeto. Assim, mediante este contexto, e considerando o elevado interesse dos alunos nas diversas áreas, surgiu a ideia de gerar um espaço onde fosse possível conceber atividades

extracurriculares e despertar curiosidades nas seguintes áreas do conhecimento: Português, História e Geografia de Portugal, Lógico-Matemática e Ciências Naturais. O projeto, “Aprender a Aprender”, contempla princípios que fundamentam o nome são: Aprender a aprender a ser/saber/fazer; Aprender a aprender a questionar, criticar e solucionar; Aprender a aprender a desenvolver as múltiplas inteligências.

Na necessidade de comunicar com os alunos fora do contexto de sala de aula, foi criado um sítio na internet (<http://projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/>), facilitando a troca e partilha de informação. O principal foco do projeto consistiu em chamar a desafio cada aluno para a área que mais o cativasse, não deixando de motivar nas demais áreas. A estagiária e o seu par pedagógico trabalharam em conjunto, numa lógica de companheirismo e interajuda, por forma a criar todas as semanas novos desafios/questões/jogos/propostas de pesquisa. De modo a coadjuvar este trabalho, a estagiária ficou responsável pela área das Ciências e Lógico-Matemática, enquanto o par pedagógico geria a área da História e Geografia de Portugal. Estas propostas eram colocadas num calendário no sítio da internet (<http://projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/agenda.html>), normalmente à segunda-feira de cada semana (Anexo 47). No sentido de fornecer explicações e discutir respostas aos desafios, existia uma hora por semana de contacto com os alunos. Não obstante, todas as explicações e resoluções foram colocadas em formato digital no sítio da internet na área correspondente (Anexo 48). Foi ainda, criado um espaço de partilha de sugestões, onde os alunos poderiam colocar opiniões ou partilhar ideias (http://projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/box.html#disqus_thread). Também foi indispensável a recolha de fotografias para expor no sítio da internet (<http://projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/galeria.html>). No que toca à área das ciências foram colocados, no sítio da internet, vídeos tutoriais para os alunos realizarem experiências em casa (<http://projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/experiencias.html>).

Os principais objetivos do projeto eram: proporcionar atividades extra curriculares que estimulasse a descoberta pessoal; potenciar o prazer da partilha do conhecimento sobre a Ciência, Matemática, Português e História e Geografia de Portugal; cultivar o gosto por estas áreas, algumas destas capacidades inatas.

Este projeto nasceu após uma observação da turma e de acordo com o contexto e valores da instituição B: “o professor assume a função de companheiro de viagem, motivando os seus alunos para a realização de novas aprendizagens ao longo da vida, baseando-se, portanto, no aprender a aprender” (PE instituição B: 2012-2015).

No seguimento de muitos desafios - atividades experimentais e pesquisas elaboradas com os alunos - surgiu a ideia de organizar uma visita de estudo que fosse ao encontro do propósito deste projeto. A julgar pela participação dos alunos na área de Ciências, verificando-se uma grande adesão aos desafios e à presença nas atividades experimentais, decidiu-se organizar uma visita de estudo ao Centro de Ciência Viva, em Vila do Conde (Anexo 49).

Uma visita de estudo, para além da possibilidade de iniciação a determinados assuntos ou a aplicação e expansão de conhecimentos anteriores, permite, ao aluno, a observação direta e a interação com o que está ou irá aprender. Neste caso, a intenção da estagiária era desenvolver nos alunos “uma atitude científica, mobilizando os processos pelos quais se constrói o conhecimento” (ME, Decreto-Lei n.º 241/ 2001).

Os principais objetivos prenderam-se com contribuir para um aumento da literacia científica dos alunos, aprendendo mais e melhor num contexto lúdico e de lazer; alargar os conhecimentos relativos aos princípios básicos da Física e às características das células, através de aprendizagens significativas no Ensino Experimental das Ciências.

A visita dividiu-se em duas componentes: Exposição “Física no dia-a-dia com atividades lúdicas experimentais, segundo a lógica das várias divisões de uma casa que implica a utilização de vários objetos do quotidiano”; e a Atividade experimental “As Células” que inclui atividades de carácter experimental e de observação microscópica de células procarióticas e eucarióticas animal e vegetal. Todas estas informações foram colocadas num separador do sítio da internet (<http://projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/visita.html>). Foi ainda proposto que os alunos realizassem um registo sobre a visita (Anexo 50).

Mais uma vez, as aprendizagens ativas são o foco, onde o “Aprender a fazer” faz jus à sua importância. Por outras palavras, Quinta e Costa (2006:85) refere, “através de uma aprendizagem activa, o aluno constrói o próprio conhecimento, desenvolvendo-se como pessoa no seu todo, consciente do seu desempenho cívico”. Esta postura pressupõe o desenvolvimento de uma Cultura Científica como parte integrante da educação básica de todos os cidadãos.

Enfim, o bom ensino relaciona-se com o “cuidado e o comprometimento para serem o melhor que podem em todos os momentos e em todas as circunstâncias para o bem dos seus alunos. É uma questão de entusiasmo e de paixão” (Day, 2004:41).

d. O docente e a avaliação/reflexão

Nesta fase da nossa profissionalidade docente surge uma frase que suscita inquietações e obriga-nos a refletir sobre a nossa prática e sobre o professor que realmente somos. Trata-se da avaliação. “É a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar” (Perrenoud *cit.* Estanqueiro, 2012:83).

Há um certo receio neste sentido, porque a avaliação é bastante mais complexa do que se imagina na realidade e, sendo uma prática emergente nesta fase, onde somos confrontados, no decorrer do nosso estágio, com a obrigatoriedade desta execução.

Como sabemos, existem três tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa. A avaliação diagnóstica serve para saber se os alunos têm conhecimentos suficientes para aprender determinada matéria. A formativa é utilizada no sentido de regulação, assim pretende obter um *feedback* de ambos os lados, tanto do professor como do aluno. A avaliação sumativa é a atribuição de uma classificação relativa a uma determinada etapa (Anexo 5- ponto 4). Existe ainda a auto e heteroavaliação, que se prende com os critérios que cada aluno consegue avaliar/percecionar sobre si próprio e sobre os outros.

A avaliação é “um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens” (ME, Despacho Normativo n.º30 / 2001, I – Enquadramento da avaliação).

Com a evolução da avaliação, nasceu um conceito que promete aproximar a avaliação do processo de ensino-aprendizagem – *Assessment* - que significa “sentar-se com” é uma valorização da relação professor-aluno. *Assessment* inscreve-se num processo que deverá conduzir a um julgamento esclarecido e circunstancial de um conjunto de habilidades ou de uma competência” (Gouveia, 2008:6). Neste sentido, a estagiária esforçou-se por fornecer *feedback* aos alunos no final de cada atividade.

Relativamente a esta profissão, o professor tem a possibilidade de assistir à evolução do aluno, sendo o período de avaliação muito maior do que a avaliação sumativa (através de testes). Existe portanto, a possibilidade do professor entender como é que o aluno constrói a sua aprendizagem e como raciocinou para chegar a determinado patamar. Há uma interação professor-aluno, sendo valorizado o “processo”, colocando de parte o “resultado”.

De acordo com Cardoso (2012:154), existem três domínios em que se pretende que os alunos adquiram competências e que devem ser avaliados.

O domínio do saber e do saber-fazer, ou seja, o que queremos que o aluno compreenda em termos de matéria; o domínio da relação que se prende com o tipo de atitudes e valores relativos à disciplina; e o domínio da organização que passa pela sua organização e método.

No domínio do saber e do saber-fazer, foram elaboradas fichas formativas ou fichas de trabalho de grupo e registos de observação, com o objetivo de consolidar a matéria e verificar as aprendizagens efetivas (Anexo 21 e 23). Para a sua avaliação, foram estruturadas grelhas de avaliação para diversas áreas do 1º e 2º CEB (conteúdos de Matemática, Ciências, História e Geografia de Portugal, Português e Estudo do meio) (Anexo 3 e 54).

É também relevante que após a realização de determinada tarefa, os alunos consigam identificar onde sentiram dificuldades e quais são os pontos que necessitam trabalhar para atingir determinados finalidades. A estagiária teve a possibilidade de experimentar este método, criando um grelha de autoavaliação para o preenchimento no final de cada atividade na intervenção de 1º CEB (Anexo 25).

Este processo desenvolve competências de autorregulação da aprendizagem, como se pode verificar nas indicações do Decreto-Lei n.º 241 / 2001: o professor do primeiro ciclo “avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização, e desenvolve nos alunos hábitos de autorregulação da aprendizagem” (ME).

Relativamente à avaliação do projeto “Aprender a aprender” (2º CEB) foram avaliadas e registadas em grelhas todas as respostas aos desafios dadas pelos alunos, com o intuito de quantificar a participação destes. Estas respostas foram organizadas e foi fornecido aos alunos uma “Caderneta dos Desafios”, à medida que estes eram preenchidos (Anexo 51). Para avaliar o projeto, os alunos foram inquiridos sobre a pertinência, o conteúdo, a aparência e a estrutura do sítio da internet (Anexo 52). Estes resultados foram organizados em tabelas e analisados em gráficos, mostrando-se bastante satisfatória.

No que concerne à visita de estudo organizada em 2º CEB, procedeu-se a uma avaliação através do questionamento de todos os alunos que participaram (Anexo 53).

No que toca ao domínio da relação, foram realizadas *checklists*, ressaltando características importantes como o respeito pelo outro, a participação, a atitude crítica e o empenho nas tarefas (Anexo 54). Características classificadas com satisfaz bem para a maioria dos alunos.

No que concerne ao domínio da organização, a estagiária registou outras capacidades que bem estruturadas e adequadas, podem responder melhor aos outros dois domínios, como é o caso da pontualidade e assiduidade; autonomia; boa gestão do tempo; e responsabilidade nos compromissos (Anexo 54). Para esta avaliação foi analisada a apresentação dos cadernos diários, a qualidade nas intervenções em sala de aula e a realização dos trabalhos de casa, observando-se também bons resultados, salvo o caso de seis alunos com classificações de satisfaz.

Na intervenção de 2º CEB, a estagiária solicitou a ajuda dos alunos no que toca à sua própria avaliação, assim, sugeriu que estes preenchessem um formulário com a sua caracterização. Seleccionando-se algumas respostas como exemplo:

“A professora é boa, pois compreendi bem as matérias dadas por ela”; “Deve melhorar os seguintes aspetos: estar mais confiante a lecionar, tentar controlar melhor a turma, falar mais alto”; “O que mais gosto na forma como leciona é que a professora explica bem; é atenciosa; tira as dúvidas todas; é bastante alegre e está sempre de bom humor; ensina-nos através do jogo ” (Anexo 55).

A nossa competência como professor passa também pela forma como encaramos a avaliação. “A Avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno” (Decreto-lei nº 139/2012, MEC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[Tornas-te] eternamente responsável por aquilo que cativas” (Saint-Exupéry in “O Príncipezinho”). Se genuinamente conseguirmos cativar os nossos alunos, somos responsáveis por eles. Os professores eficazes têm sempre uma visão sobre a educação e o seu papel como contributo para um mundo melhor. “Assim, deve criar, perante os seus alunos, as «janelas» para esse mundo e abri-las numa sequência que, para eles seja lógica e inteligível” (Cardoso, 2013:344).

Esta prática reflexiva permitiu “descortinar a sabedoria ínsita no mais trivial evento, ou na mais humilde experiência pessoal, é o produto de uma escuta permanente do mundo e do seu pulsar mais imperceptível” (Roberto Carneiro *cit.* Cardoso, 2013:350). Como produto deste descortinar, foram realizadas reflexões semanais, marcadas pela enunciação de pontos fortes e fracos, de inquietações e receios, de limitações e conquistas, de novas ideias ou de fracassos. Estas reflexões serviram para, num certo momento do reboiço da semana, a estagiária parar e questionar-se: porque educo de determinada maneira? Como é que os alunos são mais felizes? Porque que escolho determinado método e não outro? O que posso fazer para ir mais além?

“Depois de algumas semanas de reflexão e observação da turma, surgiu a necessidade de criar atividades que colmatassem os tempos diferentes de cada aluno, visto que, é impossível homogeneizar a turma. A estagiária percebeu a diversidade, entendeu que seis alunos terminavam as tarefas bastante mais rápido e outros cinco demoravam um pouco mais” (Anexo 9 - Reflexão 3º semana- 1º CEB).

Foi possível verificar que mesmo com as aulas organizadas e até planeadas conforme as turmas, por vezes é necessário mudar de estratégia e analisar. Assim o professor torna-se um gestor do currículo, decidindo qual o caminho mais adequado.

“Esta atividade foi diferente e interessante, mas seria mais produtivo se os alunos fizessem eles próprios a experiência, o que implicaria uma preparação muito mais cuidada com a montagem de bancas com materiais de laboratório e por consequência, uma responsabilidade da parte dos alunos e da estagiária muito mais elevada” (Anexo 17 - Reflexão 4ª semana- 1º CEB).

Foi também perceptível o valor da construção destas reflexões, ora para perceber exemplos de dificuldades despontadas:

“A estagiária depara-se agora com uma dificuldade na aplicação de autoridade para regular os momentos de euforia. Nestes momentos, os alunos solicitam muitas vezes o seu apoio, questionando inoportunamente a estagiária e mantendo conversas paralelas com outros colegas.

Para colmatar e melhorar esta problemática, a estagiária necessita de planear detalhadamente as indicações a fornecer em momento de aula e encontrar as estratégias que mais se adequam à turma. É relevante referir que as questões formuladas nas planificações são insuficientes para um bom desempenho pedagógico, sendo que serão pontos a aperfeiçoar nas próximas semanas” (Anexo 56 - Reflexão 3ª e 4ª semana- 2º CEB).

Ora conquistas:

“Como conquista pode-se considerar o avanço no projeto “Aprender a aprender”, que foi iniciado na 4ª semana de estágio. O *site* foi lançado com os desafios de

ciências e matemática que foram realizados em tempo extra curricular, contando com aproximadamente 1/3 dos alunos da turma. Os próximos objetivos deste projeto visam a angariação de mais alunos e a criação de atividades ambiciosas e significativas para os estes” (Anexo 56 - Reflexão 3ª e 4ª semana- 2º CEB).

Durante a intervenção, a estagiária dedicou-se à aprendizagem dos alunos sempre com a presença dos princípios educacionais que defende, apoiando-se nos pilares essenciais de educação: *Aprender a conviver; Aprender a conhecer; Aprender a fazer e a ser*, e em busca de aprendizagens ativas que desenvolvessem o pensamento crítico e otimista dos alunos, estimulando a imaginação e a criatividade. Todavia houve uma tomada de consciência no que concerne à utilização recorrente do método expositivo e interrogativo, realidade que é inevitável em alguns casos, e passível de ser melhorada noutros. Espertar um sentido de responsabilidade e autonomia nos alunos enquadrou-se, diariamente, nas aulas da estagiária, tal como o estímulo por todos os tipos de inteligência. A linguística e a lógico-matemática esteve continuamente presente, ao passo que foi esmiuçada a tipologia naturalista, com a realização de atividades do ensino experimental no 1º e 2º CEB, a interpessoal e intrapessoal que são transversais e parte integrante de toda a aprendizagem.

Portanto, como afirma Hermano Carmo

“cada indivíduo deve ser estimulado a desenvolver o seu potencial cognitivo, emocional e ético, de forma equilibrada, não privilegiando apenas o seu potencial linguístico ou lógico-matemático, como é comum ver-se no ensino formal, mas criando as condições para o desenvolvimento da sua inteligência espacial, musical, cinestésica, ecológica, emocional e social” (cit. Cardoso, 2013:364).

Estas reflexões também apoiaram as reconfigurações inerentes ao estágio, no sentido de perceber o que era urgente modificar, como por exemplo, comportamentos ou atitudes:

“Nestas últimas semanas, urge mudar comportamentos, apurar os objetivos que faltam cumprir e imprimir um ritmo de trabalho para concluir tudo com rigor e perfeccionismo.

No que concerne às intervenções, é clarividente que todos os conteúdos lecionados sejam dominados pelo professor, porém a postura em sala de aula é um ponto fulcral a melhorar. Certos aspetos do comportamento da estagiária em sala de aula já foram identificados como é o exemplo da comunicação com os alunos que, por consequência, afeta a capacidade de fazer com que estes cumpram regras e a capacidade de conceder explicações claras e para todos” (Anexo 56 – Reflexão 5ª e 6ª semana- 2ºCEB).

Apenas com a reflexão e avaliação das práticas, estratégias e métodos, é possível modificar certos aspetos da nossa formação. Sendo assim, importa refletir sobre outros temas: No que toca à participação dos alunos no projeto “Aprender a aprender”, esta começou por ser de 1/3 da turma nas duas primeiras semanas, na 3ª e 4ª semana obteve-se respostas aos desafios de 2/3 da turma, na quinta semana apenas

dois alunos não participaram, esta afluência foi mais sentida talvez pelo facto da experiência de ciências ter sido sugerida por uma aluna no próprio espaço de sugestões do sítio da internet. Efetivamente, quando são os próprios alunos a participar na planificação das atividades, estas tornam-se mais significativas e a aprendizagem mais efetiva, compreendendo assim, os interesses e a motivação dos alunos. Nas três últimas semanas, apenas cinco/seis alunos não participaram. Relativamente aos desafios escolhidos, inicialmente eram só preenchidos os desafios relativos à área de ciências e matemática, possivelmente por terem sido os primeiros a inaugurar o projeto. No entanto, nas restantes semanas e de um modo geral, os alunos sempre que acediam ao sítio da internet respondiam aos desafios de todas as áreas. A avaliação dos alunos relativamente ao projeto foi bastante positiva, visto que, 82% dos alunos classificou este projeto como sendo excelente e 18% como Muito Bom (Anexo 57).

Considerando que a visita de estudo foi a última atividade do projeto “Aprender a aprender”, apresentou-se como um sucesso, tendo em conta avaliação dos alunos, tal que, 59% dos alunos classificaram a visita como Excelente; 32% como Muito Bom; e somente 9% dos alunos avaliaram como Bom, Suficiente ou nulo (Anexo 58).

Para a melhoria na prática profissional, foi preponderante a realização de orientações tutoriais para um acompanhamento personalizado, tal como, o *feedback* dos alunos para uma avaliação semanal da intervenção, auxiliando o aperfeiçoamento do planear, agir e refletir.

Um instrumento fundamental para o acompanhamento e registo semanal foi a utilização de grelhas de observação e avaliação (Anexo 3, 5 e 54), ajudando a compreender a evolução dos alunos e registando as aprendizagens já consolidadas.

No que concerne à aprendizagem dos alunos, a estagiária entendeu que ao sentar-se ao lado dos alunos durante a exploração e construção de determinado conceito/aprendizagem é muito mais frutuoso, só assim, conseguiu entender qual o caminho que o aluno leva e indicar quais os outros ou as melhores formas de prosseguir no percurso mais complicado.

Neste modo, “a teoria e a prática não estão de lados opostos, mas pelo contrário devem complementar-se e articular-se, para que a produção científica esteja ao serviço de todas as pessoas. Por isso sublinhamos a mudança como ponto a ser discutido, pois na medida em que discutimos reactualizamos as nossas convicções e a mudança vai-se operando a partir dos pequenos espaços” (Cavalcanti, 2006: 120).

Com esta prática tornou-se clarividente que o professor estagiário vive entre um permanente “ter-de-aprender” para em seguida ou, em alguns casos, em simultâneo,

ter-de-ensinar” (Cardoso, 2013:358). Esta aprendizagem é tão verdadeira em relação aos conceitos, como à reflexão, que é bastante mais proveitosa a sua realização com o par pedagógico. Como defende António Nóvoa, “os professores devem ter um lugar predominante na formação dos seus colegas” (*cit.* Cardoso, 2013:359), o que significa que a união e o trabalho cooperativo e colaborativo com os outros é essencial para o sucesso escolar dos alunos.

Este percurso caracteriza-se por um misto de aprendizagens na dimensão profissional, social e ética, na dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, na dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade e na dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida, tal como prevê o Decreto-lei, 240/2001 de 30 de agosto (ME). Nestas intervenções, a estagiária dedicou-se a envolver os alunos em atividades que possibilitassem a construção individual do seu próprio conhecimento; responsabilizassem o aluno pela sua aprendizagem; equilibrassem momentos de empatia com os alunos; enriquecessem o seu conhecimento sobre o mundo; fomentassem o gosto por aprender; promovessem o pensamento crítico, a criatividade e imaginação; proporcionassem momentos de trabalho de grupo/pares fomentando boas práticas como a cooperação e colaboração. De um modo geral, a estagiária apurou novas técnicas e métodos, munindo-a de um maior conhecimento de cada disciplina, das necessidades/dificuldades e características próprias dos alunos.

Porém, por vezes, toda esta dedicação tem espaço para momentos de desânimo e o cansaço que aparece como elemento desmotivador.

“Aprender a tecer com arte é torna-se capaz de escolher os fios com as cores certas, textura, flexibilidade e densidade correctas. Aprender a escolher faz parte do percurso do aprendiz. Às vezes, o tecido torna-se confuso e é necessário desfazê-lo para produzir o que realmente necessitamos, mas para reconhecer os pontos em desalinho é preciso aprofundar o olhar e ter coragem para realizar a transformação devida” (Cavalcanti, 2006: 120).

É preciso voltar a focar e ignorar as distrações emocionais, para atingir os nossos objetivos, tal como Goleman (2014), “aprendemos melhor com a atenção focada. Quando nos focamos naquilo que estamos a aprender, o cérebro cartografa aquela informação sobre o que já sabemos, realizando novas ligações neuronais”. Não obstante, se nos focarmos naquilo que gostamos, o entusiasmo e o interesse agregam-se, potencializando o nosso envolvimento e sucesso, assim como “os amadores”, explica Robinson e Aronica (2011:201): “a palavra «amador» deriva do latim *amator*, que significa amante, amigo devoto ou alguém que persegue avidamente um objetivo. Os amadores são movidos por uma paixão pelo que fazem e não pela necessidade de

pagarem as contas. Por outras palavras, os verdadeiros amadores são pessoas que encontram o Elemento noutra atividade que não o seu trabalho”.

Eis que chega ao momento de encerrar esta viagem e é fulcral responder à questão inicial: Empatia, Dedicção, União, Criatividade, Alegria, Responsabilidade: uma fórmula eficaz?

Certamente, esta não é uma fórmula 100% eficaz, uma vez que não existe fórmula eficaz para se educar. No entanto, foi possível observar que à medida que estas substâncias/caraterísticas eram polvilhadas na intervenção, esta metamorfoseava-se em aprendizagens efetivas e felizes. Desta forma, destacamos os vários “ingredientes” da fórmula, explicitando-os:

Empatia - patente na relação professor-aluno, desenvolvendo a capacidade de compreensão emocional, percecionando os sentimentos do outro e agindo em conformidade.

Dedicção - do professor e em busca do talento individual, fomentando o desenvolvimento das múltiplas inteligências e orientar o aluno a atingir os seus objetivos.

União - no trabalho em equipa de promoção das capacidades de cooperação e colaboração, tanto nas relações professor-professor, como professor-aluno e, ainda, nas relações aluno-aluno.

Criatividade - como competência e técnica de pensamento que qualquer pessoa pode aprender e aplicar em (quase) todas as ações humanas.

Alegria - como fator inerente a toda a aprendizagem, comparado com o óleo fundamental ao funcionamento de engrenagens.

Responsabilidade - (do professor) na educação dos seus alunos, na aquisição de saberes científicos, multidisciplinares e transdisciplinares, na gestão do currículo; na adequação e diversificação de atividades, estratégias e recursos, no envolvimento da comunidade, no processo observação-planificação-ação-reflexão, retomando o processo e na responsabilidade do aluno pela sua própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, J. *et al.* (2014). *O que desencadeia o sucesso em alunos com baixo rendimento escolar, no Projeto Fénix*. Porto: ESEPF e UCP.
- ALARCÃO, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- BASTOS, G. (2000). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- BECKER, F. (2001). *Educação e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Artmed.
- BELL, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação- Um guia para a pesquisa em ciências sociais*. Lisboa: Texto Editores.
- BELL, J. (2005). *Doing your research project*. England: Mc- Graw Hill.
- CARDOSO, J. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S.A.
- CAVALCANTI, J. (2006). *Malas que contam histórias. Propostas de actividades para a dinamização de contextos lúdicos de aprendizagem*. Lisboa: Paulus Editora.
- CAVALCANTI, J. *et al.* (2010) Criança, Sujeito de Direitos: A Infância que se ergue: breve fundamentação. *Saber Educar 15*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pp:1-6.
- DELORS, J. (2010). *Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasil: Fundação FaberCastell.
- ESTANQUEIRO, A. (2012). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- ESTRELA, A. (1986). *Teoria e Prática de Observação de Professores - Uma Estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- GARDNER, H. CHEN, J. MORAN, S. (2009). *Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo*. Porto Alegre: Artmed.
- GOLEMAN, D. (2014). *Foco. O Motor da Excelência*. Lisboa: Temas e Debates.
- GONÇALVES, A. (2008). *Educar para Transformar: Reflexão em Torno de um Percorso Formativo*. Cadernos de Estudo, vol.7, 71-77. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/146/Cad_7EducaraTransformar.pdf?sequence=2 (consultado em 13.01.2015).
- GONÇALVES, D. (2010). *Complexidade e identidade docente: a supervisão pedagógica e o (e) portefólio reflexivo como estratégia (s) de formação nas práticas educativas do futuro professor*. Um estudo de caso, Universidade de Vigo, Tese de Doutoramento.

- GONÇALVES, D. (2015). Organização Pedagógica e Curricular em 1ºCEB a partir da centralidade do processo de aprendizagem. *Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano – I Seminário Internacional*. Porto: UCP, no prelo.
- GOUVEIA, J. (2008). *Saber avaliar*. Texto policopiado.
- LOPES, M. (1999). *Jogos na educação: criar, fazer, jogar*. Brasil: Editora Diversos.
- MOYLES, J. PAYLER, J. GEORGESON, J. (2011). *Beginning teaching, Beginning learning. In early years and primary Education*. England: Mc- Graw Hill.
- NIZA, S. (1998). *A organização social do trabalho de aprendizagem no 1ºciclo do ensino básico*. Lisboa: Inovação vol.11,n1 1.
- NOGUEIRA, I. (2013). Conceções sobre matemática: a visão de estudantes recém-ingressados na licenciatura em educação básica. Uruguay: *Congreso Iberoamericano de Educación Matemática (CIBEM)*, Disponível em <http://www.cibem7.semur.edu.uy/7/actas/pdfs/1132.pdf>.
- OLIVEIRA, A. MACHADO, C. et al. (2007). *Métodos, técnicas e jogos pedagógicos: recurso didático para formadores*. Braga: Expoente.
- PERRENOUD, P. (2005). *Assumir (e Construir) uma Identidade Reflexiva, Assumer une identité réflexive*. *Educateur*, nº 2, 18 février, 30-33.
- POMBO, O. GUIMARÃES, H.M. et al. (1993). *A interdisciplinaridade reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- QUINTA e COSTA, M. ROSA, M. FERREIRA, V. (2006). Caracterização da prática das Ciências no Ensino Básico – 1º Ciclo. *Cadernos de Estudo* 4. Porto: ESE de Paula Frassinetti., pp: 85-91.
- QUINTA e COSTA, M. (2008). “Expectativas e concretizações das ciências físicas e naturais”. *Saber (e) Educar* 13. Porto: ESE de Paula Frassinetti, p. 125-135.
- ROBINSON, K. e ARONICA, L. (2011). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- TRINDADE, R. (2009) *Escola, Poder e Saber: A Relação Pedagógica em debate*. Porto: Legis Editora- LIVPSIC.

Empatia, Dedicção, União, Criatividade, Alegria, Responsabilidade: uma fórmula eficaz?

LEGISLAÇÃO

ME, Decreto-Lei n.º240/2001, de 30 de agosto.

ME, Decreto-Lei n.º241/2001, de 30 de agosto.

ME, Decreto-Lei n.º43/2007, de 22 de fevereiro.

ME, Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro.

ME, Lei n.º49/2005, de 30 de agosto.

MEC, Decreto-lei nº 139/2012 de 5 de julho.es

DOCUMENTOS

Projeto Educativo da instituição A e B

Regulamento Interno da instituição A

Plano Anual de Atividades da instituição B

Plano de Trabalho de Turma da instituição B

ANEXOS

Índice

Anexo 1 -	Organigrama das Instituições.....	4
Anexo 2 -	Reflexão da observação das relações Aluno-Aluno 1º CEB.....	6
Anexo 3 -	Grelhas de avaliação semanais 1º CEB.....	8
Anexo 4 -	Relação Professor-Aluno 1º CEB.....	12
Anexo 5 -	Listas de verificação 1º e 2º CEB.....	16
Anexo 6 -	Inquérito aos alunos 1º CEB.....	25
Anexo 7 -	Inquérito aos pais 1º CEB.....	28
Anexo 8 -	Grelha de Avaliação de leitura 1º CEB.....	29
Anexo 9 -	Reflexão 3ª Semana (Casa dos Desafios) 1º CEB.....	32
Anexo 10 -	Entrevista à Professora Cooperante 1º CEB.....	34
Anexo 11 -	Planificação de Outubro 1º CEB.....	36
Anexo 12 -	Planificação de Novembro 1º CEB.....	47
Anexo 13 -	Reflexões 1º Semana 1º CEB.....	55
Anexo 14 -	Reflexão 1º Semana 2º CEB.....	61
Anexo 15 -	Planificação de HGP, 13 de março 1º CEB.....	63
Anexo 16 -	Fotografias de Experiências (Sentidos e mousse de castanhas) 1º CEB 66	
Anexo 17 -	Reflexão da 4ª Semana (aula de Ciências) 1º CEB.....	67
Anexo 18 -	Planificação de CN, 19 de março 2º CEB.....	68
Anexo 19 -	Ficha de atividade laboratorial – Influência da luz e da humidade no comportamento das minhocas 2º CEB.....	72
Anexo 20 -	Fotografia do Mapa 2º CEB.....	75
Anexo 21 -	Ficha Informativa – Biodiversidade 2º CEB.....	76
Anexo 22 -	Fotografia do Cartaz sobre os reinos 2º CEB.....	78
Anexo 23 -	Fichas formativas de Português 1º CEB.....	79
Anexo 24 -	Reflexão da Semana 28.10.2014 (aula de Português) 1º CEB.....	82
Anexo 25 -	Fichas de autoavaliação “Já sei” 1º CEB.....	83
Anexo 26 -	Análise das fichas de autoavaliação 1º CEB.....	84
Anexo 27 -	Fotografia da investigação de palavras da família 1º CEB.....	85
Anexo 28 -	Fotografia da Roleta da Escrita 2º CEB.....	86
Anexo 29 -	Planificação de Português, 12 de março 2º CEB.....	87
Anexo 30 -	Planificação de Português, 25 de maio 2º CEB.....	96
Anexo 31 -	Fotografia dos jogos de matemática (Árvore dos Desafios e números possíveis) 1º CEB.....	100
Anexo 32 -	Fotografia da Casa dos Desafios 1º CEB.....	101
Anexo 33 -	<i>Checklist</i> para a Casa dos Desafios – Proposta 1º CEB.....	102
Anexo 34 -	Planificação de Matemática, 19 de março 2º CEB.....	103
Anexo 35 -	Fotografia da aula de Matemática (Triângulos) 2º CEB.....	108

Anexo 36 -	Planificação de Matemática, 30 de abril 2º CEB	109
Anexo 37 -	Fotografia da aula de Matemática (Cocas e Bingo) 2º CEB	114
Anexo 38 -	Fotografias da aula de HGP 2º CEB	115
Anexo 39 -	Ficha de acompanhamento HGP 2º CEB	116
Anexo 40 -	Ficha de registo (<i>Quiz</i> História) 2º CEB	117
Anexo 41 -	Fotografias Diploma HGP 2º CEB	120
Anexo 42 -	Planificações de Expressões e Cidadania 1º CEB	122
Anexo 43 -	Fotografias das aulas de expressões 1º CEB	128
Anexo 44 -	Semana das profissões 1º CEB	130
Anexo 45 -	Fotografias da Semana das Profissões 1º CEB	131
Anexo 46 -	Ficha “Ser Professor” 1º CEB	133
Anexo 47 -	Exemplo de Desafios do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB	134
Anexo 48 -	Exemplo de explicação de um desafio do projeto “Aprender a aprender”- 2º CEB	135
Anexo 49 -	Proposta de visita de estudo- 2º CEB	137
Anexo 50 -	Ficha de registo Visita de Estudo	141
Anexo 51 -	Caderneta dos desafios 2º CEB	142
Anexo 52 -	Ficha de Avaliação do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB	144
Anexo 53 -	Ficha de Avaliação da Visita de Estudo 2º CEB	145
Anexo 54 -	<i>Checklists</i> de avaliação 2º CEB	146
Anexo 55 -	Fotografia Avaliações dos alunos sobre a professora estagiária 2º CEB 159	
Anexo 56 -	Reflexão 5ª e 6ª Semana 2º CEB	162
Anexo 57 -	Análise da Avaliação do projeto “Aprender a aprender”	164
Anexo 58 -	Análise da Avaliação da Visita de Estudo 2º CEB	166
Anexo 59 -	Exercícios construídos pelos alunos 2º CEB	167
Anexo 60 -	Plantas das salas	170

Anexo 1 - Organigrama das Instituições

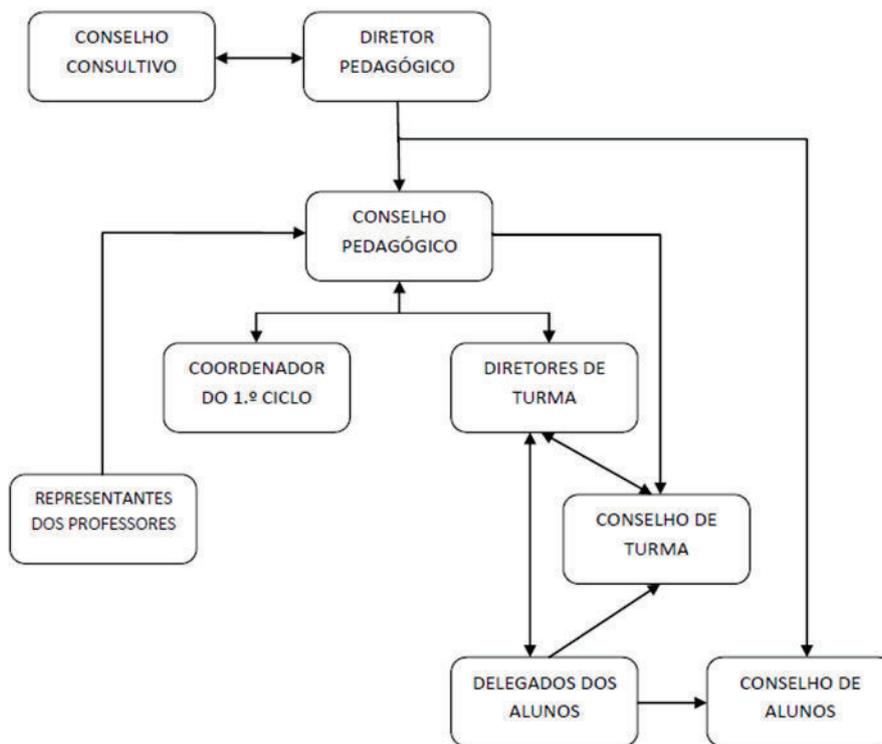


Figura 1 - Estrutura Organizacional da instituição A

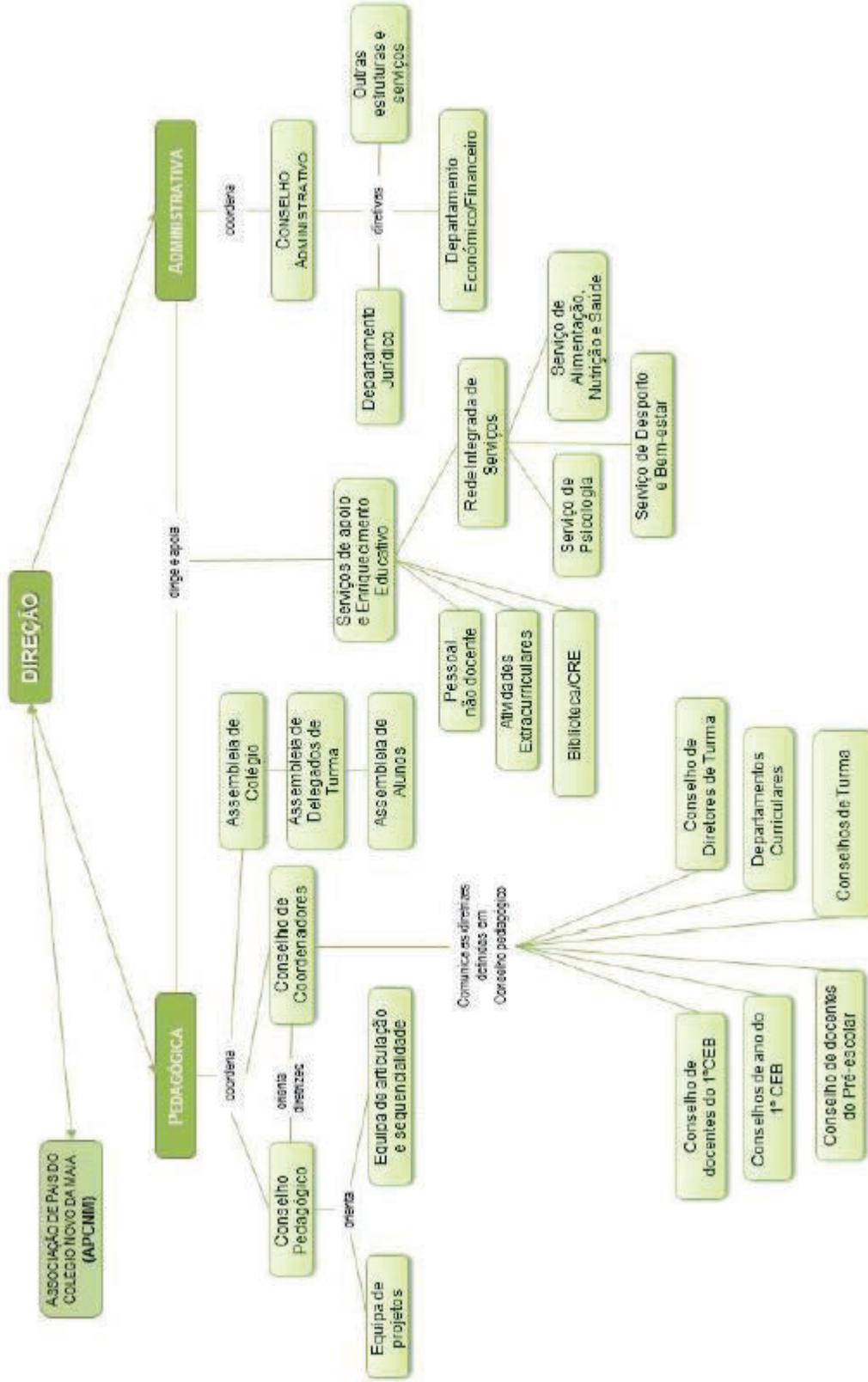


Figura 2 - Estrutura Organizacional da instituição

Anexo 2 - Reflexão da observação das relações Aluno-Aluno 1º CEB

Esta turma tem os valores de amizade, partilha e carinho muito vinculados e visíveis, em conversa informal com a professora cooperante, esta explicou que os alunos que frequentaram esta mesma instituição no pré-escolar (maioria), tiveram uma educação centrada nos afetos e realizaram muitas atividades em grupo.

É possível constatar com a observação da hora do lanche, os alunos tem por hábito a partilha espontânea de alimentos, como o pão, bolachas, fruta. Partilham uns com os outros tudo o que trazem de casa.

No que diz respeito a este assunto, a estagiária presenciou uma situação caricata, os alunos G e T partilham diariamente o seu lanche, assim, o aluno G traz as mini bolachas “Oreo” e oferece parte delas ao aluno T e, por sua vez o aluno T traz sempre o sumo preferido do aluno G.

“Ele traz-me sempre as minha bolachas preferidas e eu o sumo favorito.” Explicou o aluno T, com um sorriso na cara.

Outras características interessante desta turma, são as brincadeiras no recreio, onde todos os alunos jogam ou brincam. Não deixam qualquer aluno de parte, nem fazem diferenciação de sexo.

Neste intervalo, a estagiária participou também em algumas brincadeiras com os alunos. Jogaram às corridas, às escondidas e ainda fizeram patinagem no gelo imaginário.

O professor deve também manter contato com os alunos fora da sala de aula, sempre de forma adequada e mostrando aos alunos que os professores também gostam de brincadeiras nos tempos livres. Concorda com esta relação a seguinte autora “a educação faz-se no encontro com o outro e, por conseguinte, a educação emerge na relação e no diálogo” (Gonçalves, 2008:73)

O professor deve proporcionar um “clima psicologicamente protegido e saudável” (Hohmann e Weikart, 2011:5) e como também podemos verificar, este profissional “Relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando, nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afectivo que predisponha para as aprendizagens.” (Decreto-Lei n.º 241 / 2001).

“a aprendizagem pela acção não é uma estrada de um só sentido (...) num clima de controlo partilhado, os adultos e as crianças são, ao mesmo nível, aprendizes e professores” (Hohmann e Weikart, 2011:79)

Anexo 3 - Grelhas de avaliação semanais 1º CEB

Tabela 1 - Grelha de avaliação semanal 1º CEB

Aluno	Competências				
	Comportamento	Participação	Cooperação	Empenho	Autonomia
1	4	3	3	3	4
2	4	3	3	4	4
3	4	4	4	4	4
4	4	3	4	4	3
5	4	4	4	4	3
6	3	3	3	3	3
7	3	2	3	2	3
8	4	4	4	4	4
9	5	3	4	5	5
10	4	3	4	4	4
11	4	5	4	4	4
12	4	3	4	4	4
13	2	3	3	3	3
14	4	3	4	4	4
15	3	3	3	3	3
16	4	4	4	4	3
17	2	2	3	3	3
18	2	2	2	3	2
19	3	3	3	4	4
20	4	4	4	4	4
21	4	5	4	5	4

Tabela 2 - Critérios da Tabela 1

Competências	Aspetos a observar
Comportamento	Respeita as normas básicas de comportamento na sala de aula.*
Participação	Participa na maioria das discussões, respeitando a sua vez e de forma bem estruturada.
Cooperação	Apoia os colegas, tentando, em conjunto, superar as dificuldades, apresentando-se como um elemento importante na coesão do grupo.
	Ajuda o par, sem que este solicitasse.
Empenho	Realiza as atividades com empenho.
	Chama constantemente o professor durante a realização da tarefa, com o objetivo de lhe serem dadas as soluções da mesma.

Autonomia	Chama constantemente o professor durante a realização da tarefa, com o objetivo de lhe serem dadas as soluções da mesma.
	Chama constantemente o professor durante a realização da tarefa, para esclarecimento de dúvidas.
	Chama ocasionalmente o professor durante a realização da tarefa.
	Chama o professor, no final da tarefa para o esclarecimento de dúvidas que não conseguiu esclarecer por si.
*Regras da sala de aula estabelecidas com a turma.	
Legenda: 1 – Fraco; 2 – Não Satisfaz; 3 – Satisfaz; 4 – Bom; 5 – Muito Bom; NO – Não observado.	
Nota: A tabela será preenchida todas as semanas	

Tabela 3 - Avaliação Escrita 1º CEB

Alunos	Competências					
	Usa adequadamente maiúsculas e minúsculas	Organiza as ideias (Coerência)	Assinala mudança de parágrafos	Aplica os sinais de pontuação corretamente	Aplica as regras de construção de um texto	Elabora uma descrição de uma cena, objeto, paisagem, personagem.
1	AV	CD	S	N	S	N
2	S	S	S	N	S	S
3	S	S	S	AV	S	S
4	AV	S	AV	N	CD	AV
5	S	CD	S	AV	S	S
6	AV	AV	AV	N	CD	AV
7	AV	S	N	N	CD	N
8	S	S	S	AV	S	S
9	S	S	S	AV	S	S
10	S	S	S	AV	S	S
11	S	S	AV	AV	CD	AV
12	S	CD	S	AV	S	S
13	AV	AV	S	N	S	N
14	S	N	S	AV	S	S
15	S	S	S	AV	S	S
16	AV	S	S	N	CD	AV
17	AV	CD	N	N	CD	N
18	AV	AV	N	N	CD	N
19	AV	N	S	N	S	N
20	S	N	AV	AV	S	S
21	AV	CD	S	N	S	N
Legenda: S - Sim; AV- Às vezes; CD - Com dificuldade; N - Não						

Tabela 4 - Avaliação Matemática 1º CEB

Alunos	Competências						
	Adiciona números naturais até 1000	Subtrai números naturais até 1000	Sabe a tabuada do 2	Resolve problemas até dois passos	Faz a representação de dados corretamente e (pictograma)	Faz a representação de dados corretamente (gráfico de barras)	Realiza a simetria de figuras.
1	4	3	3	3	3	3	4
2	4	4	4	4	4	4	4
3	4	4	4	4	4	4	4
4	4	3	3	3	3	3	4
5	4	4	4	3	3	4	4
6	4	3	3	3	3	4	4
7	4	3	3	2	2	3	3
8	5	4	5	4	5	5	5
9	5	4	5	5	5	5	5
10	5	4	4	4	4	4	4
11	4	4	4	4	5	5	5
12	4	4	3	4	4	4	5
13	3	3	3	3	4	4	4
14	5	4	4	4	4	4	5
15	4	4	4	4	4	4	5
16	4	3	4	3	4	4	4
17	4	4	2	2	3	3	4
18	3	3	2	2	3	3	4
19	4	4	4	4	4	4	4
20	5	4	5	4	5	5	5
21	4	4	4	4	4	4	4

Legenda: 1 – Fraco; 2 – Não Satisfaz; 3 – Satisfaz; 4 – Bom; 5 – Muito Bom; NO – Não observado.

Tabela 5 - Avaliação Estudo do Meio 1º CEB

Alunos	Competências				
	Descreve os seus itinerários diários;	Traça o itinerário na planta da localidade;	Conhece os cinco sentidos;	Relaciona os cinco sentidos com os respetivos órgãos;	Conhece as normas de higiene dos alimentos/vestuário/ espaços de uso comum;
1	4	3	3	3	3
2	4	3	4	4	4
3	4	3	4	4	4
4	4	3	3	3	3
5	4	3	4	3	3
6	4	3	3	3	3
7	4	3	3	2	2
8	5	3	5	4	5
9	5	3	5	5	5
10	5	3	4	4	4
11	4	3	4	4	5
12	4	2	3	4	4
13	3	2	3	3	4

14	5	2	4	4	4
15	4	3	4	4	4
16	4	3	4	3	4
17	4	2	2	2	3
18	3	2	2	2	3
19	4	3	4	4	4
20	5	3	5	4	5
21	4	3	4	4	4
Legenda: 1 – Fraco; 2 – Não Satisfaz; 3 – Satisfaz; 4 – Bom; 5 – Muito Bom; NO – Não observado.					

Anexo 4 - Relação Professor-Aluno 1º CEB

Registo de incidente crítico

Data: 15-10-2014	Turma: 2ºano
Professora estagiária:	
Disciplina:	Matemática

Descrição do acontecimento:

Hoje a aluna A estava a meio da ficha de avaliação de Português, levantou o braço e começou a chorar e a tremer, num nervosismo sufocante. Pela terceira vez, após uma situação de avaliação, a aluna voltou a ter este comportamento. Fica bloqueada e não consegue sequer ler, apenas repete a soluçar “Tenho dúvidas, tenho dúvidas...”.

A professora reagiu rapidamente a este comportamento, ordenando que baixasse o braço e parasse imediatamente de chorar, num tom um pouco alto face ao momento.

Após a chamada de atenção a aluna encolheu-se, dirigiu o olhar para o teste e continuando a chorar, começou a escrever.

Qual será o aspeto mais influente na realização escolar? O que levará os alunos a terem determinado comportamento em relação à escola?

Reflexão

Na minha opinião esta aluna sofre de falta de confiança e quando não tem a certeza do que está a fazer, necessita da ajuda de um adulto para lhe indicar o caminho, sendo que, este apoio deve ser-lhe retirado gradualmente para desenvolver a sua autonomia e confiança.

Em relação à reação da professora, penso que foi um acumular de situações idênticas, no entanto, e segundo Zabalza, como professores, “a nossa tarefa básica deve ser a de aumentar a capacidade motivacional da nossa aula, ampliar o espetro de experiencias possíveis na mesma, enriquecer os componentes no que se refere à variedade de estímulos, diversidade de situações, **integração de níveis de desenvolvimento** e complementação de linguagens e **modos de relação**.”

Esta atitude poderia ter despoletado uma reação mais explosiva da criança e até poderia ter parado a realização do teste. Agravando assim a situação.

Para que o professor consiga lidar melhor com este problema, deve investigar e conhecer as razões que desencadeiam este comportamento.

Existem várias influências como a capacidade cognitiva de cada criança, os fatores relacionados com o temperamento, atitudes e emoções que também afetam a adaptação das crianças à escola e a capacidade para se aplicarem.

Por vezes as crianças tendem a sentirem-se pressionadas pelas notas ou resultados nos testes, mas esse fator não deve ser o mais importante porque o professor também valoriza a participação e a evolução observada, logo os resultados são um pouco distinguidos por isso.

O professor do 1º ciclo sabe que a avaliação deve ser realizada para impulsionar a aprendizagem do aluno, diagnosticando o patamar em que este se encontra para que o trabalho seja na direção do patamar acima.

“Durante o período escolar, os julgamentos sobre a self tornam-se mais realistas, mais equilibrados, mais compreensivos e mais claramente expressos. A autoestima é uma componente importante do autoconceito, ligando aspetos cognitivos, emocionais e sociais da personalidade. As crianças com a elevada auto estima tendem a ser alegres, as que têm baixa auto estima tendem a ser deprimidos” (Harter, 1990). Nitidamente, a autoestima é um campo que esta aluna necessita desenvolver, pois em conversa informal com a professora, foi-me informado que esta tem necessidade de ser elogiada e durante as aulas tenta sempre chamar a atenção da professora para os seus bons trabalhos.

Segundo Diane E. Papalia, 2001, “um humor depressivo pode baixar os níveis de energia, o que pode afetar a realização da criança na escola e noutros contextos, conduzindo a uma espiral descendente na autoestima. As crianças com baixa autoestima mantem frequentemente uma autoimagem negativa durante um intervalo de tempo longo apos o período escolar.”

Segundo a teoria neo-piagetina, o terceiro estágio no desenvolvimento da autodefinição, é caracterizado por tolerância, equilíbrio e pela integração e avaliação de vários aspetos da self.” Características que devem ser trabalhadas com a aluna A, sempre com o objetivo principal bem explicado e utilizando o reforço positivo.

Outro fator fulcral é a família. Não é necessário que os pais sejam os professores dos filhos, para influenciarem a sua educação. “Os pais providenciam um lugar para estudar e para guardar os livros e materiais; estabelecem e insistem nas horas das refeições, sono e trabalhos de casa; controlam a quantidade de televisão que as crianças veem e o que fazem depois da escola; mostram interesse pelo que se passa com os filhos na escola, falando dos acontecimentos escolares e dos seus problemas e sucessos (U.S. Department of Education, 1986) e mantendo-se envolvidos nas atividades da escola (D.L. Stevenson & Baker, 1987).”

“Os pais influenciam também na realização escolar através das formas como motivam as crianças e das atitudes que transmitem, que podem, por sua vez, ser influenciadas pela cultura ou estatuto socioeconómico” (Diane E. Papalia, 2001).

Esta motivação é variada, alguns usam meios extrínsecos, dando-lhes dinheiro ou prendas pelas boas notas e castigando-os pelas más. Outros encorajam as crianças a desenvolver a sua própria motivação intrínseca, elogiando-as pelas suas capacidades e esforço.

A motivação intrínseca parece ser mais eficaz. “De facto alguns educadores defendem que mesmo o elogio devia ser usado com precaução, uma vez que pode desviar o foco da motivação da criança, para o desejo de agradar os outros” (Aldort,1994). Num estudo realizado com 77 alunos do 3ºe 4º anos, os que estavam interessados no trabalho em si tinham melhor realização escolar do que aqueles que procuravam apenas as boas notas ou a aprovação dos pais (Miserandino,1996)

Segundo Baumrind (1971, Baumrind & Black,1967), existem três estilos parentais: “**pais autoritários** que valorizam o controlo e a obediência inquestionável”, que apenas mandam os filhos fazer os trabalhos de casa. **Pais permissivos** têm um estilo educativo parental que enfatiza a autoexpressão e a autorregulação, pais que não se envolvem e parecem não se importar com o modo como a criança vai na escola. Também existem os **pais democráticos** que adotam “um estilo educativo parental em que há, por um lado, o respeito pela individualidade da criança e, por outro lado, um esforço para inculcar valores sociais”. Estes pais fomentam nas crianças a curiosidade e o interesse na aprendizagem, estas crianças gostam de tarefas desafiadoras e apreciam resolver problemas autonomamente. Como consequência desta postura, os pais dos alunos mais fracos tendem a recorrer mais às ameaças e são obrigados a ser mais controladores. Enquanto que, os pais das crianças com mais sucesso, não sentem necessidade de oferecer recompensas ou de usar um papel de supervisão tão ativa.

“As crianças não são só afetadas pelo que os pais fazem, mas também pelo que pensam. Algumas crenças são transmitidas através de uma via cultural. A realização escolar das crianças é influenciada pelas crenças dos pais sobre educação, inteligência e escolaridade” (Diane E. Papalia, 2001). Para ajudar os professores a trabalharem com este problema é importante que estes compreendam as origens culturais das crenças dos pais, pois os alunos crescem com duas culturas diferentes: em casa e na escola.

Outro fator relacionado é o facto de existirem culturas minoritárias que valorizam comportamentos diferente dos valorizados pela cultura maioritária, as crianças dessa cultura podem estar em situação de desvantagem na escola. O professor deve procurar envolver a turma toda nesta diferença cultural e criar momentos de aprendizagem em grupo.

“A vida emocional no período escolar é particularmente complexa. Pelos 7 ou 8 anos, a criança interioriza as emoções de vergonha e de orgulho. Estas emoções, que dependem da consciência das implicações das suas ações e também do tipo de socialização que receberam, afetam a sua opinião sobre si próprias (Halter, 1993).”

Anexo 5 - Listas de verificação 1º e 2º CEB

1º CEB

1. Recursos

1.1. Recursos materiais

Tabela 6 - Recursos Materiais 1º CEB

a. Caracterização espaço/escola	Observações
Salas	São adequadas e conseguem abarcar todos os alunos.
Biblioteca	Não tivemos acesso
Refeitório	Amplo e com dimensões adequadas a todas as turmas.
Ginásio	Apenas um pequeno pavilhão interno e um espaço comum a toda a escola ao ar livre
Instalações sanitárias	Adequadas e suficientes para todos os alunos do 1ºciclo
Recreio	É o mesmo espaço usado como ginásio.
b. Caracterização espaço/sala	Observações
Mesas	Adequadas para os alunos
Iluminação (artificial/ natural)	Pouca iluminação natural, contando apenas com uma janela.
Espaço de circulação	Dispõe de um corredor e escadas até ao hall de entrada
Cabides	Situam-se fora da sala
Materiais didáticos. Quais?	Barras de base ten
Quadros	1 quadro preto e um branco
Ventilação/aquecimento	Sem condições de aquecimento ou ventilação

1.2. Recursos Humanos

Tabela 7 - Recursos Humanos 1º CEB

a. Caracterização dos recursos humanos	Observações
Professor(a)	Professora titular
Professores específicos Quais?	Professora de Inglês
Assistentes operacionais	Duas assistentes

Psicóloga/socióloga, outros	Não houve conhecimento
-----------------------------	------------------------

2. Relação Professor Cooperante/Aluno

Tabela 8 - Relação Professor Cooperante/Aluno 1º CEB

	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Observações
O professor cria momentos de empatia com os alunos;		x				
O professor alterna momentos de autoridade com momentos de descontração;		x				
O professor está atento às dificuldades de cada aluno individualmente e em grupo;		x				A professora dá especial atenção ao aluno R e à aluna H.
O professor está atento a fatores externos que possam condicionar a aprendizagem;			x			A estagiária presenciou uma preocupação extra com a aluna D por saber que esta estava triste.
O professor é capaz de mediar conflitos;		x				Esta mediação acontecia dentro da sala, regularmente após o intervalo.
O aluno solicita o professor com frequência para colocação de dúvidas;		x				
O professor mantém uma relação de afetiva com todos de igual forma;				x		
Dinamiza atividades		x				Principalment e atividades individuais;

individuais, em grupo ou turma;						
Envolve e motiva os alunos em situações de aprendizagem			x			

3. Relação Aluno/Aluno

Tabela 9 - Relação Aluno/Aluno 1º CEB

3.1 Sala de aula						
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Observações
Os alunos mostram-se disponíveis para emprestar material aos colegas;		x				
Os alunos mostram-se disponíveis para ajudar um colega com dificuldades;	x					
Observa-se respeito pela intervenção dos colegas;				x		
A turma coopera em grupo;			x			
Os alunos fazem queixas à professora sobre os comportamentos dos outros colegas;		x				Este comportamento é frequente após o intervalo
Os alunos trabalham bem em grupos/pares;		x				
Os alunos partilham as suas histórias uns com os outros;		x				
3.2 Recreio						

No recreio, os alunos fazem diferenciação de género nas brincadeiras;				x		
Os alunos partilham os brinquedos que trouxeram de casa com os colegas;		x				
Os alunos excluem algum colega que queira participar nas suas brincadeiras;					x	
Os alunos preferem brincar com elementos de outras turmas.				x		

4. Avaliação

Tabela 10 - Avaliação 1º CEB

Professora cooperante	Sim	Não	Às vezes	Observações
A professora realiza a avaliação diagnóstica;				
A professora dá <i>feedback</i> após a avaliação;	x			
A professora preocupa-se com os erros de enviesamento;	x			
A correção é feita em grupo;			x	Varia consoante o momento da aula.
A correção é feita individualmente;			x	
A professora realiza a revisão dos conteúdos abordados;	x			
A professora questiona os alunos sobre os conteúdos antes de os abordar.			x	
Promove auto e heteroavaliação		x		

5. Estratégias

Tabela 11 - Estratégias 1º CEB

5.1. Preparação das atividades	Sim	Não	Às vezes	Obs.
A docente usa com correção científico-pedagógica e didática a planificação das atividades letivas;			X	
A docente apresenta estratégias adaptadas aos conteúdos;			X	
A docente utiliza estratégias apropriadas ao nível etário;	X			
A docente adequa as estratégias às aprendizagens anteriores;	X			
A docente apropria a planificação e as estratégias ao desenvolvimento das atividades planificadas;				Sem acesso às planificações da professora
A docente apresenta variedade de metodologias e recursos usados.		X		
5.2. Realização das atividades	Sim	Não	Às vezes	Obs.
Segue os objetivos, orientações e programas das disciplinas ou áreas curriculares ensinadas;	X			
Gere apropriadamente o tempo.	X			
Emprega uma linguagem clara e precisa;			X	
Favorece o trabalho autónomo dos alunos;	X			
Valoriza a participação dos alunos;	X			
Aproveita recursos inovadores, incluindo as novas tecnologias;		X		

2º CEB

Relação professor-aluno 2º CEB

Professora de Matemática					
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
O professor cria momentos de empatia com os alunos;	X				
O professor alterna momentos de autoridade com momentos de descontração;			X		
O professor está atento às dificuldades de cada aluno individualmente e em grupo;	X				
O professor está atento a fatores externos que possam condicionar a aprendizagem;			X		
O professor é capaz de mediar conflitos;	X				
O aluno solicita o professor com frequência para colocação de dúvidas;		X			
O professor mantém uma relação de afetiva com todos de igual forma;	X				
Dinamiza atividades individuais, em grupo ou turma;		X			
Envolve e motiva os alunos em situações de aprendizagem	X				

Professora de Ciências					
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
O professor cria momentos de empatia com os alunos;			X		
O professor alterna momentos de autoridade com momentos de descontração;			X		
O professor está atento às dificuldades de cada aluno individualmente e em grupo;		X			
O professor está atento a fatores externos que possam condicionar a aprendizagem;		X			

O professor é capaz de mediar conflitos;	X				
O aluno solicita o professor com frequência para colocação de dúvidas;	X				
O professor mantém uma relação de afetiva com todos de igual forma;	X				
Dinamiza atividades individuais, em grupo ou turma;			X		
Envolve e motiva os alunos em situações de aprendizagem	X				

Professora de Português					
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
O professor cria momentos de empatia com os alunos;			X		
O professor alterna momentos de autoridade com momentos de descontração;			X		
O professor está atento às dificuldades de cada aluno individualmente e em grupo;	X				
O professor está atento a fatores externos que possam condicionar a aprendizagem;	X				
O professor é capaz de mediar conflitos;	X				
O aluno solicita o professor com frequência para colocação de dúvidas;	X				
O professor mantém uma relação de afetiva com todos de igual forma;	X				
Dinamiza atividades individuais, em grupo ou turma;				X	
Envolve e motiva os alunos em situações de aprendizagem	X				

Professora de História e Geografia de Português					
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
O professor cria momentos de empatia com os alunos;	X				
O professor alterna momentos de autoridade com momentos de descontração;	X				
O professor está atento às dificuldades de cada aluno individualmente e em grupo;	X				
O professor está atento a fatores externos que possam condicionar a aprendizagem;	X				
O professor é capaz de mediar conflitos;	X				
O aluno solicita o professor com frequência para colocação de dúvidas;	X				
O professor mantém uma relação de afetiva com todos de igual forma;	X				
Dinamiza atividades individuais, em grupo ou turma;			X		
Envolve e motiva os alunos em situações de aprendizagem	X				

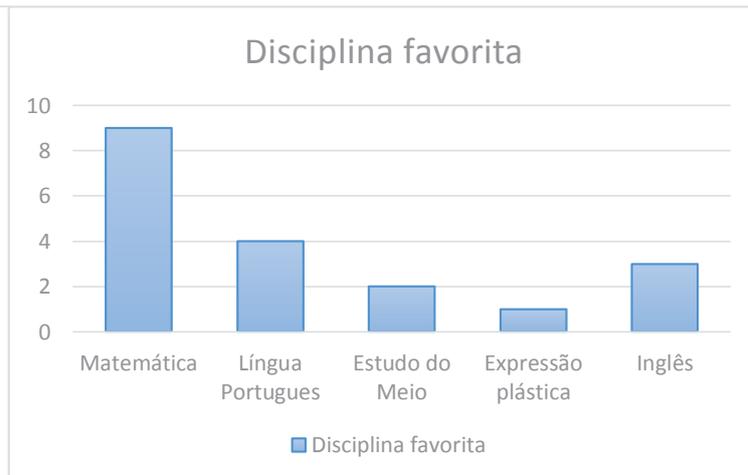
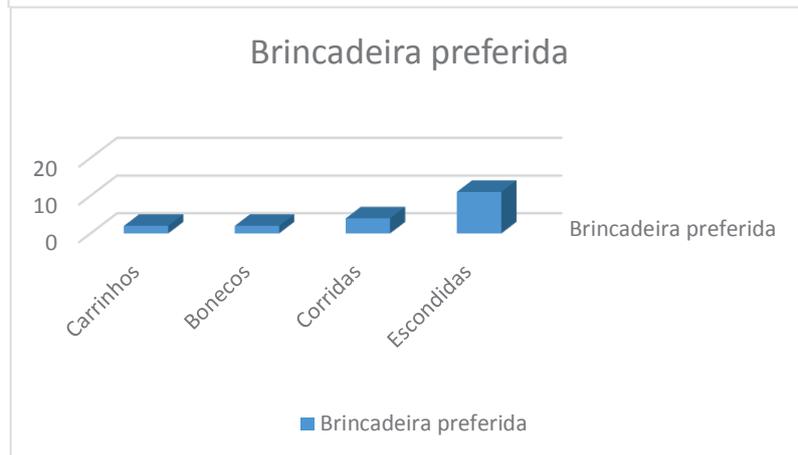
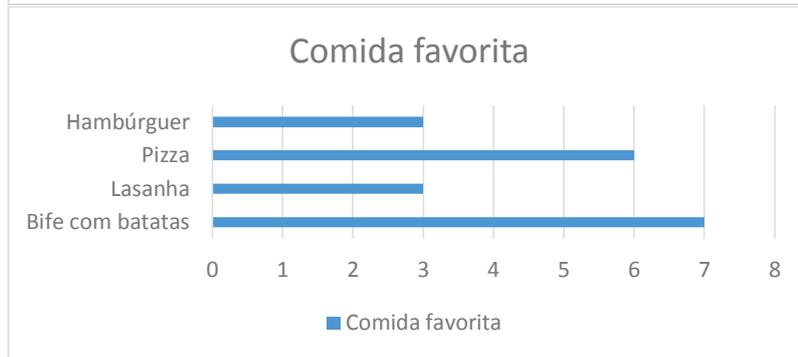
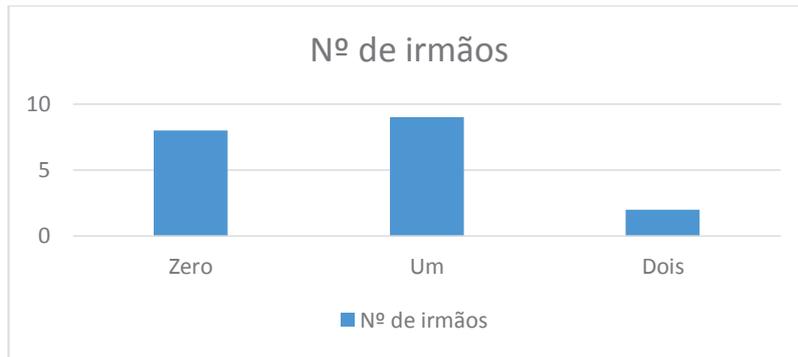
Relação Aluno-Aluno 2º CEB

Sala de aula						
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Observações
Os alunos mostram-se disponíveis para emprestar material aos colegas;		X				
Os alunos mostram-se disponíveis para ajudar um colega com dificuldades;	X					
Observa-se respeito pela intervenção dos colegas;		X				

A turma coopera em grupo;		X				
Os alunos fazem queixas à professora sobre os comportamentos dos outros colegas;		X				Este facto só acontece com a Diretora de Turma
Os alunos trabalham bem em grupos/pares;		X				
Os alunos partilham as suas histórias uns com os outros;		X				
No intervalo						
No intervalo, os alunos fazem diferenciação de género nas brincadeiras;		X				
Os alunos partilham os objetos que trazem de casa com os colegas;		X				
Os alunos excluem algum colega;					X	
Os alunos brincam com elementos de outras turmas.			X			

Anexo 6 - Inquérito aos alunos 1º CEB

1. Eu tenho _____ irmãos.
2. A minha comida preferida é:
 - Bife com batatas
 - Lasanha
 - Pizza
 - Hambúrguer
3. O que eu gosto mais de fazer nos tempos livres é:
 - Brincar com carrinhos
 - Brincar com bonecas
 - Brincar às corridas
 - Brincar às escondidas
4. A minha disciplina preferida é:
 - Matemática
 - Língua Portuguesa
 - Estudo do meio
 - Expressão plástica
 - Expressão dramática
 - Expressão motora
 - Inglês
5. O meu animal preferido é:
 - Cão
 - Gato
 - Papagaio
 - Golfinho
 - Outro. Qual? _____
6. A minha cor favorita é: _____



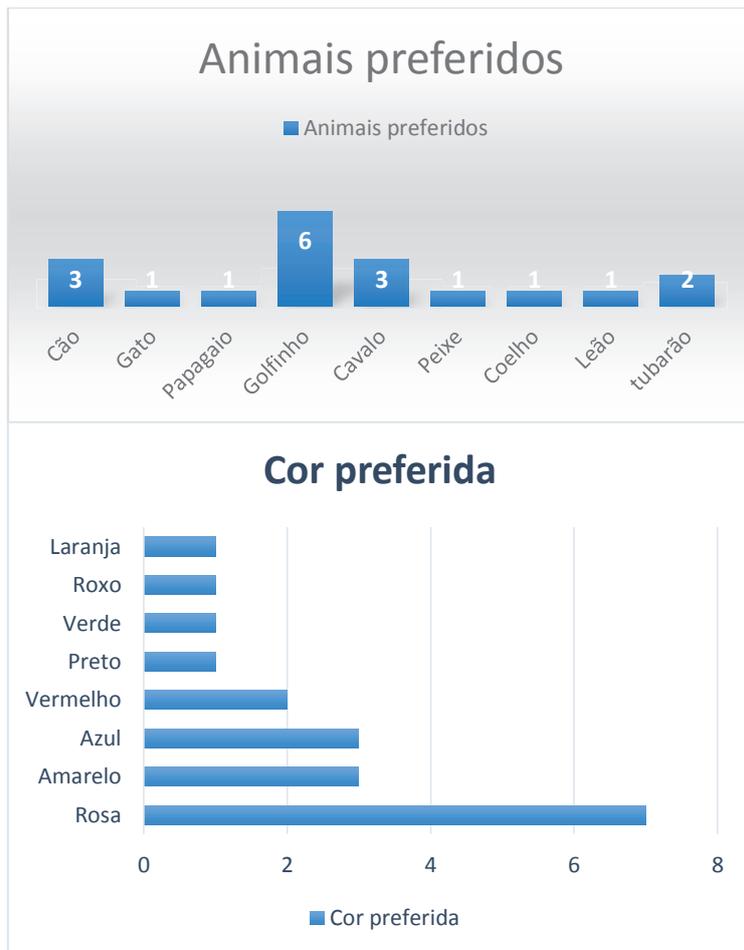


Figura 3 - Resultado Inquérito alunos 1º CEB

Anexo 7 - Inquérito aos pais 1º CEB

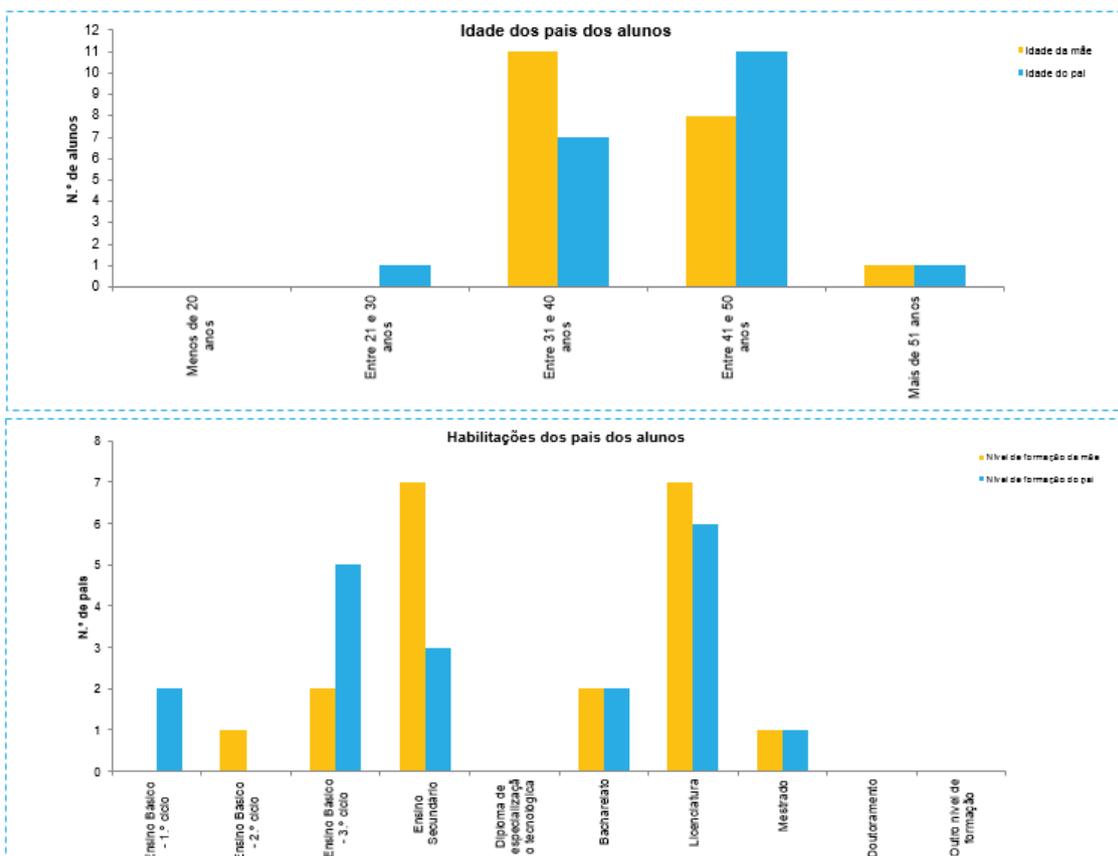


Figura 4 - Resultados inquérito aos pais 1º CEB

Anexo 8 - Grelha de Avaliação de leitura 1º CEB

Tabela 12 - Grelha de avaliação de leitura 1º CEB

Critérios	Fluência	Articulação	Velocidade	Ritmo	Reconhecimento das palavras	Intensidade da voz	Hábitos posturais	Compreensão	Auto correção
Números dos alunos									
1	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Médio	Médio	Médio	Médio	Iniciante
2	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
3	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio
4	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
5	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
6	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Médio	Médio	Médio	Iniciante
7	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Médio	Iniciante	Iniciante
8	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio
9	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio	Iniciante	Médio	Médio	Médio
10	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio
11	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
12	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
13	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Médio	Médio	Médio	Iniciante
14	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio
15	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Avançado	Médio	Médio	Médio
16	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
17	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Médio	Médio	Iniciante	Iniciante
18	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Médio	Iniciante	Iniciante
19	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
20	Iniciante	Avançado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
21	Iniciante	Avançado	Iniciante	Iniciante	Iniciante	Médio	Médio	Médio	Médio

Tabela 13 - Critérios da Tabela 12

Níveis de desempenho/ Critério	Avançado	Médio	Iniciante
Fluência	Faz pausas quando necessário respeitando a pontuação; Lê com expressão apropriada; Compreende a estrutura sintática;	Lê com a pontuação maioritariamente correta; Coloca expressão apenas em momentos de diálogo; Mostra algumas dificuldades na compreensão da estrutura sintática;	Lê atropeladamente; Ignora a pontuação; Perde o lugar ao ler; Lê por sílabas; Leitura monótona; Mostra muitas dificuldades na compreensão da estrutura sintática;
Articulação	Articulação clara;	Articulação pouco clara;	Articulação deficiente;
Velocidade	Velocidade de leitura de, no mínimo, 90 palavras por minuto; Adequa o ritmo aos momentos do texto, lentamente e rapidamente quando é necessário;	Velocidade de leitura de aproximadamente 75 palavras por minuto;	Velocidade de leitura de aproximadamente 55 palavras por minuto;
Prosódia: Ritmo	Lê com precisão e velocidade as palavras irregulares, para uma leitura fluida;	Lê sempre com o mesmo ritmo;	Lê com pouco ritmo;
Reconhecimento de palavras/ Correção		Apresenta hesitações em palavras irregulares; Descodifica rapidamente palavras desconhecidas;	Apresenta hesitações em palavras menos simples; Descodifica com dificuldade palavras desconhecidas; Inverte sílabas ou letras; Faz omissões ou adições; Lê gaguejando;
Intensidade da voz	O volume da voz é regulado consoante o texto; Entoação correta;	O volume utilizado é sempre o mesmo; Entoação razoavelmente correta;	A voz parece nervosa ou tensa; O volume é bastante baixo ou alto;
Hábitos posturais	Move a cabeça ao longo da linha; Mantem uma postura vertical e controladamente calma;	Acompanha a leitura com um lápis ou dedo; Dá mostras de tensão muscular; Mantém uma distância razoavelmente aceitável;	Movimenta o livro desnecessariamente; Dá mostras excessivas de tensão muscular; Dá mostras excessivas de relaxamento ao ler; Aproxima demasiado o livro da cara; Só consegue ler com o acompanhamento do lápis ou dedo;

Compreensão	Compreende o significado das frases;	Compreende o significado das frases com alguma dificuldade;	Compreende o significado das frases com
Autocorreção	Realiza uma autocorreção espontânea num espaço de tempo até cinco segundos;	Realiza uma autocorreção espontânea num espaço de tempo após cinco segundos;	Apercebe-se de poucas falhas, realizando uma autocorreção com dificuldade;

Anexo 9 - Reflexão 3ª Semana (Casa dos Desafios) 1º CEB

Semana 24.11.2014

Depois de algumas semanas de reflexão e observação da turma, surgiu a necessidade de criar atividades que colmatassem os tempos diferentes de cada aluno, visto que, é impossível homogeneizar a turma. A estagiária percebeu a diversidade, entendeu que seis alunos terminavam as tarefas bastante mais rápido e outros cinco demoravam um pouco mais.

Então como na semana anterior a estagiária constatou que os alunos ficaram motivados e interessados nos desafios de níveis (cinco problemas com o progressivo aumento de nível de dificuldade), pensou que se esta prática se tornasse rotina semana, para além de motivar os alunos, conseguia produzir a tão aclamada diferenciação pedagógica.

Na perspetiva de alguns autores “quando os alunos trabalham na mesma tarefa que outros alunos com níveis de competência próximos, ou quando todos os alunos trabalham na mesma área curricular mas em tarefas diferentes consoante o seu próprio nível, o efeito parece ser positivo. Quando se organizam situações em que todos os alunos realizam exatamente a mesma tarefa, o efeito tende a ser negativo.” (Mortimor et al, 1988 cit José Morgado, 2004:87)

Esta é a forma de permitir que cada aluno aprenda ao seu ritmo.

Como não era intenção criar competitividade entre alunos, a estagiária organizou um último nível, que seria a conquista de uma estrela para colocar na Tabela das Estrelas.

Esta tabela estava afixada na parede da sala e tinha como objetivo angariar estrelas durante um mês para cada aluno.

Na Árvore dos Desafios a estrela só é ganha se num espaço de tempo indicado, todos os alunos conseguirem passar do nível 5 para a estrela, ou seja, os alunos que terminarem primeiro, têm a tarefa de apoiar os colegas com dificuldades. Esta estratégia podia ser utilizada para toda a turma num momento específico, todavia, nasceu a ideia de construir um dispositivo que pudesse ser utilizado várias vezes aleatoriamente. Então a estagiária construiu uma Casa dos Desafios que contém exercícios organizados por níveis de competência das três áreas disciplinares (Matemática, Português e Estudo do Meio). Esta casa tem a vantagem de cada aluno poder escolher a área que mais lhe

interessa, porém, como estas atividades são examinadas pela professora, os alunos são aconselhados a rodar de área consoante as dificuldades apresentadas.

Assim há uma partilha de poder com o aluno, existindo uma negociação acerca do tempo e das atividades.

Como é óbvio, é necessário que haja a mediação deste trabalho, para isto importa que no final de cada atividade os alunos preencham a ficha de autoavaliação, para tomarem conhecimento dos conceitos com mais dificuldades. Ao consultarem a ficha de autoavaliação colada no caderno, criam um plano de trabalho, selecionando a matéria que realmente necessitam de trabalhar.

Por fim, a professora corrige os níveis e volta a entregar aos alunos para arquivarem e saberem quais as atividades já realizadas.

Anexo 10 - Entrevista à Professora Cooperante 1º CEB

Entrevistadores:

Existem compromissos já assumidos com o Ministério da Educação e outras instituições envolvendo a atribuição à Educação para a Cidadania, de aprendizagens diversas, em geral de resposta a problemas sociais atuais aos quais a organização tradicional do saber em disciplinas dificilmente atende.

Importa saber, de que forma, a Educação para a Cidadania está a ser integrada nas nossas escolas.

A entrevista é anónima e será realizada a professores de realidades diferentes, sendo necessário que as respostas sejam o mais coerentes e sinceras possível.

1- Na sua turma, como aborda esta área? Está integrada como área disciplinar autónoma?

2- Se respondeu que não está integrada como área disciplinar, acha que é necessário?

3- Na sua opinião acha que existem necessidades/problemas específicos que exijam a integração da cidadania como disciplina autónoma? Quais os principais problemas?

4- Quais são os temas que integram nesta área (Educação para a igualdade, Educação para os direitos humanos, Educação Rodoviária, ...) e quais as competências essenciais a desenvolver nos alunos?

5- No final do primeiro ciclo, os alunos devem ser capazes de atingir determinados objetivos, na sua opinião, quais os mais importantes?

6- O trabalho do professor em torno da promoção da cidadania necessita de traçar estratégias, quais são as estratégias e técnicas que utiliza na sua turma?

7- Lembra-se de alguma aula que tenha despoletado maior interesse nos alunos em relação a esta área? Quer partilhar?

8- Se tivesse duas horas por semana, aproveitava para trabalhar conceitos de cidadania?

Obrigada pela participação.

Respostas:

1- Na minha turma temos esta disciplina bem vincada, com uma hora por semana como o Externato prevê, mas eu não abordo esta disciplina apenas nessa hora. Durante a semana, principalmente depois dos intervalos, os alunos chegam à sala com problemas e eu procuro trata-los no próprio momento. Deste modo, consigo acalmá-los e aproveito para abordar certos conceitos existentes nos objetivos que tenho programado para aquela semana.

2- Sim claro! Na minha opinião como existem crianças diversas nas nossas salas, algumas delas sem apoio paternal, sinto que é necessário. Nós para além de professores, neste ciclo de estudos, ainda somos parte da família. Eu sinto-me quase mãe deles, portanto devemos entender os problemas mais marcantes nas vidas destes alunos e tentar dialogar para os apoiar também em certos aspetos da vida fora da escola.

3- No externato temos um conjunto de competências a atingir relativamente às áreas, neste momento não sei dizer de cabeça, mas é importante referir que para cada ano há um tema central que deverá ser explorado, por exemplo, no 1ºano o foco é Reconhecer a Comunidade; no 2ºano o foco é Conhecer a Instituição; no 3ºano é Conhecer os Direitos e Deveres de um Cidadão Ativo.

4- Os mais importantes nestas idades são sem dúvida o desenvolvimento do espírito crítico e conhecer e aceitar a diferença.

5- Como já referi, utilizo os problemas do dia-a-dia para chegar aos objetivos propostos. Ou seja, eu não planifico estas aulas utilizando como ponto de partida a matéria, mas parto das atividades para chegar aos objetivos.

6- Não me recordo de nenhuma que tenha sido fantástica, mas lembro-me do entusiasmo de uma turma que tive em descobrir quais eram os direitos e deveres. Mais os direitos claro!

7- Na prática o nosso tempo é escasso, por isso acho que não o aproveitaria dessa forma. Já tenho uma hora que devo usar nessa disciplina, contudo muitas vezes não a uso.

Anexo 11 - Planificação de Outubro 1º CEB

Tabela 14 - Planificação de Outubro 1º CEB

Professora supervisora:		Ano de escolaridade:		Data: 15/ 10/ 2014			
Professora cooperante:		2º ano		Ano letivo: 2014/2015			
Professora estagiária:							
Sumário:							
Área	Bloco e Conteúdos	Metas Curriculares e Descritores de Desempenho	Estratégias/ Atividades	Tempo	Recursos	Localização espacial	Avaliação
Estudo do meio	O SEU CORPO Os órgãos dos sentidos: - localizar, no corpo, os órgãos dos sentidos;	<ul style="list-style-type: none"> • distinguir objectos pelo cheiro, sabor, textura, forma...; • distinguir sons, cheiros e cores do ambiente que o cerca (vozes, ruídos de máquinas, cores e cheiros de flores...). 	<p>- Acolhimento e relaxamentos da tarde;</p> <p>Parte I</p> <p>- Revisão oral da matéria anterior (cinco sentidos e órgãos repetivos);</p> <p>-Explicação e distribuição de uma grelha de previsão;</p>	15'	-Música de relaxamento	- O professor localiza-se de frente para a turma;	- Formativa: (Grelha de observação 1)
				5'	-Imagens com os órgãos;		
				5'	-Quadro branco;		
					-Grelha de previsão dos alunos (fig.1) ;		
				10'			

		<p>Parte II</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visualização de várias imagens de discriminação figura-fundo e preenchimento da grelha; - Audição de vários sons da natureza e preenchimento da grelha; discriminação figura-fundo; <p>Parte III</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização da turma em sete grupos de três alunos e distribuição dos autocolantes; - Passagem de cada grupo pela banca do olfato, tato, paladar e, preenchimento da grelha; <p>Enquanto um grupo está nas bancas, os outros realizam a</p>	<p>10'</p> <p>30'</p> <p>15'</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Retroprojetor, computador e imagens; - Computador e músicas; - Banca do olfato, tato e paladar; - Livro de Estudo do Meio; - Autocolantes; 	<ul style="list-style-type: none"> - O professor localiza-se de frente para a turma; - O professor localiza-se perto das bancas e o outro professor estagiário circula pelos lugares auxiliando os alunos na ficha; 	
--	--	--	----------------------------------	--	---	--

Operacionalização:

Parte I- Introdução

A aula começa com a revisão oral da matéria anterior (cinco sentidos e órgãos repetitivos);

“O corpo humano é dotado de cinco sentidos que lhe possibilita interagir com o mundo exterior (pessoas, objetos, luzes, fenômenos climáticos, cheiros, sabores, etc).

Através de determinados órgãos do corpo humano, são enviadas ao cérebro as sensações, utilizando uma rede de neurónios que fazem parte do sistema nervoso.” (adaptado do site : www.sua.pesquisa.com-consultado em 9.10.2014)

A estagiária distribui e explica o preenchimento da grelha de previsão e identificação das várias sensações. Uma grelha por aluno.

	Exemplo 1	Exemplo 2	Exemplo 3	Exemplo 4	Exemplo 5
Visão					
Audição					
Olfato					
Tato					
Paladar					

Fig.1 Grelha de previsão para os alunos.

Para auxiliar o preenchimento da grelha a estagiária vai perguntando: “ Nesta imagem, o que observam?”, “O que vos parece este som?”, “De que será este cheiro?”, etc..

Parte II- Desenvolvimento da aula

A Estagiária projeta exemplos de imagens no quadro e fornece algum tempo para o preenchimento da grelha. De seguida coloca vários sons para eles voltarem a preencher a grelha.

Parte III- Continuação

Para o preenchimento do paladar, tato e olfato os alunos são divididos em 7 grupos de três alunos. Cada grupo passa por cada banca e experimenta as diferentes sensações, seguindo-se o preenchimento da grelha. Enquanto os grupos esperam pela passagem nas bancas, realizam a ficha do livro sobre a matéria (página 28).

Parte IV- Conclusão

Para finalizar a atividade, a estagiária solicita cada aluno para falar sobre a sua grelha e efetua um pequeno registo no quadro. Por fim, revela quais os ingredientes existentes nas bancas e entrega a ficha para consolidação da matéria (ficha 1).

A avaliação é realizada através da correção das fichas dos alunos e utilizando a grelha de observação para avaliação formativa.

Por fim os alunos preenchem a ficha de autoavaliação.

Já sei ...

- Identificar os órgãos que correspondem a cada sentido; ☺ ☹ ☹
- Distinguir alguns objetos pela textura e pela forma; ☺ ☹ ☹
- Distinguir alguns alimentos pelo sabor e pelo cheiro. ☺ ☹ ☹
- Distinguir alguns sons e imagens ; ☺ ☹ ☹
- Identificar as sensações provodas pelo paladar e pelo tato. ☺ ☹ ☹

Conteúdos da aula

Visão

“É a capacidade de visualizar objetos e pessoas. O olho capta a imagem e envia para o cérebro, para que este faça o reconhecimento e interpretação.”
(adaptado do site : www.sua_pesquisa.com-consultado em 9.10.2014)

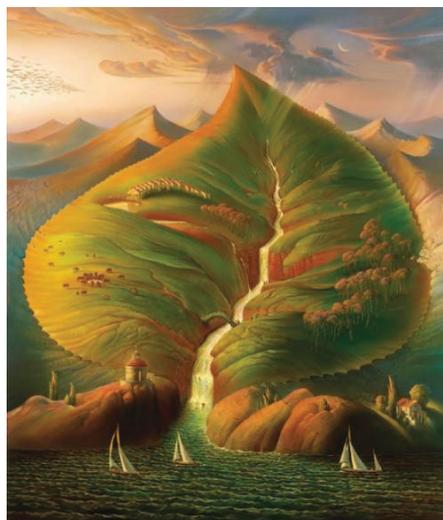


Figura 5 - Exemplos de imagens de figura – fundo 1

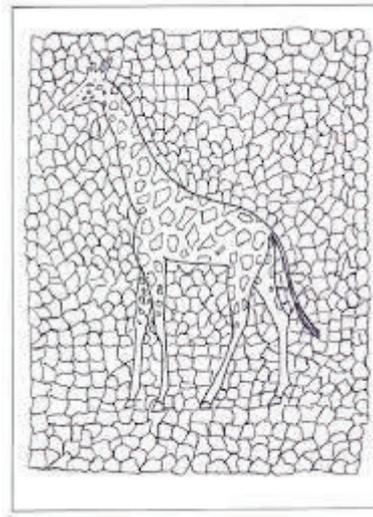


Figura 6 - Exemplos de imagens de figura – fundo 2

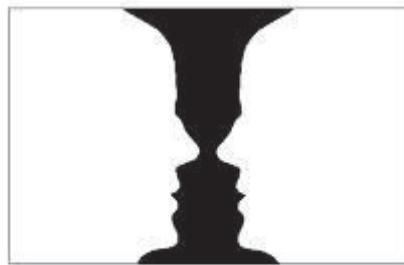


Figura 7 - Exemplos de imagens de figura – fundo 3



Figura 8 - Exemplos de imagens de figura – fundo 4



Figura 9 - Exemplos de imagens de figura – fundo 5

Audição

“É a capacidade de ouvir os sons (vozes, ruídos, barulhos, músicas) provenientes do mundo exterior. O ouvido capta as ondas sonoras e envia-as para que o cérebro faça a interpretação daquele som.” (adaptado do site : www.sua.pesquisa.com-consultado em 9.10.2014)

Exemplo de sons:

Ex.1: som da chuva e trovoadas;

Ex.2: som de martelar;

Ex.3: som de vozes de pessoas;

Ex.4: som de pássaros;

Ex.5: som de motas;

Paladar

“Este sentido permite ao ser humano sentir o gosto (sabor) dos alimentos e bebidas. Na superfície de nossas línguas existem milhares de papilas gustativas. São elas que captam o sabor dos alimentos e enviam as informações ao cérebro, através de milhões de neurónios.” (adaptado do site : www.sua.pesquisa.com-consultado em 9.10.2014)

Exemplos de sensações do paladar:

Ex.1: doce: açúcar;

Ex.2: amargo: gengibre;

Ex.3: salgado: sal;

Ex.4: ácido: limão;

Ex.5: amargo: louro;

Tato

“É o sentido que permite ao ser humano sentir o mundo exterior através do contato com a pele. Por baixo da pele humana existem neurónios sensoriais. Quando a informação chega ao cérebro, uma reação pode ser tomada de acordo com a necessidade ou vontade.” (adaptado do site : www.sua_pesquisa.com-consultado em 9.10.2014)

Exemplos de sensações provocadas pelo tato:

Ex.1: áspero: folha de lixa;

Ex.2: macio: algodão hidrófilo;

Ex.3: frio: cubos de gelo;

Ex.4: quente: água morna;

Ex.5: áspero: pedra;

Olfato

“Sentido relacionado com capacidade de sentir o cheiro das coisas. O nariz humano possui a capacidade de captar os odores do meio externo. Estes cheiros são enviados ao cérebro que efetua a interpretação.”

Curiosidade:

Algumas pesquisas indicam a existência de sete odores primários (cânfora, almíscar, flores, menta, éter, azedo e podre).” (adaptado do site : www.sua_pesquisa.com-consultado em 9.10.2014)

Exemplos de cheiros:

Ex.1: Flores- rosas;

Ex.2: Pastilhas de menta;

Ex.3: Terra;

Ex.4: Fruta estragada;

Ex.5: Canela;

Grelha de observação para avaliação formativa (escala de 0 a 5):

Alunos/ indicadores	Ind. 1- O aluno relaciona os sentidos com os respectivos órgãos; (escala de 0 a 5)	Ind.2- O aluno identifica as características de certos alimentos, relativos ao paladar; (escala de 0 a 5)	Ind.3- O aluno identifica as características de certos objetos; (escala de 0 a 5)	Ind.4- O aluno sabe onde se situam estes órgãos no corpo; (escala de 0 a 5)
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				

Indicador 1

- 0- O aluno não relaciona um único sentido ao seu órgão respetivo;
- 1- O aluno relaciona pelo menos um sentido com os respetivo órgão;
- 2- O aluno relaciona pelo menos dois sentidos com os respetivos órgãos;
- 3- O aluno relaciona pelo menos três sentidos com os respetivos órgãos;
- 4- O aluno relaciona pelo menos quatro sentidos com os respetivos órgãos;
- 5- O aluno relaciona todos os sentidos com os respetivos órgãos;

Indicador 2

- 0- O aluno não identifica um único alimento;
- 1- O aluno identifica pelo menos um alimento;
- 2- O aluno identifica pelo menos dois alimentos;
- 3- O aluno identifica pelo menos três alimentos;
- 4- O aluno identifica pelo menos quatro alimentos;
- 5- O aluno identifica todos os alimentos;

Indicador 3

- 0- O aluno não identifica um único objeto;
- 1- O aluno identifica pelo menos um objeto;
- 2- O aluno identifica pelo menos dois objetos;
- 3- O aluno identifica pelo menos três objetos;
- 4- O aluno identifica pelo menos quatro objetos;
- 5- O aluno identifica todos os objetos;

Indicador 4

- 0- O aluno não sabe onde se situa um único órgão no seu corpo;
- 1- O aluno sabe onde se situa pelo menos um órgão no seu corpo;
- 2- O aluno sabe onde se situam pelo menos dois órgãos no seu corpo;
- 3- O aluno sabe onde se situam pelo menos três órgãos no seu corpo;
- 4- O aluno sabe onde se situam pelo menos quatro órgãos no seu corpo;
- 5- O aluno sabe onde se situam todos os órgãos no seu corpo;

Ficha 1

Os cinco sentidos

1. Completa a frase com os sentidos respetivos.

- a) A boca e a língua são os órgãos associados ao _____.
- b) A pele e as mãos são os órgãos associados ao _____.
- c) Os olhos são os órgãos associados à _____.
- d) O nariz é o órgão associado ao _____.
- e) Os ouvidos são os órgãos associados à _____.

2. Assinala com um X o sabor que identificaste:

	Doce	Ácido	Salgado	Amargo
Açúcar				
Gengibre				
Sal				
Limão				
Folha de louro				

1. Assinala com um X a sensação que identificaste:

	Áspero	Macio	Frio	Quente
Folha de lixa				
Algodão hidrófilo				
Cubos de gelo				
Água morna				
Pedra				

Anexo 12 - Planificação de Novembro 1º CEB

Tabela 15 - Planificação de Novembro 1º CEB

Português 2º ano		Dia 24.11.2014		Professora supervisora: Marta Martins Professora cooperante: Lília Sá Silva Professora estagiária: Patrícia de Sousa Santos	
Domínios principais: Compreensão Oral, Expressão Oral, Leitura e Escrita, Iniciação à Leitura Literária, Conhecimento Explícito da Língua		Experiências de Aprendizagem		Tempo (110')	Avaliação
Conteúdos	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades		Modalidade de trabalho	Recursos
	<p>Audição da história e retenção da informação</p> <p>Exploração de elementos paratextuais e vocabulário (ex.: título, ilustração...); Autor</p>	<p>Ouvir ler textos literários.</p> <p>Antecipar conteúdos com base no título e nas ilustrações.</p>	<p>Parte I -Acolhimento e leitura de um poema;</p> <p>Parte II <u>Pré-leitura</u> <i>O que veem na ilustração?</i> <i>De que se tratará o excerto do texto?</i> <i>O que quer dizer o título?</i> <i>Sabem o que é uma "barrafunda"?</i> <i>Como estará o corpo?</i> <i>Quem é o autor e qual é a editora?</i> <i>Como se chama o livro?</i></p> <p><u>Leitura</u></p>		

<p>Leitura orientada</p>	<p>Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos. - Assinalar palavras desconhecidas. Ouvir ler e ler textos literários. leitura silenciosa. - Ler pequenos trechos em voz alta.</p>	<p>- Audição do texto lido pela estagiária; - Leitura silenciosa e em voz alta;</p>	<p>Individual</p>	<p>15'</p>	<p>- Manual de Português</p>
<p>Informação essencial e acessória</p>	<p>- Referir o essencial de textos ouvidos. Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor. - Responder adequadamente a perguntas. - Identificar o tema central; - Aprender o sentido global de textos ouvidos; Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p>	<p><u>Pós-leitura</u> <u>Expressão oral</u> - Conversação sobre o tema; - Interpretação oral do texto “Barafunda do Corpo”;</p>	<p>Individual/ Turma</p>	<p>10'</p>	
<p>Tema e assunto Texto oral e texto escrito Palavra, frase, texto, imagem</p>	<p>- Responder adequadamente a perguntas. - Identificar o tema central; - Aprender o sentido global de textos ouvidos; Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p>	<p><u>Escrita</u> - Realização do “Ler e Compreender” do manual, relativo ao texto em estudo;</p>	<p>Individual</p>	<p>10'</p>	

<p>Acento gráfico: agudo, grave, circunflexo;</p>	<p>Elaborar por escrito respostas a questionários,</p> <p>Explicitar regras e procedimentos: - Identificar e aplicar os acentos gráficos</p>	<p>Parte III</p> <p><u>Gramática</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Explicação dos acentos gráficos e sua animação através de um dado; - Identificação dos diferentes acentos no texto ‘Barafunda do Corpo’; - Registo no caderno de palavras com diferente acentuação encontradas no texto; 	<p>Turma</p> <p>Individual</p>	<p>15’</p> <p>15’</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Dado dos acentos 	
---	--	--	--------------------------------	-----------------------	--	--

Matemática 2º ano

Dia 24.11.2014

Domínios principais: Números e Operações

Professora supervisora: Marta Martins
 Professora cooperante: Lília Sá Silva
 Professora estagiária: Patrícia de Sousa Santos

Conteúdos	Experiências de Aprendizagem		Tempo (100')	Recursos	Avaliação
	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades			
Números naturais	Ouvir ler textos literários.	Parte I - Acolhimento e leitura de um poema;	15'	- Livro trazido pelos alunos	Grelha de observação 2
		Parte II - Jogo dos números possíveis com três algarismos;	15'	- Copos de plástico com números - Folhas brancas	
		Parte III - Realização de um exercício com numerais ordinais, através da contagem de carros de uma corrida;	15'		
Adição e Subtração	- Contar numerais ordinais até ao vigésimo;	Parte IV - Realização de um quadrado mágico;	10'	Retroprojektor e computador;	
		- Resolução de um desafio (Problema de dois passos);	10'	- Barras de Cuisenaire - Quadrados Mágicos;	
Sistema de numeração decimal	- Realizar adições cuja soma seja inferior a 1000; - Decompor números até 1000;	Parte V - Conclusão da ficha de decomposição de números;	10'	- Quadro; - Base Ten; - Ficha de decomposição	
		Parte VI - Através do fornecimento de dados sobre a disciplina preferida dos alunos da turma, construção de um gráfico;	10'	Retroprojektor e computador	

Estudo do Meio 2º ano

Dia 24.11.2014

Blocos principais: Bloco I- À Descoberta de Si Mesmo

Professora supervisora: Marta Martins
Professora cooperante: Lília Sá Silva
Professora estagiária: Patrícia de Sousa Santos

Conteúdos	Experiências de Aprendizagem		Tempo (90')	Recursos	Avaliação	
	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades				
A Saúde do seu Corpo - Importância da água potável; Caraterísticas da água; Como cuidar da água;	Parte I - Acolhimento e leitura de um poema;	Apenas um aluno a ler	15'	- Livro trazido pelos alunos	Grelha de observação 3	
	Parte II - Visualização de um documentário sobre a importância da água no nosso planeta; - Conversa sobre o tema;	Turma	15'	- Computador e retroprojektor		
	Parte III - Conversa com alunos sobre as caraterísticas da água potável.- Registro no quadro e no caderno;			10'	- Quadro e caderno	
	Parte IV - Visualização de uma experiência sobre a filtração da água com sujidade;			10'	- Computador e retroprojektor	
	Parte V - Ilustração de 4 passos da experiência;		Individual		- Folhas brancas divididas em 4 partes;	

Operacionalização:

Português (110')

Todas as aulas começam pela leitura de um poema escolhido e lido pelos alunos.

Depois de abrirem o livro, a estagiária questiona os alunos sobre o título do texto “Barafunda do Corpo”. Na parte da leitura, a estagiária começa por ler em voz alta, enquanto os alunos fazem a leitura silenciosa.

Para efeitos de avaliação, os alunos leem trechos do texto, em voz alta.

Antes de iniciarem a interpretação do manual, os alunos respondem oralmente a várias questões colocadas pela estagiária, sobre o texto.

Na parte III, para os alunos decorarem melhor os nomes dos acentos, a estagiária utiliza um dado com os diferentes acentos em cada face, posteriormente realizam um jogo.

O jogo consiste em, depois de lançar o dado, os alunos têm de descobrir palavras do texto lido anteriormente com essa acentuação.

1.º Os alunos lançam o dado;

2.º Procuram palavras relativas a este acento;

3.º Registo no caderno de palavras com diferente acentuação.

Matemática (100')

Para os alunos descobrirem os números possíveis, é-lhes dado, quatro copos com algarismos diferentes e, estes em grupos de dois têm de registar numa folha previamente fornecida.

Na parte III, a estagiária projeta no quadro a sequência de carros e explica ao aluno o preenchimento dos desafios.

A parte IV é dividida em dois desafios, o primeiro é projetado no quadro e os alunos têm de resolver na ficha.

Para a decomposição dos números, a estagiária distribui as peças do Base Ten, e pede aos alunos para terminarem a ficha de decomposição em grupos de dois.

Por fim, na parte IV, a estagiária projeta os dados em tabela e pede aos alunos que realizem na ficha um gráfico (à escolha) que represente aqueles dados. Neste caso é dada liberdade para os alunos escolherem o gráfico que pensam ser o mais adequado.

Estudo do Meio (90')

Inicialmente os alunos veem um documentário sobre a importância da água no nosso planeta (<http://www.youtube.com/watch?v=jn97a0YxMkA>). Depois, a estagiária conversa com os alunos sobre a informação principal do texto.

Na parte III, os alunos sugerem as características da água potável e fazem um pequeno registo no caderno.

A estagiária projeta um vídeo de uma experiência sobre a filtração de água suja.

Para a ilustração dos passos da experiência, a estagiária vai passando o vídeo mais lentamente.

Grelhas de avaliação:

Grelha de Observação 1- Português

Escala de 1 a 5.

	O aluno faz a leitura com correção (sem erros);	O aluno faz a leitura com intensidade e (alto, baixo);	O aluno faz a leitura com ritmo (rápido, normal, lentos);	O aluno faz a leitura com expressividade (não monótona e adequada);	O aluno compreende o sentido principal de um texto;	O aluno identifica e aplica os acentos gráficos;
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
...						

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem.

Grelha de observação 2 - Matemática

Escala de 1 a 5.

	O aluno identifica os números possíveis formados com quatro algarismos;	O aluno sabe trabalhar em grupo;	Obs.
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
...			

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem.

Grelha de observação 3- Estudo do Meio

Escala de 1 a 5.

	O aluno entende a importância da água;	O aluno enumera três características da água;	O aluno sabe os cuidados a ter com a água;	Obs.
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
...				

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem.

Anexo 13 - Reflexões 1º Semana 1º CEB

Diário do bordo das duas primeiras semanas de aulas- lecionadas pela professora cooperante.

22.09.2014

A aula começa com o registo da data e do abecedário maiúsculo e minúsculo no quadro. Os alunos parecem sossegados e mal chegam à sala, mesmo antes da professora, começam a escrever a data.

No início da semana, os alunos colocam na parede o desenho de um peixe, decorado por cada um e com a sua fotografia. Consoante os eu comportamento durante a semana, levam o peixe no fim-de-semana, ora com uma estrela por bom comportamento, ora uma cruz, por mau comportamento.

A docente escreve um sumário para os alunos terem um plano mental para o dia. Sempre que a professora escreve algo no quadro, separa cada palavra por silabas através de canetas de cores, enquanto isto, vai rodando pela sala, para ver se os alunos escrevem direito.

É sempre necessário dar atenção à postura dos alunos, observando o seu bem-estar.

Antes dos ditados, os alunos têm dois dias para estudarem os casos de leitura e imediatamente antes, têm cinco minutos para decorar as palavras dadas anteriormente.

Para estudarem os casos de leitura, a professora separa os casos por colunas e pede a participação deles com a sugestão de palavras com estes casos. No final de cada caso, os alunos devem escrever cada palavra no ar (Método Jean Qui ri).

Enquanto a professora lê um texto, os alunos são incentivados a acompanhar a leitura com o dedo ou lápis, separando as palavras por silabas.

Depois do intervalo, a professora fica à entrada da sala para ouvir as queixas e ajudar a resolver certos problemas.

Quando há a distribuição dos cadernos, os alunos verificam logo quais os erros a corrigir.

Na leitura em voz alta, os alunos fazem a leitura em voz alta, a professora vai ajudando a interpretar o texto e dá dicas para lerem com expressão, com mais entusiasmo e com volume suficiente.

A professora opta sempre por usar uma postura de ensino das regras fundamentais das relações, utilizando a importância do respeito e da amizade como justificação.

“ Enquanto o aluno R está a ler, a aluna S, estava a conversar com uma colega, então, a professora fez com que a aluna entendesse o porquê de não dever falar em simultâneo para evitar perturbar o aluno.”

Depois da leitura do texto, realizaram a interpretação deste em voz alta, respeitando as regras de frase, com resposta completa e só respondem se estiveram em silêncio e com o dedo no ar.

Na segunda-feira os alunos têm português de manhã até ao primeiro intervalo, depois matemática até ao almoço, e por fim, estudo do meio e expressão plástica à tarde. À terça-feira, a manhã repete-se e à tarde têm Inglês. A meio da semana, quarta-feira, a manhã começa com português, depois matemática e termina com 45 min de expressão motora. À tarde têm estudo do meio e cidadania.

É importante dar indicações aos alunos, relativamente ao número de linhas necessárias para deixar e se é a caneta ou a lápis.

Para além disso a professora deve dar indicações para abrirem o livro e fecharem o caderno e vice-versa.

Terminando o trabalho de português, a professora diz para os alunos colocarem os livros por baixo da mesa, retirarem o caderno de matemática e escreverem a data.

A professora utiliza as Barras de Cuisenaire para decompor os números e efetuar cálculos.

Exaustivamente, a professora vai passando de mesa em mesa, para ver como eles estão a trabalhar.

As barras são colocadas no quadro e os alunos têm de passar para o caderno, desenhando cada barra. Neste trabalho os alunos tiveram algumas dificuldades, porque torna-se complicado desenhar as barras no caderno.

Um aluno respondeu pela vez da aluna I e a professora disse: “Assim não estás a ser amigo dela porque não deixaste pensar.”

Depois do almoço os alunos entraram agitados, mas a professora logo os acalmou. Disse que deviam respirar fundo, sem que ninguém percebesse. Sempre que um aluno diz algo rápido, a professora pede para voltarem a repetir com correção.

Antes de cada atividade, a docente dá sempre indicações para que que corra bem. “ Eu vou ler as perguntas e vocês têm de acompanhar com o dedo.”

23.09.2014

A professora inicia sempre a aula com um sumário escrito em conjunto com os alunos, ajudando-os através das sílabas.

Ao escrever as palavras, a professora vai perguntando como se escrevem algumas palavras. “Meninos, porquê que a palavra “casos” se escreve com “s” e não “z”? porque um “s” entre duas vogais, lê-se “z”.

A professora dá a seguinte indicação: “Rodear os casos de leitura e pôr uma pintinha por baixo do “p” ou do “b”. Por fim, vamos colocar as palavras três vezes na cabeça e desenhar no ar”.

A professora divide os alunos por grupos, para fazer um jogo com as palavras. De seguida, pede aos alunos para decidirem quem assume o papel de chefe de grupo, tendo em conta quem sabe mais e tem mais facilidade.

Em grupo decidem as palavras e escrevem numa folha, com os casos de leitura “am”, “em”, “im”, “om”, “um” e, “na”, “en”, “in”, “on”, “un”. O grupo que escrever o maior número de palavras corretas, ganha o jogo.

Na hora do lanche, todos os alunos gostam de partilhar o seu lanche da manhã, tanto com as professoras, como com os colegas.

Depois do intervalo, a professora aconselha os alunos a respirarem fundo durante cinco minutos. Esta técnica ajuda bastante a relaxar e a reconforta-los.

De um modo geral, a turma tem dificuldade em recortar, ficam bastante nervosos e concentram-se muito nesta tarefa.

Para ajudá-los, a professora vai enumerando as regras para cortarem com perícia.

24.09.2014

Quando a aula começa, a professora justifica as faltas e trata de algumas papeladas importantes, enquanto os alunos escrevem a data e o abecedário.

Depois escrevem o sumário, onde a professora explica que é uma orientação para os alunos.

A professora explica que primeiro devem ler cada palavra por sílabas e só depois é que escrevem, “não podem ser batoteiros”.

Para o ditado, a professora dá 5 minutos para estes estudarem as palavras que vão sair no ditado.

Nesta turma não há nenhum aluno com necessidades educativas especiais.

Depois do intervalo, a professora ouve as queixas dos alunos.

Para explicar a operação inversa da adição, a professora coloca no quadro as operações e utiliza as Barras de Cuisenaire para ajudar.

A professora explica que para não se enganarem a fazer as contas, devem pintar o algarismo das dezenas de cada parcela cor de laranja.

Antes da leitura do texto, a professora faz uma pequena história introdutória.

No final da manhã, a professora fez a leitura dramatizada do texto “O Mostrengo”. Seguida de leitura dramatizada, frase a frase.

Texto difícil de compreender e de interpretar. A atividade não correu muito bem.

Depois desta atividade, a professora deu um barquinho de aço a um aluno para inventar uma história. Cada aluno contou uma parte da história.

Os alunos voltam a entrar na sala, depois do almoço e sentam-se a fazer exercícios de concentração.

Sempre que a professora escreve no quadro os números com as ordens das dezenas, fá-lo de cor diferente, de preferência, de vermelho.

Necessário eleger um delegado de turma, então a professora começou por conversar com os alunos sobre as funções deste cargo. Enunciaram todas as regras em conjunto.

29.09.2014

Quando a professora começa a aula à segunda-feira, pergunta sempre o quê que os meninos fizeram no fim-de-semana.

Sem esquecer as indicações, a professora avisa que os meninos devem deixar uma linha de intervalo para escreverem o sumário.

A professora pede aos alunos para sublinharem a palavra sumário, com régua de outra cor.

Por vezes, é necessário desenhar algo para os alunos entenderem.

Para os casos de leitura a professora trouxe imagens de objetos, assim mostrava a imagem e perguntava como se escrevia, se era com “us” ou “uz”.

As regras que eles infringem mais vezes são: falar sem o dedo no ar ou deixar folhas em branco.

Para ensinar o singular e o plural, a professora forma duas colunas e vai dizendo várias palavras, para os alunos identificarem em que coluna se coloca.

A professora explica: “Nas palavras que terminam em “al”, “el”, “il”, “ol” e “ul”, no singular, ao passar para o plural, corta-se o “l” e escreve-se “is”. Em todas as palavras terminadas em “el”, acrescenta-se o “eis” e coloca-se o acento agudo.”

Em vez do ditado, a professora pede aos alunos para escreverem cinco palavras no singular e no plural.

Para a construção da história, a professora começou por dar as regras aos alunos.

“Regras para construir uma história”

- Tempo (Quando?)

- Espaço (Onde?)

- Personagens (Quem?)
- Ação (O que aconteceu?, Como se resolveu?)
- Conclusão

A professora passa o barco a um aluno para este começar a história e todos escrevem copiando pelo quadro. Ao escrever o texto, alerta para a necessidade de colocar o dedo quando é parágrafo.

A professora vai fazendo perguntas para encaminhar a história, todos os alunos vão dando pistas e palpites.

Para organizar as ideias e ganhar mais espaço no quadro, a docente desenha uma linha no quadro, repartindo-o a meio e sendo assim, as letras ficam mais pequenas, fazendo com que os alunos mais pequenos não consigam ver. Assim os alunos levantam-se várias vezes para confirmar as palavras escritas no quadro.

A docente recorre sempre a métodos (dicionário, livros..) para esclarecer dúvidas e quando erra, admite aos alunos e todos corrigem

30.09.2014

A hora aproximada de início da aula é às 9.00 horas, até aqui, os alunos ainda estão a escrever a data, o abecedário e o sumário. Por vezes, a professora conversa com os alunos sobre o que aconteceu.

A professora começa por explicar para que precisamos de saber resolver problemas. “Para resolverem melhor os problemas, devem fazer um desenho para ajudar.”

Na compreensão e interpretação do texto a professora acautela a importância de sublinharem a pergunta, para que a resposta seja mais certa.

Quando os alunos têm uma ficha e a fazem em grupo, a professora pede aos alunos para lerem em voz alta. Assim, vão treinando a leitura.

O horário real depois do intervalo é às 11 horas, porque a professora dá sempre uns minutos para relaxamento.

Para os alunos entenderem o que é um itinerário, a docente colocou as carteiras a fazerem de ruas e uma aluno a exemplificar um percurso.

“A Urbi vai sempre em frente na avenida nº. 5, vira na segunda à direita (av. 9) e, passa pela casa da Violeta.”

01.10.2014

A professora chega à sala e para tentar apressar os trabalhos iniciais, coloca a ampulheta para os alunos tentarem ser mais rápidos.

A docente alerta sempre para a leitura atenta e com compreensão.

Uma aluna fez a leitura muito boa de um texto e quando a professora a felicitou, ela explicou que lia todos os dias à noite.

É importante pedir sempre aos alunos para lerem as perguntas. Sempre que os alunos têm de responder a uma pergunta, a professora tenta que eles respondam completo e dá sempre algum tempo para pensarem.

A aula da tarde começa às 14.40h. Quando a docente quer que os alunos escrevem bem, escreve primeiro no quadro. A professora teve uma conversa com os alunos sobre o que é ser chefe.

De seguida, aproveitou para ensinar quem são os chefes de estado e escrevem os seus nomes.

Termina a aula com a ilustração sobre o tema “ O que fazias se fosses chefe?”. Assim, os alunos tinham de fazer um desenho sobre o quê que faziam na sua cidade.

Anexo 14 - Reflexão 1º Semana 2º CEB

Como refere a missão do colégio “qualidade no sucesso que permita, pela exploração de todas as nossas potencialidades, a construção conjunta de um mundo melhor” (PE 2012/15), nesta instituição, os alunos são expostos a várias oportunidades e variedade de atividades.

Para além da atenção dada aos alunos em sala de aula, estes ainda usufruem de um horário semanal de apoio a todas as disciplinas.

Um distinto aspeto que foi possível observar, logo nas primeiras aulas, é a constante participação aliciante da turma, demonstrando confiança e otimismo, procurando apurar o seu sentido crítico.

Pode-se constatar que os alunos têm métodos de estudo bem vinculados e fazem questão de comunicar aos professores sempre que realizam uma atividade extra. É de notar a capacidade de comunicação dos alunos, bem como os discursos elaborados e interessantes que produzem.

Para a estagiária, estas características acarretam uma dificuldade que é a capacidade de controlar a turma em momentos de excitação, como foi possível experienciar na primeira aula lecionada. Nesta aula, os alunos estavam a construir triângulos com o apoio da estagiária e começaram a solicitar a estagiária em simultâneo de modo a perturbar o bom funcionamento da aula. Para assegurar o bom funcionamento da aula, foi necessário relembrar uma regra fundamental: para solicitar o apoio do professor deve-se colocar o dedo no ar.

Importa também referir que as regras mais importantes de sala de aula são cumpridas pelos alunos, como por exemplo: levantar com permissão do professor; bater à porta e pedir licença para entrar; (...).

Os professores deste colégio não respondem diretamente às questões dos alunos, com a finalidade de desenvolver o raciocínio dos mesmos.

Há bastante exigência no material e na pontualidade, para assegurar este rigor, existem faltas de material, que são marcadas estritamente, e faltas de atraso, que são marcadas após a chegada dos alunos fora dos minutos de tolerância.

Uma estratégia comum a todos os professores é a entrega de fichas formativas para os alunos colarem no caderno, o que funciona como consolidação da matéria.

Em Matemática, a docente solicita os alunos para resolverem exercícios no quadro e usa recursos didáticos como vídeos e slides de power point. Quando os alunos estão a realizar exercícios, a professora circula em serpente, de modo a passar por todas as mesas.

Em Português os alunos estão muito desenvolvidos, devido ao apoio que tiveram no 1º ciclo. Em conversa informal com a docente, esta explicou que no quarto ano estes alunos tiveram apoio de uma professora de 2º ciclo que lecionava em simultâneo com a professora de 1º ciclo. A escrita é um ponto forte destes alunos, verificando-se a coesão e a articulação dos textos, bem como a variedade de vocabulário. A docente criou também um passaporte de leitura, que serve para registar os livros que os alunos leem e a atribuição de cotação sobre a sua qualidade.

Na disciplina de Ciências, a docente utiliza muitos esquemas e desenhos para explicitar a matéria. Recorre a slides de power point de introdução à matéria. Esta é a disciplina que suscita maior curiosidade aos alunos.

Em História e Geografia de Portugal, os alunos têm uma relação bastante descontraída com a professora e interessam-se por colocar várias questões. A docente utiliza vídeos da escola virtual, recorrendo à Porto Editora.

**Anexo 15 - Planificação de HGP, 13 de março 1º
CEB**

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 13/03/2015

Tempo: 50'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Catarina
Oliveira

Turma: 5ºC

Descritores de desempenho:

- Identificar os grupos sociais medievais, destacando os privilegiados e os não privilegiados;
- Referir as funções de cada ordem social;
- Indicar os privilégios do clero e da nobreza e as obrigações dos camponeses, especialmente nos domínios senhoriais.

Finalidades:

Compreender o funcionamento de um senhorio.

TEMA

Vamos visitar um senhorio?

Recursos materiais:

- Vídeo;
- Materiais de decoração: velas, arca, lamparina de azeite, carne, peixe, queijo e vinho;
- Maqueta de um senhorio.

Atividades:

Parte I

- Acolhimento e escrita do sumário (5')
- Diálogo de revisão da aula anterior sobre as características de cada grupo social e sobre a decoração da sala (representação de uma refeição da nobreza) (10')

Parte II

- Apresentação de um friso cronológico (5')
- Visualização de um vídeo sobre a nobreza, preenchimento de uma ficha de acompanhamento e correção (10')
- Análise de uma maqueta sobre as características do senhorio (20')

Conteúdos:

- Aspectos da sociedade e da cultura medieval portuguesa dos séculos XIII e XIV.

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Técnica: Observação direta e análise da ficha de acompanhamento

Disciplina: História e Geografia de Portugal

5ºAno

Operacionalização

**ANO LETIVO
2014/ 2015**

A aula terá início com o acolhimento dos alunos em sala de aula que se encontrará decorada como um salão de uma casa senhorial do século em questão. Os alunos deverão sentar-se nos seus lugares e serão convidados a abrir o caderno diário e registar o respetivo sumário. Este consistirá na “Funcionamento de um domínio senhorial” (5’).

Posteriormente, a estagiária explicará o que pretende com a decoração da sala e questionará (exemplos de questões: Em que época nos encontramos? Como é que sabemos isso? Neste momento estamos num salão de que grupo social da época? Como é que sabemos isso? Quais são os grupos sociais existentes e como se distribuem na pirâmide? Quais as características principais desses grupos sociais? (5’)

Os alunos serão também questionados sobre a matéria lecionada anteriormente, bem como sobre o espaço representado na sala (5’).

Para os alunos se situarem no tempo será projetado um friso cronológico (5’).

A estagiária projeta um vídeo sobre este grupo social e sobre o senhorio, simultaneamente, os alunos, preenchem uma ficha de registo (10’).

http://www.escolavirtual.pt/vidovplayer?id=0_y2lzudvw

Quando terminarem, será apresentada a maquete do senhorio e cada parte explicada detalhadamente (20’).

Anexo 16 - Fotografias de Experiências (Sentidos e mousse de castanhas) 1º CEB



Anexo 17 - Reflexão da 4ª Semana (aula de Ciências) 1º CEB

Esta semana teve como tema “A Importância da Água”, a primeira aula iniciou-se com a visualização de um documentário sobre a importância da água, onde os alunos se encontravam muito atentos e até perplexos com a relevância do tema. Após esta visualização foi fulcral o registo das características da água e a sua importância, pois este foi utilizado para o preenchimento do panfleto na aula seguinte.

A estagiária utilizou vídeos da execução de uma experiência relativa à separação de resíduos da água e propôs que os alunos a ilustrassem em quatro passos principais. Esta atividade foi diferente e interessante, mas seria mais produtivo se os alunos fizessem eles próprios a experiência, o que implicaria uma preparação muito mais cuidada com a montagem de bancas com materiais de laboratório e por consequência, uma responsabilidade da parte dos alunos e da estagiária muito mais elevada.

Assim os alunos “aprendem, fazendo”.

A Importância da Água
Água: essencial para a vida humana

A água é importante porque:

Características da Água Potável

Água
 O elemento mais abundante mais o nosso corpo.
70%
 da nossa água é desperdiçada por água.

Cuidados a ter com a água:

-
-
-

É urgente poupar água, todos somos responsáveis.

Todos os alunos;
 Todos os professores;
 Todos os funcionários;
 Todos os pais e familiares;
 Toda a comunidade escolar;
 Todos os cidadãos.

**É importante entender a sabedoria da Natureza... Entender a importância da água na nossa vida. Não permitiu que todas as recomendações sobre seja bom uso, não por água...
 Monica Sabaroty**

A água é importante porque:

Características da Água Potável

Água
 O elemento mais abundante mais o nosso corpo.
70%
 da nossa água é desperdiçada por água.

Cuidados a ter com a água:

-
-
-

É urgente poupar água, todos somos responsáveis.

Todos os alunos;
 Todos os professores;
 Todos os funcionários;
 Todos os pais e familiares;
 Toda a comunidade escolar;
 Todos os cidadãos.

A água é importante porque:

Características da Água Potável

Água
 O elemento mais abundante mais o nosso corpo.
70%
 da nossa água é desperdiçada por água.

Cuidados a ter com a água:

-
-
-

É urgente poupar água, todos somos responsáveis.

Todos os alunos;
 Todos os professores;
 Todos os funcionários;
 Todos os pais e familiares;
 Toda a comunidade escolar;
 Todos os cidadãos.

**Anexo 18 - Planificação de CN, 19 de março 2º
CEB**

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 19/03/2015

Tempo: 50'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Catarina
Oliveira

Turma: 5^oC

Descritores de desempenho:

- Descrever a influência da água, da luz e da temperatura no comportamento dos animais, através do controlo de variáveis em laboratório.
- Apresentar três exemplos de adaptações morfológicas e comportamentais dos animais à variação de três fatores abióticos (água, luz e temperatura).

Finalidades:

- Descobrir o comportamento das minhocas quando expostas à humidade e à luz;

TEMA

Vamos descobrir como vivem as minhocas?

Recursos materiais:

- Três minhocas;
- Caixa de sapatos com amostra de solo (terra do jardim);
- Água;
- Um candeeiro;
- Fichas de apoio.

Atividades:

- Escrita do sumário no quadro 5'
- Diálogo sobre o comportamento das minhocas. (5')
- Realização da atividade experimental (5')
- Registo dos resultados na ficha da atividade experimental (5')

Questões:

- Alguma vez já observaram o comportamento das minhocas?
- O que será que preferem as minhocas, solo húmido ou seco, luz ou escuridão?
- E em termos de temperatura?

Conteúdos:

- Adaptações morfológicas e comportamentos dos animais.

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Técnica: Observação direta e correção e análise das fichas da atividade laboratorial

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 19/03/2015

Tempo: 50'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Catarina
Oliveira

Turma: 5ºC

Descritores de desempenho:

- Apresentar uma definição de biodiversidade;
- Indicar exemplos da biodiversidade animal existente na Terra;
- Exemplificar ações do ser humano que podem afetar a biodiversidade animal;
- Discutir algumas medidas que visem promover a biodiversidade animal;
- Concluir acerca da importância da proteção da biodiversidade animal.

Finalidades:

- **Compreender a importância da proteção da biodiversidade animal.**

TEMA

Biodiversidade

Atividades:

- Diálogo sobre o conceito de Biodiversidade (5')
- Apresentação vídeo sobre biodiversidade. (5')
- Discussão sobre as ameaças à biodiversidade animal e medidas de proteção (5')
- Identificação e colocação, no mapa, das espécies emblemáticas de Portugal (10')
- Distribuição de fichas informativas.

- Recursos materiais:**
- Vídeo;

- Mapa de Portugal com a distribuição de animais emblemáticos;
- Imagens de animais;
- Fichas informativas.

Conteúdos:

Biodiversidade:

- Ameaças à biodiversidade animal;
- Importância da proteção da biodiversidade animal.

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Técnica: Observação direta

A aula terá início com o acolhimento dos alunos no laboratório. Os alunos deverão sentar-se nos seus lugares e abrirem o caderno diário para a estagiária proceder à escrita do sumário. Este consistirá na “A influência da humidade e da luz na vida das minhocas; A importância da biodiversidade animal” (5’).

Na primeira parte da aula, enquanto a atividade laboratorial é realizada, os alunos preenchem a ficha laboratorial, registando os resultados e retirando as respetivas conclusões. (10’)

A segunda parte da aula será para compreender a importância da biodiversidade, para isso os alunos serão questionados sobre a sua importância e sobre as ameaças e medidas de proteção (10’). Os alunos assistirão a um vídeo sobre o tema (5’) e, em seguida, ajudarão a professora estagiária a colocar no mapa de Portugal Continental, as imagens das diferentes espécies ameaçadas. (10’) O mapa será construído em esferovite, por distritos, e as imagens serão colocadas no mapa com o apoio de um palito de madeira.

http://www.escolavirtual.pt/videoplayer?id=0_on1cn5in

No final da aula, será distribuída uma ficha informativa para os alunos colarem no caderno.

Anexo 1

Fig.1 Mapa Continental



Anexo 19 - Ficha de atividade laboratorial – Influência da luz e da humidade no comportamento das minhocas 2º CEB

Ficha de Registo da Atividade Laboratorial n.º 7

Disciplina: Ciências Naturais – 5ºAno

ANO LETIVO
2014 / 2015

Nome: _____

Ano: 5º Turma: ____ N.º ____

*“Influência dos fatores do
meio nos animais”*

“Influência da luz e humidade no comportamento da minhoca”

Questão-Problema: Qual a influência da luz e da humidade do meio no comportamento da minhoca?

Atividade parte I – Será que as minhocas preferem ambientes húmidos?

Protocolo Experimental

Material:

_____	_____
_____	_____
_____	_____

Procedimento Experimental:

1. Coloca a terra dentro da caixa;
2. Humedece, com água, metade da área da terra da caixa, tendo o cuidado de deixar a outra metade seca;
3. Coloca as minhocas na zona que divide a parte seca da parte húmida;
4. Observa o comportamento das minhocas;
5. Regista o que aconteceu no teu caderno diário.

Registo de resultados

1. Completa a seguinte tabela, tendo em consideração as tuas observações.

Resultados	
Em solo húmido	Em solo seco

Discussão

1. Indica qual o meio que as minhocas preferem.

2. Explica por que é que as minhocas precisam deste tipo de meio.

Atividade parte II - Será que as minhocas preferem a escuridão?

Protocolo Experimental

Material:

Procedimento Experimental:

1. Retira as minhocas da caixa e humedece, com água, a metade seca da caixa, de forma ao solo ficar todo humedecido;
2. Tapa metade da caixa;
3. Coloca o candeeiro ligado sobre a caixa,
4. Coloca as minhocas na parte iluminada;
5. Observa o comportamento das minhocas;
6. Regista o que aconteceu no teu caderno diário.

Registo de resultados

2. Completa a seguinte tabela, tendo em consideração as tuas observações.

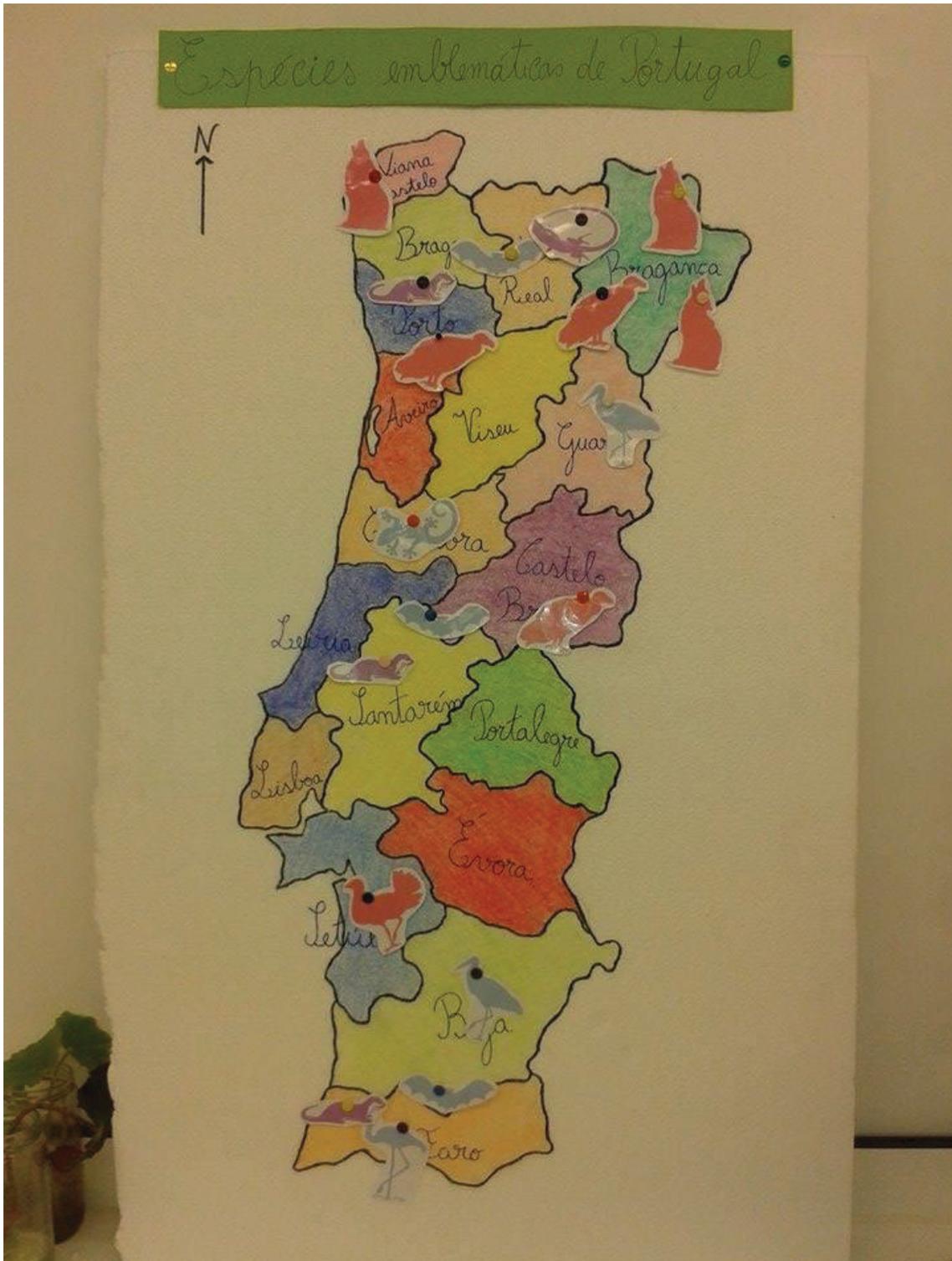
Resultados	
Zona iluminada	Obscuridade

Discussão

1. **Refere** o que podes concluir, relativamente à hipótese colocada no início da experiência?

2. **Indica** quais os fatores do meio que podem condicionar a distribuição das minhocas no meio, evidenciados por estas experiências.

Anexo 20 - Fotografia do Mapa 2º CEB



Anexo 21 - Ficha Informativa – Biodiversidade 2º CEB

	Ficha Informativa n.º 10 Disciplina: Ciências Naturais 5ºAno	ANO LETIVO 2014/ 2015
Nome: _____ Ano: 5º Turma: _____ N.º _____		“Importância da proteção da biodiversidade animal”

“Importância da proteção da biodiversidade animal”

O termo biodiversidade - ou diversidade biológica - descreve a riqueza e a variedade do mundo natural.

A biodiversidade traduz-se na quantidade de espécies de seres vivos existentes no planeta. Existem espécies adaptadas a ambientes tão diversos como o gelo da Antártida ou fontes submarinas com atividade vulcânica e temperaturas superiores a 100°C.



Exemplos da ação do homem e suas consequências na biodiversidade do planeta:

Eliminação ou alteração do habitat	Este é o principal fator da diminuição da biodiversidade. A eliminação de vegetação local para construção de casas ou para atividades agropecuárias altera o meio ambiente. Em média, 90% das espécies extintas acabaram em consequência da destruição do seu habitat;
Sobre-exploração de recursos	Ameaça muitas espécies marinhas e algumas terrestres; Ex: pesca excessiva.

Poluição das águas, solo e ar	Prejudicam os ecossistemas e matam os organismos;
Introdução de espécies invasoras	Ameaçam os locais por predação, competição ou alteração do habitat natural.

Importância proteção da biodiversidade animal

A biodiversidade animal assegura o equilíbrio dos ambientes naturais e a sobrevivência do ser humano.

Dada a sua importância deve ser protegida através de medidas como:

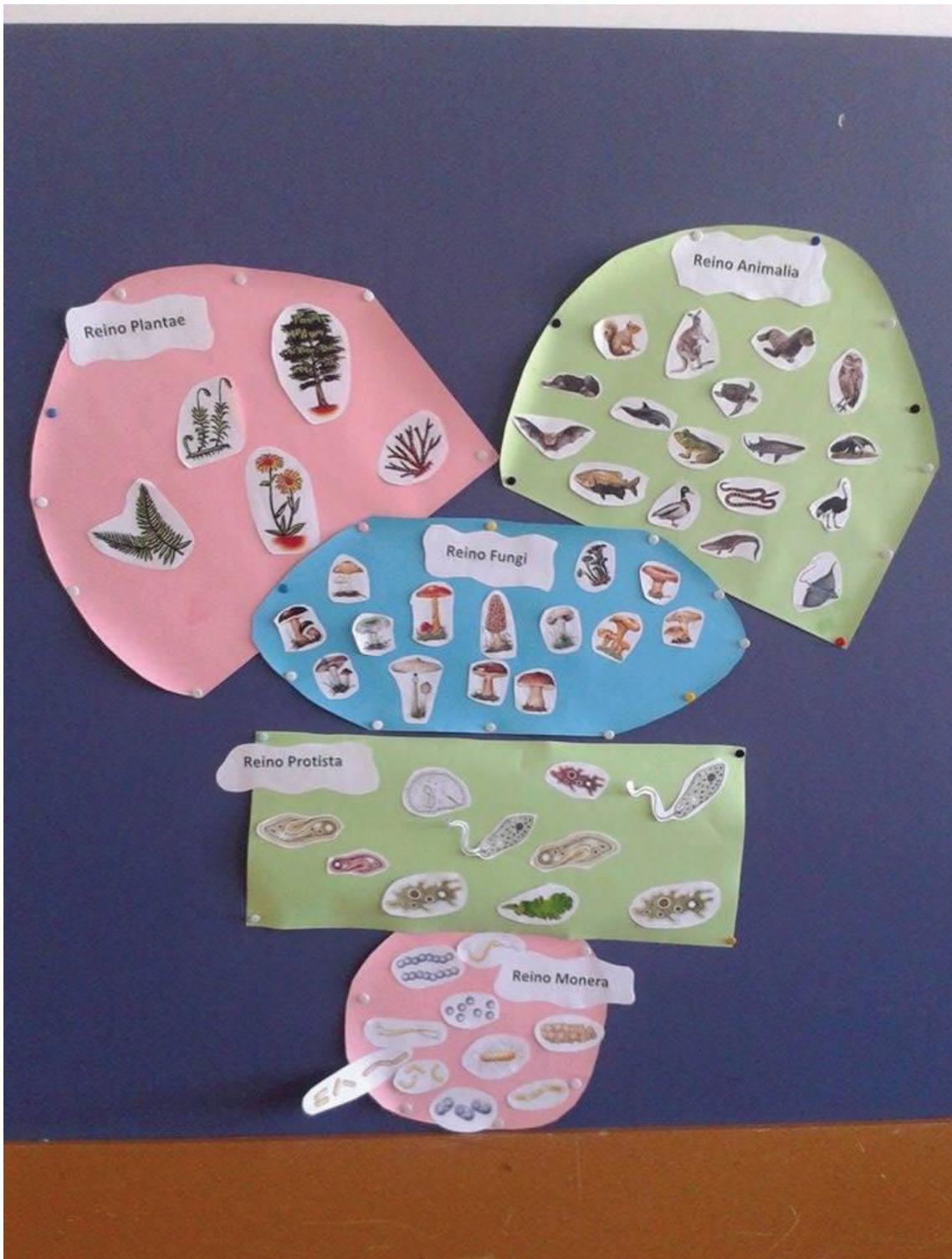
- ⊗ A criação de áreas protegidas (ex.: Parque Nacional da Peneda-Gerês);
- ⊗ A criação de jardins zoológicos;
- ⊗ A educação e sensibilização da população para a preservação da biodiversidade.

Curiosidades:

http://www.wwf.pt/o_nosso_planeta/

https://www.youtube.com/watch?v=SdcZ0r_2h_Q&t=115

Anexo 22 - Fotografia do Cartaz sobre os reinos 2º CEB



Anexo 23 - Fichas formativas de Português 1º CEB

Ficha 1- Português

Nome: _____
Data: __/__/_____

1. Lê o poema.

A Centopeia

Vai descalça a centopeia
Sem sapato e sem _____.

Devagar, _____
Não se engana no caminho.

Faça chuva ou faça _____
Mais parece um regimento.

Pé atrás e pé à frente
Sempre alegre e _____.

Quando a vejo de _____
Digo adeus, boa viagem.
José Fanha, Poemas com Animais

Sorridente
Vento
Passagem
Devagarinho
Meia

2. Tendo em conta a rima, utiliza as palavras que estão na caixa para completar o poema que se segue.
3. Identifica qual o tipo de rima e representa-o em esquema.
4. Lê o poema. Identifica qual o tipo de rima e representa-o em esquema.

“Numa casa muito estranha”

Numa casa muito estranha
Toda feita de chocolate
Vivia uma bruxa castanha
Que adorava o disparate.

Punha os copos no fogão
As panelas na banheira
Os sapatos nas gavetas
As meias na frigideira;

Escrevi com fios de água
Dormia sempre de pé
Cozinhava numa cama
E comia no bidé.

Varria a casa com garfos
Limpava o pó com farinha
Deitava cem gatos na sala
E dormia na cozinha”

António Mota, Se tu visesses o que eu vi, 8ªed.,
Gailivro, 2010

5. Lê o poema. Identifica qual o tipo de rima e representa-o em esquema.

Inventor

O João é um grande trapalhão.
Usa sapatos trocados,
enxuga as mãos no sabão,
come sopa com o garfo
e com a faca o feijão.
Um mundo de confusão.
A pesar-lhe na sacola
tinha um prego e um martelo
em vez de livros da escola.
Uma vez trincou os óculos
enquanto limpava o pão
e muniu-se dos binóculos
para ver televisão.
O João não é bem um trapalhão,
é um menino distraído,
pois está sempre entretido
a pensar numa invenção.

Até o Sr. Professor,
já lhe chama o inventor.
Há tempos criou um invento
para chamar à atenção
sempre que em algum momento
se distrai o pensamento
e há muito que anda a pensar
numa máquina
capaz de, na vez dele, estudar.
É que assim
sempre sobrava mais tempo
para inventar.

Regina Gouveia, Ciência para meninos em poemas
pequeninos, 2.ª ed. Gatafunho, 2010

Ficha 2- Português

Nome: _____
Data: ___/___/___

1. Escuta com atenção o poema “Numa casa muito estranha” de António Mota e, descobre quais são as palavras que rimam com as palavras das imagens.











Anexo 24 - Reflexão da Semana 28.10.2014 (aula de Português) 1 °CEB

Penso que esta aula começou muito bem, os alunos estavam cheios de energia e vontade de aprender algo novo, o que facilitou bastante a minha aula.

A primeira parte da aula iniciou-se com a leitura de um poema, como é habitual, este poema foi trazido pela aluna S e estava relacionado com a matéria da semana.

De seguida, foram apresentados em power point, dois poemas “A Centopeia” e “Numa Casa Muito Estranha”. O primeiro foi lido em conjunto, o que motivou e entusiasmou os alunos.

Depois realizaram uma ficha com um poema lacunado, onde os alunos preencheram com as palavras dadas.

A segunda parte da aula foi mais reconfortante, porque através da correção desta ficha, a estagiária reconheceu que os alunos tinham entendido perfeitamente a diferença entre rima cruzada e emparelhada.

A apresentação em power point que a estagiária apresentou foi muito importante porque ajudou a visualização das assonâncias que rimavam e o esquema rimático tornou-se mais nítido.

A estagiária explicou as primeiras estrofes de cada poema e deixou que os alunos fizessem sozinhos as próximas, o que depois a auxiliou a perceber se os alunos tinham de facto entendido.

O ponto fraco da aula foi a falta de indicação por parte da estagiária para que os alunos rodeassem as assonâncias com cores diferentes, o que gerou um pouco de confusão na identificação das diferentes rimas.

No final da aula, foi-lhes entregue a ficha de autoavaliação “Já sei”, estas fichas tinham algo de novo, em vez de apresentarem apenas as caras para os alunos colorirem, tinha um pequeno espaço para os alunos escreverem onde tiveram mais dificuldade.

Anexo 25 - Fichas de autoavaliação “Já sei” 1º CEB

Já sei...

a) O que é uma estrofe;



b) O que é um verso;



c) Identificar as palavras que rimam;



d) Identificar as rimas cruzadas;



e) Identificar as rimas emparelhadas;



O que ainda não entendi bem...

Anexo 26 - Análise das fichas de autoavaliação 1º CEB

Autoavaliação	a)	b)	c)	d)	e)
	21 alunos	20 alunos	13 alunos	21 alunos	21 alunos
		1 aluno	9 alunos		
					
Obs.			Ex. “O que ainda não entendi bem foi algumas palavras são muito parecidas e não rimam.”		

Anexo 27 - Fotografia da investigação de palavras da família 1º CEB



Anexo 28 - Fotografia da Roleta da Escrita 2º CEB



Anexo 29 - Planificação de Português, 12 de março 2º CEB

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 12/03/2015

Tempo: 50'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Catarina
Oliveira

Turma: 5ºC

Descritores de desempenho:

- Fazer um plano, esboço prévio ou guião do texto;
 - Redigir o texto;
 - Articular as diferentes partes do texto previamente planificadas;
 - Selecionar o vocabulário ajustado ao conteúdo;
 - Construir os dispositivos de encadeamento (cronológico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido;
 - Dar ao texto a estrutura compositiva e o formato adequados;
 - Respeitar regras de utilização da pontuação;
 - Rever o texto, aplicando procedimentos de reformulação.
- Metas:**
- Escrever pequenas narrativas, integrando os elementos quem, quando, onde, o quê, como, porquê e respetando uma sequência que contemple: apresentação do cenário (tempo e lugar) e das personagens; acontecimento desencadeador da ação; ação; conclusão; emoções ou sentimentos provocados pelo desfecho da narrativa.

Finalidades:

Escrever um texto coeso e coerente, respeitando as indicações dadas e de acordo com as categorias resultantes do dispositivo "Roleta da Escrita".

TEMA

A Roleta da Escrita

Conteúdos:

- Texto Narrativo: componentes e estrutura da narrativa
- Progressão temática
- Recursos linguísticos (lexicais, sintáticos e semânticos discursivos e textuais)
- Configuração gráfica: pontuação e sinais auxiliares de escrita, ortografia
- Regas do Diálogo

Recursos materiais:

- Dispositivo pedagógico: Roleta da Escrita;
- Fichas auxiliares (Anexo II).

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Técnica: Observação direta

Instrumentos: Grelha de registo - (Anexo I).

Atividades:

- Escrita do sumário no quadro (5')
- Apresentação do dispositivo pedagógico (2')
- Diálogo sobre as indicações necessárias à escrita do texto (3')
- Seleção das categorias do texto narrativo, através do dispositivo pedagógico (5')
- Construção individual do esquema de planificação do texto (5')
- Escrita do texto (30')

Disciplina: Português

5ºAno

Operacionalização

**ANO LETIVO
2014/ 2015**

A aula terá início com o acolhimento dos alunos em sala de aula. Os alunos deverão sentar-se nos seus lugares e abrirem o caderno diário para a estagiária proceder à escrita do sumário. Este consistirá na “Construção de um texto narrativo através de um dispositivo pedagógico” (5’).

Posteriormente, a estagiária apresentará o dispositivo que servirá para orientação do tempo, espaço e personagens; este terá o formato de uma roleta como podemos verificar no (Anexo 1). Serão colocadas questões como por exemplo, Quais são as perguntas a que devem responder na categoria espaço, tempo, personagens e ação? Precisarão de três recursos estilísticos diferentes. Quais são os que conhecem? (5’)

Sendo assim, a estagiária fornece aos alunos uma folha com o cabeçalho e as orientações para a escrita do texto (pelo menos um diálogo, uma descrição e três recursos de estilo diferentes). Seguidamente, rodam a roleta de cada setor, selecionando assim as partes obrigatórias que devem constituir o texto (5’).

Os alunos farão a planificação do seu texto em esquema (5’), seguido o rascunho do texto, enquanto as estagiárias circulam pela sala para tirarem dúvidas e apoiarem individualmente na sua construção (30’).

No final da aula, a estagiária recolhem os textos e, posteriormente, corrige e entrega aos alunos que devem proceder às correções necessárias.



Fig 1. Roleta da Escrita (Roleta exterior- Tempo; roleta intermédia-Espaço; roleta interna- Personagens; roleta central- Ações

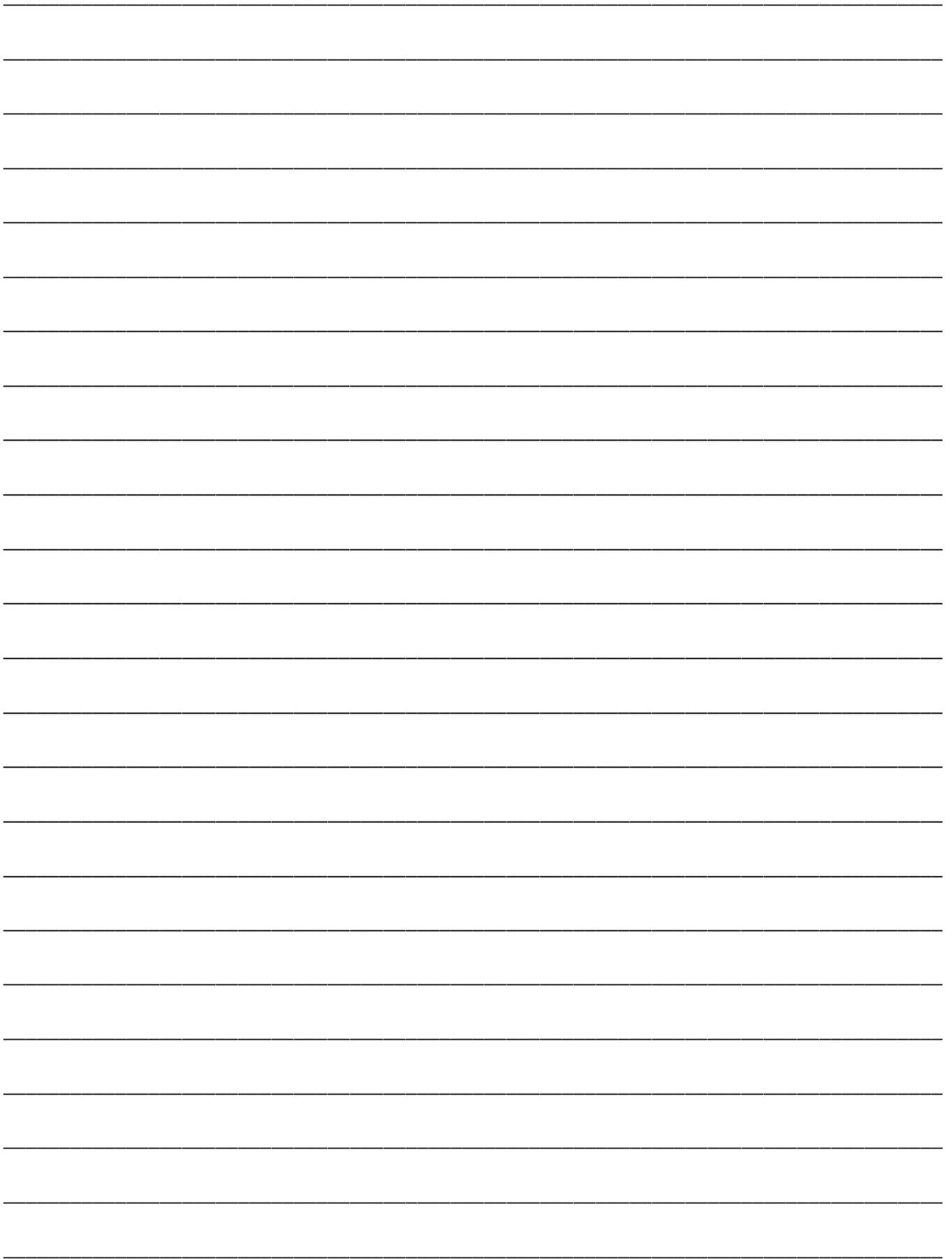
Anexo I

Grelha de Registo

Escala de 1 a 3.

	Acentuação	Parágrafos	Estruturas gramaticais correntes	Sinais de pontuação	Coesão e continuidade de sentido	Elementos da narrativa	Diálogo	Recursos estilísticos	Obs:
1.									
2.									
3.									
4.									
...									
1- Aplica os conteúdos com dificuldade; 2- Aplica os conteúdos com facilidade; 3- Aplica os conteúdos com excelência.									

Acentuação	Respeita as regras de acentuação.
Parágrafos	Marca parágrafos.
Estruturas gramaticais correntes	Escreve com concordâncias, adequação de tempos verbais e expressões adverbiais de tempo.
Pontuação	Aplica as regras e usa os sinais de pontuação em momentos sintáticos básicos (enumeração, delimitação do vocativo, encaixe, separação de orações).
Coesão e continuidade de sentido	Evita repetições, substituindo por pronomes pessoais, sinónimos e expressões equivalentes; Usa conectores adequados.
Elementos da narrativa	Integra os elementos: quem; quando; onde; o quê; como; porquê.
Diálogo	Respeita as regras de introdução do diálogo num texto narrativo;
Recursos estilísticos	Conhece e sabe aplicar diferentes recursos estilísticos.





Bom trabalho

Professora estagiária
Patrícia Santos

**Anexo 30 - Planificação de Português, 25 de maio
2º CEB**

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 25/05/2015

Tempo: 100'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Raquel
Branco

Turma: 5ºC

Descritores de desempenho:

- Explicitar os temas dominantes e características formais de poemas.

Metas:

- Ler e ouvir ler textos da literatura para crianças e jovens, da tradição popular, e adaptações de clássicos;
- Identificar marcas formais do texto poético: estrofe (terceto, quadra, quintilha) e verso (com rima e livre);
- Responder, de forma completa, a questões sobre os textos;
- Aperceber-se de recursos utilizados na construção dos textos literários e justificar a sua utilização.

Finalidades:

- Compreender as características do texto poético.

TEMA

Será necessário imaginação na escrita do texto poético?

Recursos materiais:

- Manual.

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Instrumentos: Correção da tarefa e dos exercícios de interpretação;

Conteúdos:

- Texto poético:
 - Estrutura compositiva: tipos de estrofe, sílaba métrica, rima e esquema rimático.

Atividades:

Parte I

- Escrita do sumário no quadro (5')
- Correção do trabalho de casa (10')
- Leitura dos poemas das páginas 225 e 226 do manual (15')

- Diálogo de interpretação dos poemas (5')

- Realização da interpretação dos poemas (15')

Parte II

- Realização da tarefa 1 em grupo (15')
- Apresentação da tarefa à turma (grupo) (30')

Disciplina: Português

5ºAno

Operacionalização

Ano letivo

2014/2015

A aula terá início com o acolhimento dos alunos em sala de aula. Os alunos deverão sentar-se nos seus lugares e abrirem o caderno diário para a estagiária proceder à escrita do sumário. Este consistirá na “Leitura e interpretação dos poemas “A Sementeira” e “A Sombra”; “Elaboração de um comentário crítico”.

Parte I

Pré-leitura

De que se tratará o texto? O que quer dizer o título? Quem é o autor?

Leitura

Leitura silenciosa e em voz alta dos poemas das páginas 225 e 226.

Pós-leitura

Expressão oral

- Conversação sobre os temas;
- Interpretação oral dos poemas.

Escrita

- Realização da ficha de interpretação respetiva do poema.

Parte II

Trabalho de pares (Projeção de uma imagem e audição de uma música de fundo, criando um ambiente favorável à imaginação crítica e construtiva)

Proposta 1

Os alunos construirão um comentário crítico em resposta à questão 1 da página 225 (15’), seguidamente apresentarão à turma (20’).

- Expressa a tua opinião sobre a importância da imaginação na criação de poemas.

1. Exprime a tua opinião;
2. Apresenta três razões que justifiquem a tua opinião.

Palavras-chave: Criação; emoção; sentimento; crítica; sensibilidade; fantasia; invenção; sonho; criatividade; ideia; inspiração; produção;

Parte I – Leitura e interpretação (Manual) (50’)

P.225

1.

1.1 Na minha opinião, a imaginação é essencial na criação de textos poéticos porque permite representar imagens, ideias ou fantasias, torna-os mais belos e emocionais e, muitas vezes, invoca o sentido crítico de quem os escreve.

P.226

2.

2.1 Concordo com o título atribuído ao poema porque as expressões não exprimem acontecimentos reais ou verdadeiros, como é o exemplo de “pentear a careca” (v.4).

2.2 As palavras que rimam são: caneca/careca; pescada/arrebitada; afiado/ditado; irmão/bofetão.

3.

3.1 A amiga do sujeito poético é a sombra.

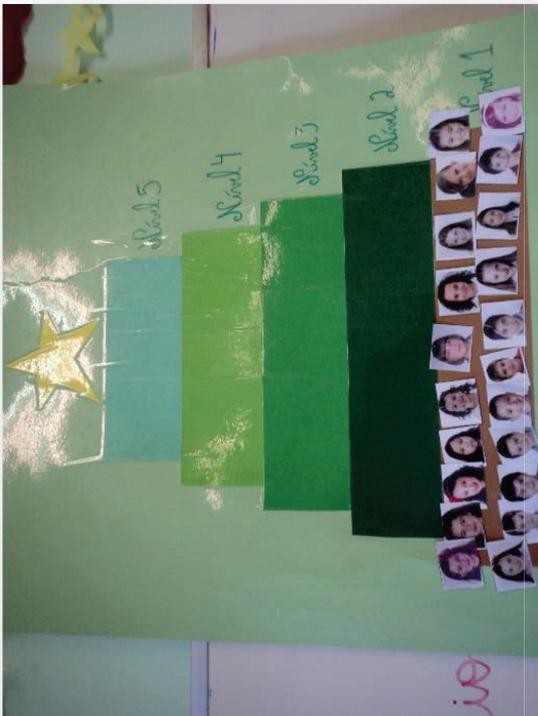
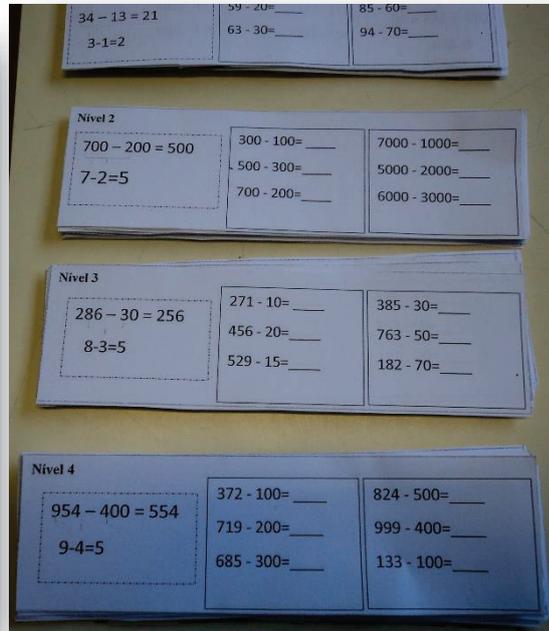
3.2 Nos últimos versos de cada estrofe, o sujeito poético expõe características da sua sombra, que se prende com o desenho da sua silhueta no chão quando o seu corpo se interpõe entre o chão e o Sol.

4. O poema *A Sementeira* tem quatro estrofes e o poema *A Sombra* tem cinco estrofes.

5. Os poemas apresentam quatro versos por estrofe, logo são quadras.

6. O género presente nestes poemas é o lírico, porque transmitem emoções e sentimentos, organizado em estrofes com uma estrutura que pode ser musicada.

Anexo 31 - Fotografia dos jogos de matemática (Árvore dos Desafios e números possíveis) 1º CEB



Anexo 32 - Fotografia da Casa dos Desafios 1º CEB



Anexo 33 - *Checklist* para a Casa dos Desafios – Proposta 1º CEB

Alunos	Desafios por mês			
	Matemática	Português	Estudo do Meio	Obs.
1	A,c,e,f	F,t,b	...	
2				
3				
4				
...				

Nota: Aos desafios é atribuída uma letra que é colocada na tabela consoante a sua realização.

Anexo 34 - Planificação de Matemática, 19 de março 2º CEB

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 19/03/2015

Tempo: 100'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Andreia

Turma: 5^oC

Descritores de desempenho:

- Paralelogramos; ângulos opostos e adjacentes de um paralelogramo;
- Critérios de igualdade de triângulos: critérios, e construção de triângulos dados os comprimentos de lados e/ou as amplitudes de ângulos internos;
- Relações entre lados e ângulos num triângulo ou em triângulos iguais;
- Igualdade dos lados opostos de um paralelogramo;
- Desigualdade triangular.

Recursos materiais:

- Imagens de um paralelograma;
- Palhas, tesoura e cola;
- Grelhas de Investigação;
- Geogebra;

Finalidades:

- Compreender a relação entre lados opostos de um paralelogramo;
- Descobrir as relações entre os comprimentos dos lados de um triângulo- Desigualdade triangular;

TEMA

Vamos ser investigadores?

Conteúdos:

- Propriedades geométricas;
- Triângulos e quadriláteros;

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Técnica: Análise das Grelhas de Investigação sobre paralelogramos e triângulos

Atividades:

Parte I

- Acolhimento e escrita do sumário (5')
- Correção do trabalho de casa (10')

Parte II

- Divisão da turma em grupos de dois alunos e explicação das atividades (5');
- Análise de um paralelogramo para verificar a relação dos lados opostos (20')
- Registo dos resultados na Grelha de Investigação 1 (10')
- Construção de triângulos com palhas e acompanhamento da estagiária através da aplicação Geogebra (30')
- Registo dos resultados na Grelha de Investigação (10')
- Diálogo e registo das conclusões (10')

Disciplina: Matemática

5ºAno

Operacionalização

**ANO LETIVO
2014/ 2015**

A aula terá início com o acolhimento dos alunos em sala de aula. Os alunos deverão sentar-se nos seus lugares e serão convidados a abrir o caderno diário e registrar o respectivo sumário. Este consistirá na “Correção do trabalho de casa; Trabalho de investigação sobre a relação entre lados opostos de um paralelogramo e os comprimentos dos lados de um triângulo” (5’).

Inicialmente, a estagiária corrigirá no quadro o desafio proposto na aula anterior (10’).

Posteriormente, a estagiária explicará a primeira atividade que consistirá na descoberta das relações entre os lados de um paralelogramo, através da grelha de investigação com as indicações da estagiária. Os alunos serão divididos em grupos de dois alunos e questionados sobre a matéria lecionada anteriormente para auxiliar na investigação (5’).

Com o apoio das estagiárias que circularão pela sala, os alunos realizarão a investigação e o respectivo registo na Grelha de Investigação 1 Na realização desta tarefa serão dadas as seguintes indicações: “Quais são as características dos paralelogramos? Tracem a diagonal $[BD]$. Recortem essa diagonal. Pintem o ângulo $A\hat{B}D$ e $B\hat{D}C$ da mesma cor. De seguida, pintem o ângulo $A\hat{D}B$ e $C\hat{B}D$ da mesma cor.” (30’).

Na segunda parte da aula, a estagiária distribui palhas para a construção de triângulos, explicando a Grelha de Investigação 2 e a respetiva finalidade (40’).

Na grelha existirá uma linha de conclusões que será apurada para finalizar a aula e colada no caderno diário (10’).

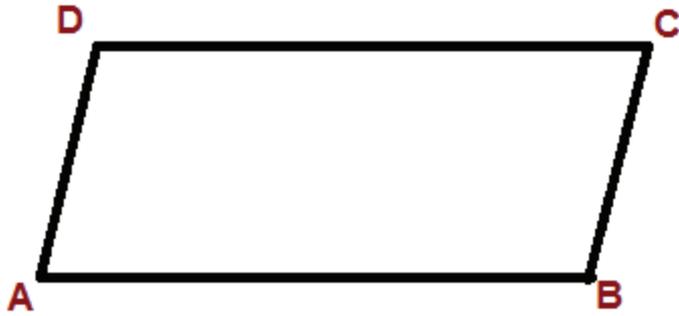


Fig.1 Paralelogramo

Grelha de Investigação 1

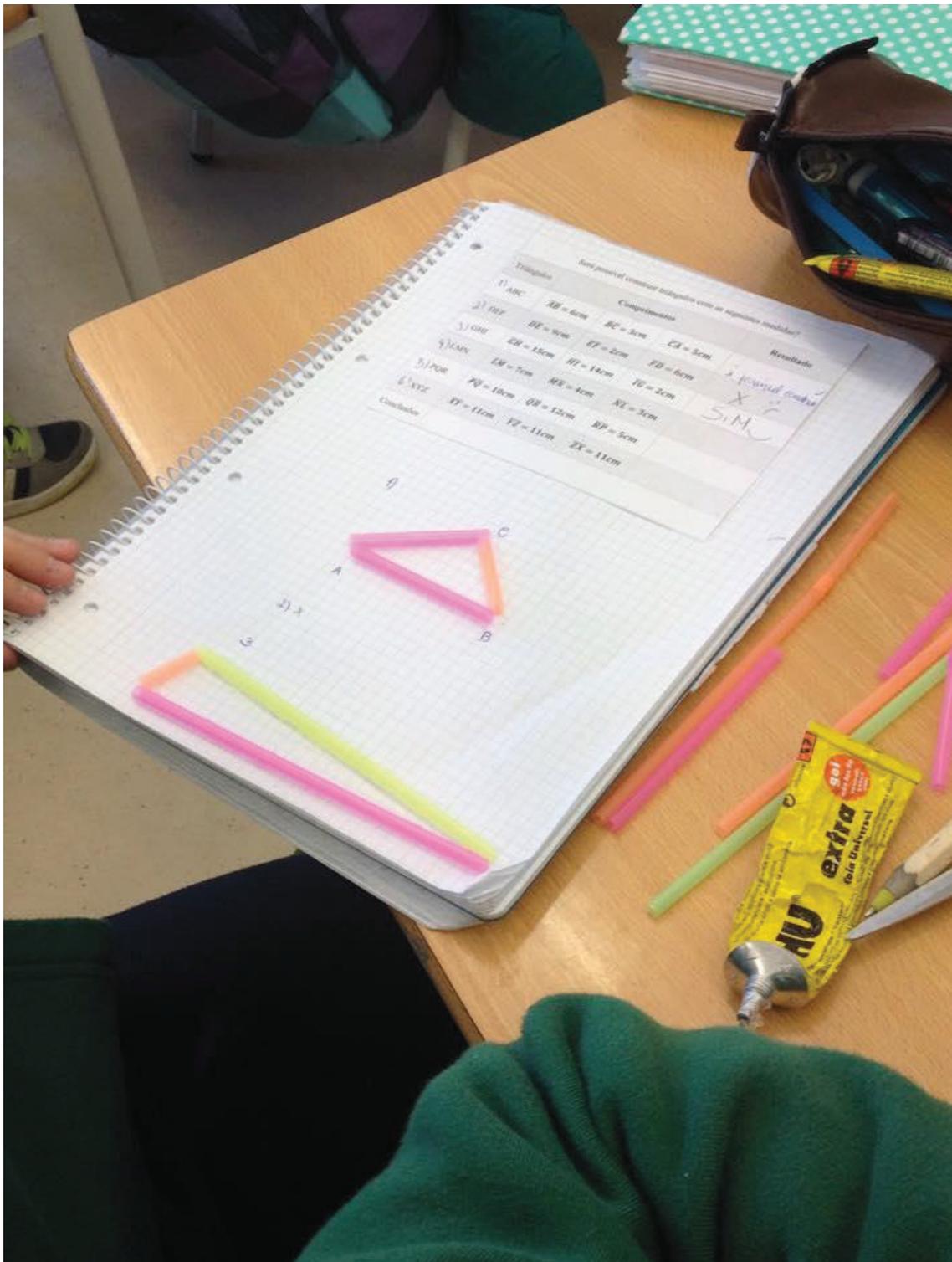
Relação entre lados		Relação entre ângulos	
Qual a relação existente entre:			
[AB] e [DC]?		$\widehat{A\hat{B}D}$ e $\widehat{B\hat{D}C}$?	
[AD] e [BC]?		$\widehat{A\hat{D}B}$ e $\widehat{C\hat{B}D}$?	
Conclusões:			

Grelha de Investigação 2

Será possível construir triângulos com as seguintes medidas?				
Triângulos	Comprimentos			Resultado
ABC	$\overline{AB} = 6cm$	$\overline{BC} = 3cm$	$\overline{CA} = 5cm$	
DEF	$\overline{DE} = 9cm$	$\overline{EF} = 2cm$	$\overline{FD} = 6cm$	

GHI	$\overline{GH} = 15cm$	$\overline{HI} = 14cm$	$\overline{IG} = 2cm$	
LMN	$\overline{LM} = 7cm$	$\overline{MN} = 4cm$	$\overline{NL} = 3cm$	
PQR	$\overline{PQ} = 10cm$	$\overline{QR} = 12cm$	$\overline{RP} = 5cm$	
XYZ	$\overline{XY} = 11cm$	$\overline{YZ} = 11cm$	$\overline{ZX} = 11cm$	
Conclusões				

Anexo 35 - Fotografia da aula de Matemática (Triângulos) 2º CEB



**Anexo 36 - Planificação de Matemática, 30 de abril
2º CEB**

Professora Estagiária:
Patrícia Santos

Data: 30/04/2015

Tempo: 100'

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

Supervisora Pedagógica: Daniela Gonçalves

Professor Cooperante: Andreia
Ribeiro

Turma: 5ºC

Descritores de desempenho:

- Utilizar os critérios de divisibilidade de um número (2,3,4,5,9 e 10).

Recursos materiais:

- Grelhas de Investigação;
- Manual;
- Cocas.

Atividades:

Parte I

- Acolhimento e escrita do sumário (5')
- Revisão dos critérios de divisibilidade por 2, por 5 e por 10 (15');
- Registo no caderno da revisão dos critérios (10')

Finalidades:

- Descobrir os critérios de divisibilidade por 3, por 9 e por 4.

TEMA

Vamos ser investigadores?

Conteúdos:

- Critérios de divisibilidade.

Estratégias avaliativas:

Modalidade: Formativa

Técnica: Análise das Grelhas de Investigação 1, 2 e 3.

Correção das questões do manual

Atividades:

Parte II

- Análise dos critérios de divisibilidade por 3 (5')
- Registo dos resultados na Grelha de Investigação 1 (5')
- Análise dos critérios de divisibilidade por 9 (5')
- Registo dos resultados na Grelha de Investigação 2 (5')
- Análise dos critérios de divisibilidade por 4 (5')
- Registo dos resultados na Grelha de Investigação 2 (5')
- Diálogo e registo das conclusões (10')
- Resolução de exercícios (15')
- Atividade com o Cocas (autorregulador de aprendizagem) (10')

Disciplina: Matemática

5ºAno

Operacionalização

**ANO LETIVO
2014/ 2015**

A aula terá início com o acolhimento dos alunos em sala de aula. Os alunos deverão sentar-se nos seus lugares e serão convidados a abrir o caderno diário e registar o respetivo sumário. Este consistirá na “Introdução à unidade 5: Números Naturais; Estudo do critério de divisibilidade por 3, por 9 e por 4; Resolução de exercícios” (5’).

Inicialmente, a estagiária relembrará os conteúdos abordados no 1ºciclo sobre os critérios de divisibilidade por 2, por 5 e por 10. De seguida, realizarão exercícios sobre estes conteúdos (15’).

Posteriormente, a estagiária explicará a primeira atividade que consistirá na descoberta dos critérios de divisibilidade por 3, por 4 e por 9, através das grelhas de investigação com as indicações da estagiária (5’).

Os alunos realizarão a investigação e o respetivo registo na Grelha de Investigação 1, 2 e 3 (30’).

Na grelha, existirá uma linha de conclusões que será apurada para finalizar a aula e colada no caderno diário (10’).

Para consolidar os novos critérios estudados, os alunos realizarão um jogo do Bingo (15’) e será entregue um Cocas que terá a função de autorregular a aprendizagem (anexo 1) (10’).

Grelha de Investigação 1

Critério de divisibilidade por 3

Número	É divisível por 3?	Soma dos algarismos	A soma é um múltiplo de 3?
48	Sim	4+8=12	Sim
135			
626			
864			
Tendo em conta o exercício anterior o que podemos concluir?			

Grelha de Investigação 2

Critério de divisibilidade por 9

Número	É divisível por 9?	Soma dos algarismos	A soma é um múltiplo de 9?
81		8+1=9	Sim
342			
6513	Não		
765			
O que podemos verificar nesta tabela, tendo em conta a coluna azul?			

Grelha de Investigação 3

Critério de divisibilidade por 4

Número	É divisível por 4?	Número pelos 2 últimos algarismos	É divisível por 4?
580	Sim	80	Sim
3012			
131	Não	31	Não
2128			
O que podemos observar nesta tabela tendo em conta as colunas coloridas a azul?			

Número	É divisível por 4?	O dobro do algarismo das dezenas A	Valor do algarismo das unidades B	A+B	A+B é divisor de 4
372	Sim	14	2	16	Sim

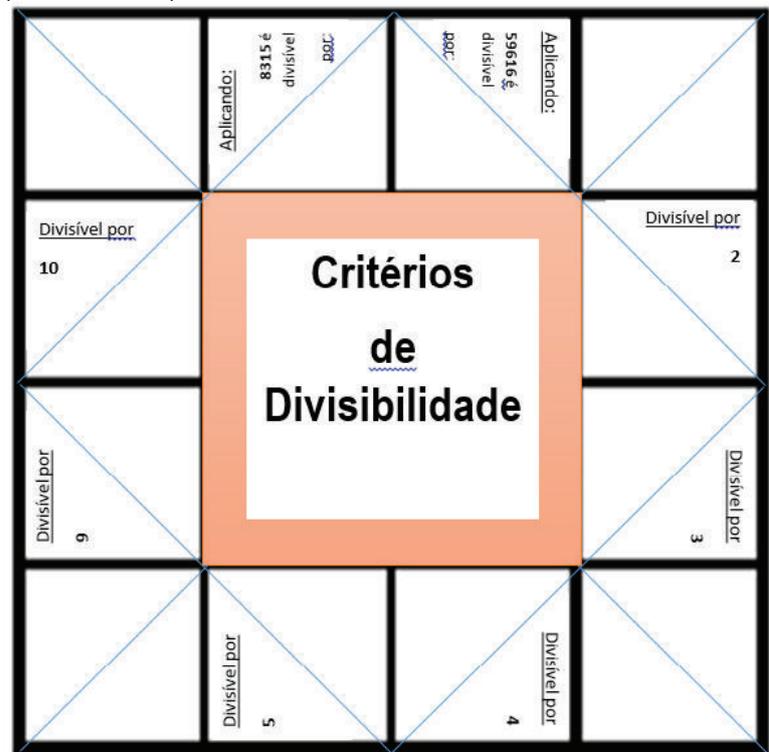
516				8	Sim
1065	Não			5	
3156		10		16	
O que podemos concluir nesta tabela tendo em conta as colunas verdes?					

Anexo 1

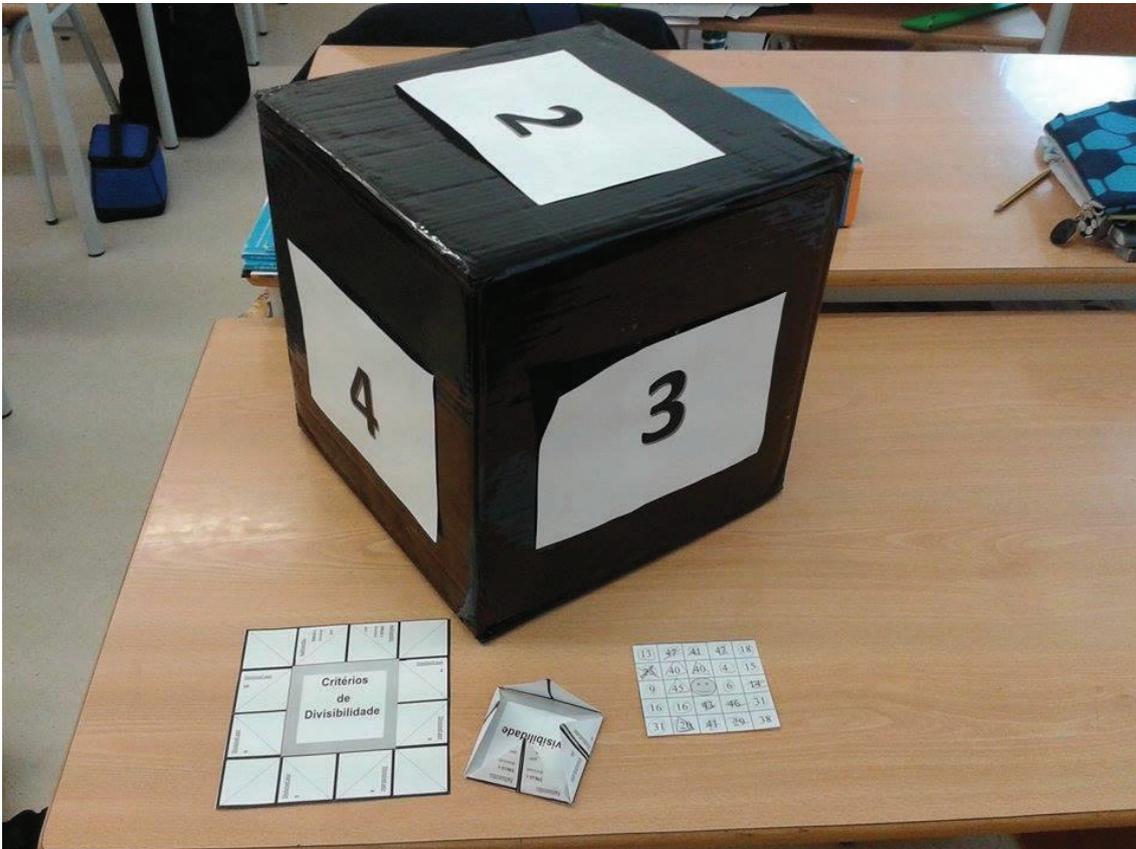
Cocas Autorregulador

(Cocas Fechado)

(Cocas Aberto) - contém os critérios de divisibilidade



Anexo 37 - Fotografia da aula de Matemática (Cocas e Bingo) 2º CEB



Anexo 38 - Fotografias da aula de HGP 2º CEB



Anexo 39 - Ficha de acompanhamento HGP 2º CEB

Ficha Formativa n.º 7 Disciplina: História e Geografia de Portugal 5ºAno		ANO LETIVO 2014/ 2015
Nome: _____ Ano: 5º Turma: ____ N.º ____		“A vida quotidiana da nobreza”

Ficha de acompanhamento

1. Completa:

A VIDA QUOTIDIANA DA NOBREZA

A nobreza tinha sobretudo funções guerreiras. Participou com os seus exércitos na _____, ao lado do rei, recebendo em troca _____ e _____.

A _____ era propriedade de um nobre na qual viviam _____ livres e servos. As terras do senhorio estavam divididas em duas partes: _____, explorada diretamente pelo _____ e onde trabalhavam os servos e criados; e os _____, parcelas arrendadas a camponeses livres em troca de _____ pagas ao senhor.

O senhor tinha grandes poderes sobre quem vivia no senhorio:

- _____
- _____
- _____

Quando não estavam em guerra, os _____ ocupavam-se a dirigir o senhorio e a praticar _____ e _____.

Organizavam festas e convívios onde, para além do _____, se tocava, cantava e dançava. Estas festas eram animadas por _____ e _____. Jogava-se _____, _____ e _____.

Anexo 40 - Ficha de registo (*Quiz* Histórico) 2º CEB

Ficha de Registo Quiz Histórico
Disciplina: História e Geografia de Portugal
5ºC

ANO LETIVO
2014/ 2015

Nomes: _____

Grupo número: _____

“A cultura portuguesa
nos séculos XIII e XIV”



Questão 1	Questão 2
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 3	Questão 4
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 5	Questão 6
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 7	Questão 8
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C

Questão 9	Questão 10
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 11	Questão 12
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 13	Questão 14
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 15	Questão 16
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 17	Questão 18
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C
Questão 19	Questão 20
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C

Questões Bónus	
Questão 21	Questão 22
<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E
Questão 23	Questão 24
	<input type="checkbox"/> A

- A
- B
- C
- D
- E

- B
- C
- D
- E

Questão 25

Questão 26

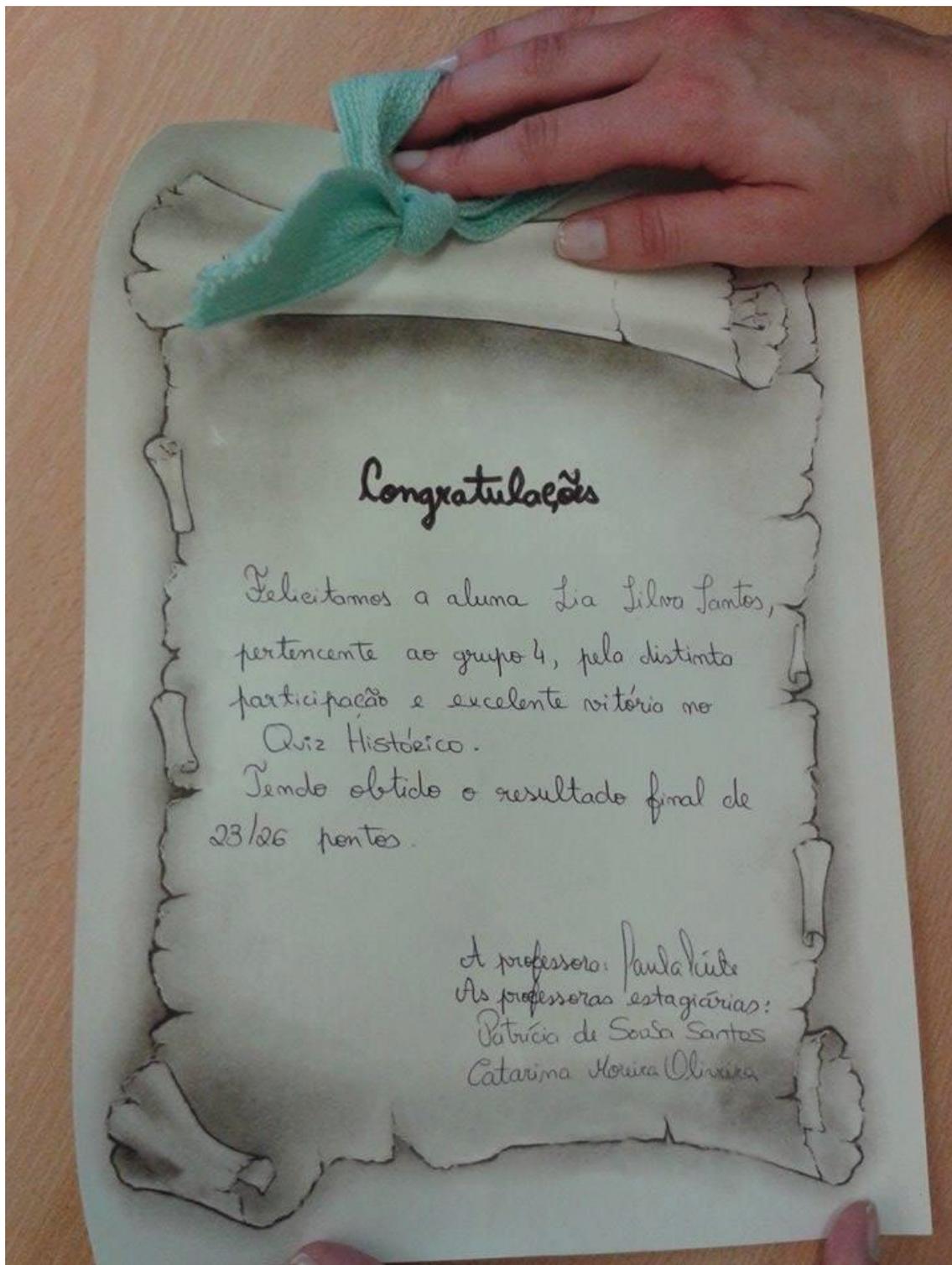
- A
- B
- C
- D
- E

- A
- B
- C
- D
- E

Questão 27

- A
- B
- C
- D

Anexo 41 - Fotografias Diploma HGP 2º CEB





Anexo 42 - Planificações de Expressões e Cidadania 1º CEB

Expressão Dramática 2º ano

Dia 26.11.2014

Blocos principais:

Professora supervisora:
Professora cooperante
Professora estagiária:

Conteúdos	Experiências de Aprendizagem		Tempo (45')	Recursos
	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades		
Jogos dramáticos	Desenvolver jogos de exploração através da linguagem verbal e gestual: - Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos ligados a uma acção precisa: Em interacção com o outro	Parte I - Realização de exercícios de respiração torácica e abdominal, desenvolvendo exercícios de relaxamento; Parte II - Improvisação de gestos e atitudes ligadas ao excerto do texto “O Macaco de Rabo Cortado”;	15' 30'	- Texto “O Macaco de Rabo Cortado”

Expressão Plástica 2º ano

Dia 10.12.2014

Blocos principais: BLOCO 3 — EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS DIVERSAS DE EXPRESSÃO

Professora supervisora:
Professora cooperante:
Professora estagiária:

Conteúdos	Experiências de Aprendizagem		Tempo (45')	Recursos	Avaliação
	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades			
RECORTE, COLAGEM, DOBRAGEM	<ul style="list-style-type: none">Fazer composições colando diferentes materiais cortadosFazer dobragens	<p>Parte I - Explicação da construção do boneco de neve;</p> <p>Parte II - Construção de um boneco de neve;</p>	15' 30'	<ul style="list-style-type: none">Bolas de esferovite;Cartolinas brancas;	

Operacionalização:

Aula de Expressão Plástica

Nesta aula, os alunos recortam a base do anjo e colam (Imagem 3). De seguida, escrevem uma mensagem (frase de natal para a comunidade escolar) nas asas e realizam a dobragem. Por fim, montam tudo e colam a bola de esferovite com a ajuda da estagiária. Na cabeça do anjo é colocado um fio para pendurar nas paredes da Escola e mais tarde na Árvore de Natal, em casa.

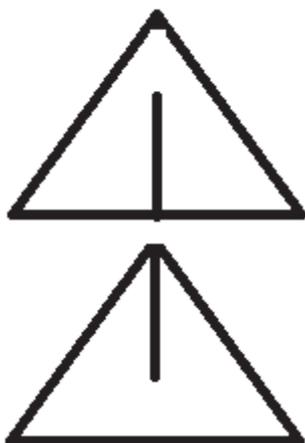


Imagem 3- Base do anjo

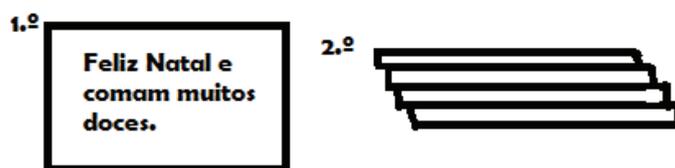


Imagem 4- Asas do anjo



Imagem 5- Anjo de Natal

Estudo do Meio e Cidadania 2º ano

Dia 10.12.2014

Blocos principais: BLOCO 1 — À descoberta de si mesmo; BLOCO 2 — À descoberta dos outros e das instituições.

Professora supervisora:
Professora cooperante:
Professora estagiária:

Conteúdos	Experiências de Aprendizagem		Tempo (45')	Recursos
	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades		
A Vida em Sociedade	- Conhecer e aplicar formas de harmonização de conflitos: Votação;	Parte I - Exposição das diferentes possibilidades de visita de estudo; Parte II - Votação em turma para a visita de estudo;	15' 40'	- Papéis de voto; - Urna de voto;

Expressão Físico- Motora 2º ano

Dia 14.01.2015

Blocos principais: BLOCO 6 — ATIVIDADES RÍTMICAS EXPRESSIVAS

Professora supervisora:
Professora cooperante:
Professora estagiária:

Conteúdos	Experiências de Aprendizagem		Tempo (45')	Recursos
	Descritores de Desempenho e Metas de Aprendizagem	Atividades		
Dança (Zumba)	Exploração individual do movimento, de acordo com a marcação rítmica do professor e ou dos colegas	Parte I - Realização de exercícios de respiração torácica e abdominal, desenvolvendo exercícios de aquecimento;	10'	- Músicas
		Parte II - Explicação dos passos das coreografias de duas músicas; - Treino das coreografias;	30'	
		Parte III - Realização de exercícios de respiração torácica e abdominal, desenvolvendo exercícios de relaxamento;	5'	

Anexo 43 - Fotografias das aulas de expressões 1º CEB





Anexo 44 - Semana das profissões 1º CEB

Exemplo de perguntas para as Entrevistas:

Bombeiro

- 1- Como decorre o seu dia desde que entra no quartel, até que vai embora?
- 2- Qual é a sua função?
- 3- Porquê que escolheu esta profissão?
- 4- Tem perspectivas para a sua carreira?
- 5- Quais são as hierarquias desta profissão?
- 6- O que é necessário fazer para ser Bombeiro?
- 7- Qual é a principal vantagem e desvantagem desta profissão?
- 8- Considera uma profissão perigosa? Porquê?
- 9- Lembra-se de alguma situação caricata que nos possa contar?

Anexo 45 - Fotografias da Semana das Profissões 1º CEB





Anexo 46 - Ficha “Ser Professor” 1º CEB

<p>Ser professor é</p> <hr/> <p>O dia-a-dia do professor é passado a</p> <hr/> <p>Quero/não quero ser professor</p> <p>porque</p> <hr/>	
---	--

Anexo 47 - Exemplo de Desafios do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB

Desafio de ciências



Mensagens Secretas



Completa corretamente a frase seguinte:

“É possível escrever uma mensagem secreta com água e sal, porque...”

- a) A água evapora e o sal cristaliza deixando uma mensagem escondida;
- b) O sal forma uma película, escondendo as letras;
- c) Ao pincelar água com sal sobre as letras, estas desbotam e a mensagem aparece no verso da folha.

Anexo 48 - Exemplo de explicação de um desafio do projeto “Aprender a aprender” - 2º CEB



Aprender a Aprender

Desafio Semanal nº1- O Ovo

- 1) O que acontece ao ovo quando colocado em água salgada?
 - a) Flutua
 - b) Mergulha
 - c) Reage e liberta dióxido de carbono
 - d) Rebenta
- 2) Se deixarmos um ovo dentro de um recipiente com vinagre, este:
 - a) Encolhe
 - b) Rebenta
 - c) Perde a casca
 - d) Perde a cor
- 3) Este mesmo ovo, quando largado em cima da bancada...
 - a) Fica parado
 - b) Encolhe
 - c) Rebenta
 - d) Salta

Explicação

Observaste que o ovo afunda no copo com água mas flutua no copo com água e sal. O ovo tem uma densidade maior do que a água sem sal e por isso afunda. Quando adicionaste sal à água, a densidade da água mudou, pois a água com sal é mais densa que a água sem sal. A densidade é uma



relação entre a massa e o volume. Como usámos o mesmo volume de água nos dois copos e, depois de dissolver bem o sal num deles o volume não variou, no copo que tem sal, apresenta mais massa (água + sal) do que no copo sem sal (só água). Ou seja, a água com sal tem mais massa do que a mesma quantidade de água sem sal e, por

isso, é mais densa. Assim, uma vez que a água com sal é mais densa que o ovo este flutua.

A casca do ovo é constituída por um composto químico chamado carbonato de cálcio. Relativamente ao vinagre, este é uma solução diluída de ácido acético. Na presente experiência, o ácido acético reage com o carbonato de cálcio contido na casca do ovo, originando como produto de reação o dióxido de carbono. A reação dá-se mais depressa nos instantes iniciais porque os reagentes estão na sua máxima concentração.

No final da experiência, o ovo sem casca permaneceu íntegro. Isso é devido à existência de uma membrana que não reage com o vinagre. No entanto, esta membrana tem a capacidade de permitir a migração do vinagre do exterior para o interior do ovo através desta. O mesmo não se pode afirmar para a gema e com a clara. O facto de o ovo estar maior no final da experiência é devido à migração do vinagre para o interior do ovo e à inexistência de migração de gema e clara para o exterior. Ou seja, estamos na presença de uma membrana seletiva de origem natural. Agora que já entendeste esta experiência já sabes como tirar a roupa a um ovo e como o engordar artificialmente.



Anexo 49 - Proposta de visita de estudo- 2º CEB

Fundamentação

Uma visita de estudo, para além da possibilidade de iniciação a determinados assuntos ou a aplicação e expansão de conhecimentos anteriores, permite, ao aluno, a observação direta e a interação com o que está ou irá aprender.

Estas atividades facultam a aprendizagem contextualizada e integradora de saberes de diversas áreas, facilitando, assim, a perceção da relevância das aprendizagens efetuadas.

Neste âmbito, a presente proposta é a visita ao Centro de Ciência Viva que dispõe de duas exposições desafiantes e potencializadores de aprendizagens significativas.

A exposição “Física no dia-a-dia” está organizada segundo a lógica das várias divisões de uma casa utilizando vários objetos do quotidiano para explicar princípios básicos da física clássica.

Relativamente à exposição permanente, “A água no Corpo Humano: Sangue”, esta inclui vários módulos interativos onde são explorados conceitos de áreas do conhecimento como a matemática, a física, a química ou a biologia.

Para complementar esta visita, são realizadas atividades de laboratório como é o exemplo: análise de um coração; investigação do revestimento e locomoção animal; exploração do sistema respiratório; observação de nutrientes de alimentos conhecidos; simulação de um derramamento de petróleo e verificação dos seus impactes ambientais; observação de células procarióticas e eucarióticas; apresentação e observação de alguns seres vivos presentes no aquário de água salgada (Biodiversidade); evolução histórica da génese dos conceitos de número e das operações básicas de diversas civilizações; identificação de diferentes tipos de solo; calcular volumes de alguns sólidos geométricos; entre outras.

Os objetivos do Ciência Viva são:

- Contribuir para um aumento da literacia científica da população em geral, aprendendo mais e melhor ciência num contexto lúdico e de lazer;
- Promover ações de divulgação científica e tecnológica que visem, nomeadamente, o desenvolvimento da cultura científica e tecnológica junto da população em geral e, em articular, junto da comunidade escolar;
- Proporcionar condições facilitadoras para uma aprendizagem significativa no Ensino Experimental das Ciências;

- Demonstrar que muitos dos métodos e descobertas da Ciência são acessíveis ao cidadão comum.

Metas Curriculares relacionadas:

Conteúdos lecionados: 5ºano

A importância das rochas e do solo na manutenção da vida

- Relacionar os impactes da destruição de habitats com as ameaças à continuidade dos seres vivos
 - Compreender que o solo é um material terrestre de suporte de vida
- Apresentar a definição de solo.
- Indicar três funções do solo.
- Identificar os componentes e as propriedades do solo, com base em atividades práticas laboratoriais.
- Compreender a importância da proteção da biodiversidade animal

Diversidade nos animais

- Categorizar os diferentes tipos de revestimentos dos animais
- Identificar os órgãos de locomoção dos animais

Célula – unidade básica de vida

- Compreender que a célula é a unidade básica da vida
- Distinguir diferentes tipos de células, relativamente à morfologia e ao tamanho, com base na observação microscópica de material biológico.
- Identificar os principais constituintes da célula, com base na observação microscópica de material biológico.
- Comparar células animais com células vegetais.
- Apresentar dois exemplos de seres unicelulares e pluricelulares.

Conteúdos a lecionar: 6ºano

Trocas nutricionais entre o organismo e o meio: nos animais

- Compreender a estrutura e o funcionamento do sistema respiratório humano
- Legendar esquemas representativos da morfologia do sistema respiratório humano.

- Descrever o mecanismo de ventilação, com recurso a atividades práticas.
- Relacionar as características morfológicas dos alvéolos pulmonares com as trocas gasosas alveolares.
- Caracterizar as trocas gasosas ocorridas ao nível dos alvéolos pulmonares e dos tecidos.
 - Compreender a estrutura e o funcionamento do sistema cardiovascular humano
- Descrever aspetos morfológicos e anatómicos do coração de um mamífero, numa atividade prática laboratorial.
- Legendar esquemas representativos da morfologia e da anatomia do coração humano.
- Indicar a estrutura do sangue e a função dos principais constituintes.

Horário:

Aberto de Terça a Domingo das 10h às 13h e das 14h às 18h

Duração da visita: 1h - 1h30

Preço para grupos escolares

Visita às exposições: 2€ por aluno

Laboratórios: 2,50€ por aluno

Proposta de data consoante os horários das turmas

Dia 4, 8, 9 ou 11 de junho de 2015

Avaliação

Durante a visita de estudo, os domínios das atitudes e do raciocínio são os que podem ser mais facilmente avaliados, a nível da curiosidade, do envolvimento nas tarefas, do questionamento, etc.

Para facilitar o registo destes elementos, é sugerida uma lista de verificação simples, como podemos observar:

Alunos	Curiosidade	Respeito pelas opiniões dos colegas	Atenção às explicações e indicações do professor	Respeito pelas regras definidas para a visita	Formulação de questões pertinentes

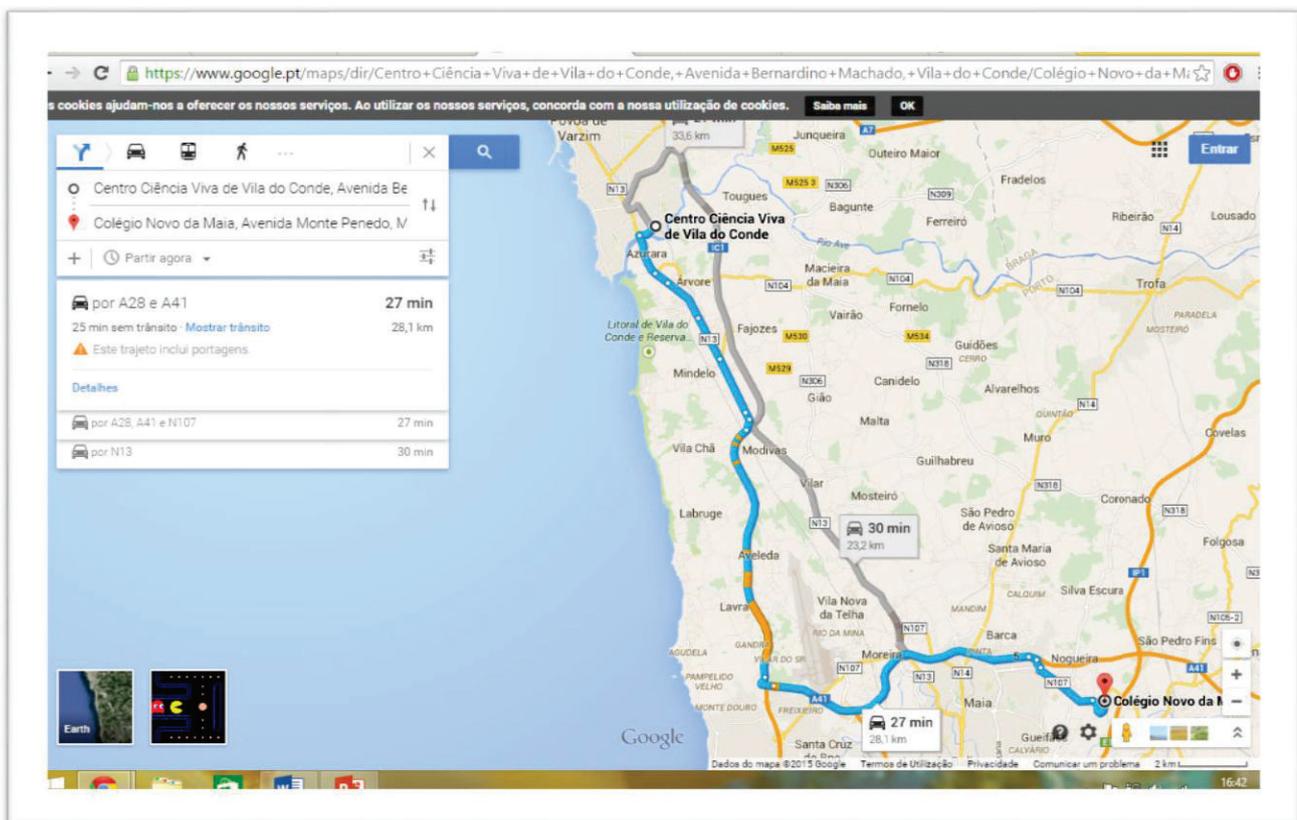
Notação: Revela /Não revela

A autoavaliação do desempenho dos alunos pode ser estimulada através de uma grelha simples, onde cada aluno regista o que pensa relativamente à sua participação e especifica as razões que os levam a fazer determinadas afirmações.

Outra forma de avaliação poderá ser a elaboração de uma história ilustrada sobre a visita.

Autoavaliação	
O que gostei mais de fazer e porquê	
O que gostei menos de fazer e porquê	
O que aprendi	
Em que tive mais dificuldade	
Como avalio o meu desempenho (insuficiente, suficiente, bom ou muito bom)	

Viagem



Anexo 50 - Ficha de registo Visita de Estudo

		Visita de estudo Centro de Ciência Viva
11 de junho de		
Desafios Bónus		
Nome:	Turma:	
	Quem foi Rómulo de Carvalho?	
	Qual é a velocidade orbital da Terra?	
	Dos seguintes líquidos, qual é o que possui maior densidade? Selecciona com um X a opção correta. <input type="checkbox"/> Azeite <input type="checkbox"/> Água	
	Como se chama a propriedade da água que permite que certos insetos caminhem sobre ela e que alguns objetos pequenos flutuem?	
	Dos materiais seguintes, quais não são atraídos por ímanes? Selecciona com um X a opção correta. <input type="checkbox"/> Cortiça <input type="checkbox"/> Madeira <input type="checkbox"/> Cobre <input type="checkbox"/> Ferro <input type="checkbox"/> Cartão	
	Que nome se dá aos materiais que são atraídos por ímanes?	
	O que é um Géiser?	

Anexo 51 - Caderneta dos desafios 2º CEB

 Coleção dos desafios de Ciências

1	2
3	4
5	6
7	8

Objetivos:

- **Matemática**
 - Despertar a curiosidade pela matemática;
 - Proporcionar uma compreensão geral e alargada dos conceitos mais importantes em Matemática
 - Desenvolver atividades, promovendo a interdisciplinaridade, de modo a tornar o aluno agente ativo e participativo na construção do seu conhecimento.
- **Português**
 - Despertar a curiosidade pela Língua Portuguesa;
 - Dominar os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes do seu papel na nossa sociedade, como falantes da língua materna;
 - Reconhecer a transversalidade do Português em todas as áreas de conhecimento.
- **Ciências**
 - Despertar a curiosidade científica;
 - Desenvolver o gosto pela observação, pela experimentação e pelo conhecimento científico;
 - Desenvolver o gosto pela aprendizagem das ciências pela via experimental fora do espaço curricular
- **História**
 - Incentivar a investigação ao nível da História e Geografia de Portugal;
 - Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, nas manifestações culturais, económicas, políticas e sociais;

 Coleção dos desafios de Matemática

1	2
3	4
5	6
7	8

 Coleção dos desafios de Português

1	2
3	4
5	6
7	8

Projeto Aprender a Aprender

✚ Coleção dos desafios de História

Este projeto pretende despertar nos alunos a descoberta do seu "elemento" que se entende pelo "ponto onde a aptidão natural e a paixão pessoal se encontram". KEN ROBINSON

➤ Para quê?

Proporcionar atividades extra curriculares que estimulem a descoberta pessoal; fomentar o prazer da partilha do conhecimento das diferentes áreas curriculares; cultivar o gosto por estas áreas, constituintes deste modo, algumas das suas capacidades inatas.

➤ Para quem?

Os destinatários são todos os alunos do 5º ano do Ensino Básico do Colégio Novo da Maia que se interessem por desafios desta natureza. As atividades são ministradas pelas professoras estagiárias da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

➤ Como participar?

As experiências e os desafios serão divulgados no sítio da Internet.

1	2
3	4
5	6
7	8



Aprender a Aprender

Coleção de desafios!

Aprender a Aprender 

projeto.esepf.pt/depbasica/2010038/

Desafio semanal de ciências: ciencias15
Desafio semanal de matemática: mat15
Desafio semanal de português: port15
Desafio semanal de história: hist15



2014/2015

Anexo 52 - Ficha de Avaliação do projeto “Aprender a aprender” 2º CEB

 <h3>Aprender a Aprender</h3>	
Avaliação do projeto	
Nome:	
<p>O projeto Aprender a aprender, organizado pelo grupo de estagiários da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, termina as suas atividades. Gostaríamos de entender como é que os nossos alunos avaliam o projeto.</p>	
 <p>Avalia os seguintes pontos numa escala de 1 a 5, relativamente ao sítio da internet. 1- Insuficiente 2- Suficiente 3- Bom 4-Muito Bom 5- Excelente</p>	
 <p>Aparência visual (cores e imagens são adequadas ao contexto; o objetivo do site é explícito; o texto é legível).</p>	
 <p>Estrutura e navegação (o acesso é simples e claro; conteúdo bem organizado; fácil de usar e de perceber como se navega).</p>	
 <p>Conteúdo/desafios (refletem o objetivo do site; são adequados aos alunos; é fácil encontrar o conteúdo ou os desafios)</p>	
 <p>Avalia os seguintes pontos numa escala de 1 a 5, relativamente ao projeto. 1- Insuficiente 2- Suficiente 3- Bom 4-Muito Bom 5- Excelente</p>	
 <p>Motivação para novas aprendizagens nas diferentes áreas.</p>	
 <p>Desafios e experiências interessantes.</p>	

Anexo 53 - Ficha de Avaliação da Visita de Estudo 2º CEB



Avaliação da visita de estudo

No âmbito do projeto Aprender a aprender, organizado pelo grupo de estagiários da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, e após termos realizado as atividades “Física no dia-a-dia” e “As Células”, é, agora, um momento de fazer um balanço de como decorreu a visita de estudo.



Avalia os seguintes pontos numa escala de 1 a 5.

1- Insuficiente 2- Suficiente 3- Bom 4-Muito Bom 5- Excelente

- Classifica a visita de estudo quanto ao **interesse**.
- Classifica a visita de estudo quanto à **organização**.
- Classifica a visita de estudo quanto ao **enriquecimento dos teus conhecimentos**.
- Como avalias **o teu desempenho**.



Completa a tabela, justificando as tuas escolhas.

- A atividade de que **mais** gostei foi...
- A atividade de que **menos** gostei foi...

Obrigada pela participação!

Anexo 54 - *Checklists* de avaliação 2º CEB

ALUNOS	Domínio da Relação									
	Participação	Atitude Crítica	Empenho	Cumprimento de regras	Respeito por si e pelos outros	Respeito pelas diferenças/opiniões	Abertura à dimensão intercultural	Criatividade		
1	4	4	4	5	5	5	5	4	5	
2	3	2	5	5	5	5	5	4	5	
3	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
5	4	3	4	5	5	5	5	5	5	
6	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
7	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
8	3	3	3	5	5	5	5	5	5	
9	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
10	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
11	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
12	4	4	4	5	5	5	5	5	5	
13	4	4	5	5	5	5	5	4	5	
14	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
15	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
16	4	5	5	5	5	5	5	4	5	
17	5	3	5	5	5	5	5	5	5	
18	3	3	5	5	5	5	5	5	5	
19	3	5	4	5	4	4	5	5	5	
20	5	3	5	5	4	4	5	5	5	
21	4	3	5	5	5	5	5	5	5	
22	4	3	5	5	5	5	5	5	5	
23	4	4	5	5	5	5	5	5	5	
24	5	4	5	5	5	5	5	5	5	
25	5	4	5	5	5	5	5	5	5	
26	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
27	3	3	3	5	4	4	5	4	4	

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem

ALUNOS	Domínio da Organização									
	Pontualidade e assiduidade	Responsabilidade com os TPC's	Autonomia	Boa gestão do tempo	Intervenções oportunas	Iniciativa	Caderno diário	Criatividade		
1	5	5	5	5	5	5	5	5	4	
2	5	5	5	5	5	4	3	4	4	
3	5	5	5	5	5	5	4	5	5	
4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
5	4	3	5	5	4	4	3	5	5	
6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
7	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
8	5	5	4	4	5	3	3	5	5	
9	5	5	4	4	5	5	5	5	5	
10	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
11	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
12	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
13	4	5	5	5	5	5	5	5	4	
14	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
15	5	5	4	4	4	5	5	5	5	
16	5	5	5	5	5	5	5	5	4	
17	5	5	4	4	5	5	5	5	5	
18	5	5	4	4	5	4	3	5	5	
19	4	5	4	4	5	4	3	5	5	
20	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
21	4	5	4	4	5	4	4	5	5	
22	4	5	5	5	5	5	5	5	5	
23	5	5	5	5	5	5	4	5	5	
24	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
25	5	5	5	5	5	5	4	5	5	
26	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
27	4	3	3	3	4	4	3	5	4	

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem

ALUNOS	Domínio das Ciências				
	Compreende a importância da classificação dos seres vivos;	Descreve a influência da água, da luz e da temperatura no comportamento dos animais, através do controle de variáveis em laboratório.	Indica exemplos da biodiversidade animal existente na Terra;	Exemplifica ações do ser humano que podem afetar a biodiversidade animal;	Indica as principais categorias taxonômicas.
1	5	5	5	5	4
2	5	5	5	5	4
3	5	5	5	5	5
4	5	5	5	5	4
5	4	5	5	5	4
6	5	5	5	5	5
7	5	5	5	5	3
8	5	5	5	5	3
9	5	5	5	5	4
10	5	5	5	5	4
11	5	5	5	5	3
12	5	5	5	5	4
13	5	5	5	5	4
14	5	5	5	5	5
15	5	5	5	5	4
16	5	5	5	5	5
17	5	5	5	5	4
18	4	5	5	5	3
19	4	5	5	5	3
20	5	5	5	5	5
21	4	5	5	5	4
22	4	5	5	5	3
23	4	5	5	5	3
24	5	5	5	5	3

25	5	5	5	5	4
26	5	5	5	5	4
27	4	5	5	5	3

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem

ALUNOS	Domínio do Português				
	Compreende as características do texto dramático.	Escreve um texto coeso e coerente, respeitando as indicações dadas.	Compreende as características do texto poético.	Interpretação de textos.	Faz um plano, esboço prévio ou guião do texto.
1	5	4	5	5	5
2	5	4	5	5	5
3	5	5	5	5	5
4	5	5	5	5	5
5	4	3	4	4	5
6	5	5	5	5	5
7	5	5	5	5	5
8	5	3	4	3	5
9	5	4	5	4	5
10	5	5	5	5	5
11	5	5	5	4	5
12	5	4	5	4	5
13	5	5	5	4	5
14	5	5	5	4	5
15	5	4	5	4	5
16	5	5	5	4	5
17	5	5	5	5	5
18	4	3	4	3	5
19	4	3	4	3	5
20	5	5	5	5	5
21	4	3	5	3	5
22	4	4	5	4	5

23	4	5	5	5	5
24	5	5	5	5	5
25	5	5	4	5	5
26	5	5	5	5	5
27	4	4	3	3	5

Legenda: 1 e 2- Não satisfaz; 3- Satisfaz; 4 e 5- Satisfaz bem

Nºs dos alunos	Grelha de avaliação da leitura									
	Fluência	Articulação	Velocidade	Ritmo	Reconhecimento das palavras	Intensidade da voz	Hábitos posturais	Compreensão	Auto correção	
1	M	M	M	A	A	A	A	A	A	
2	M	A	A	A	A	M	M	A	A	
3	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
4	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
5	M	M	A	M	A	A	M	A	A	
6	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
7	A	A	A	A	A	A	M	A	A	
8	M	M	A	A	A	A	M	M	A	
9	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
10	A	A	A	A	A	M	M	A	A	
11	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
12	M	A	A	A	A	A	A	A	A	
13	M	A	A	A	A	A	A	A	A	
14	M	A	A	A	A	A	M	A	A	
15	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
16	M	A	A	A	A	A	A	A	A	
17	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
18	M	M	M	M	A	M	M	M	A	

19	M		M	A	A	A	A	A	A	M	A	A
20	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
21	M		M	M	A	A	A	A	A	M	A	A
22	A	A	A	A	A	A	A	A	A	M	A	A
23	A		A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
24	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
25	A		A	A	A	A	A	A	A	M	A	A
26	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
27	M		M	A	A	A	A	A	A	M	M	A

Legenda: A-Avançado; M-Médio; I- Iniciante.

Níveis de desempenho/ Critérios de leitura	Avançado (A)	Médio (M)	Iniciante (I)
Fluência	Faz pausas quando necessário respeitando a pontuação; Lê com expressão apropriada; Compreende a estrutura sintática;	Lê com a pontuação maioritariamente correta; Coloca apenas em momentos de diálogo; Mostra algumas dificuldades na compreensão da estrutura sintática;	Lê atropeladamente; Ignora a pontuação; Perde o lugar ao ler; Lê por sílabas; Leitura monótona; Mostra muitas dificuldades na compreensão da estrutura sintática;
Articulação	Articulação clara;	Articulação pouco clara;	Articulação deficiente;
Velocidade	Velocidade de leitura de, no mínimo, 140 palavras por minuto;	Velocidade de leitura de aproximadamente 100 palavras por minuto;	Velocidade de leitura de aproximadamente 70 palavras por minuto;
Prosódia: Ritmo	Adequa o ritmo aos momentos do texto, lentamente e rapidamente quando é necessário;	Lê sempre com o mesmo ritmo;	Lê com pouco ritmo;
Reconhecimento de palavras/ Correção	Lê com precisão e velocidade as palavras irregulares, para uma leitura fluida;	Apresenta hesitações em palavras irregulares; Descodifica rapidamente palavras desconhecidas;	Apresenta hesitações em palavras menos simples; Descodifica com dificuldade palavras desconhecidas; Inverte sílabas ou letras; Faz omissões ou adições; Lê gaguejando;
Intensidade da voz	O volume da voz é regulado consoante o texto; Entoação correta;	O volume utilizado é sempre o mesmo; Entoação razoavelmente correta;	A voz parece nervosa ou tensa; O volume é bastante baixo ou alto;
Hábitos posturais	Movimenta a cabeça ao longo da linha; Mantém uma postura vertical e controladamente calma;	Acompanha a leitura com um lápis ou dedo; Dá mostras de tensão muscular; Mantém uma distância razoavelmente aceitável;	Movimenta o livro desnecessariamente; Dá mostras excessivas de tensão muscular; Dá mostras excessivas de relaxamento ao ler; Aproxima demasiado o livro

Critérios de escrita	
Acentuação	Respeita as regras de acentuação.
Parágrafos	Marca parágrafos.
Estruturas gramaticais correntes	Escreve com concordâncias, adequação de tempos verbais e expressões adverbiais de tempo.
Pontuação	Aplica as regras e usa os sinais de pontuação em momentos sintáticos básicos (enumeração, delimitação do vocativo, encaixe, separação de orações).
Coesão e continuidade de sentido	Evita repetições, substituindo por pronomes pessoais, sinónimos e expressões equivalentes; Usa conectores adequados.
Elementos da narrativa	Integra os elementos: quem; quando; onde; o quê; como; porquê.
Diálogo	Respeita as regras de introdução do diálogo num texto narrativo;
Recursos estilísticos	Conhece e sabe aplicar diferentes recursos estilísticos.

ALUNOS	Domínio da História e Geografia de Portugal			
	Identifica os grupos sociais medievais, destacando os privilegiados e os não privilegiados.	Refere as funções de cada ordem social.	Indica os privilégios do clero e da nobreza.	Indica obrigações dos camponeses, especialmente nos domínios senhoriais.
1	5	4	5	5
2	5	4	5	5

3	5	5	5	5	5	5	5
4	5	5	5	5	5	5	5
5	4	3	4	4	4	4	5
6	5	5	5	5	5	5	5
7	5	5	5	5	5	5	5
8	5	5	5	4	4	4	5
9	5	4	5	5	4	4	5
10	5	5	5	5	5	5	5
11	5	5	5	5	4	4	5
12	5	4	5	5	4	4	5
13	5	5	5	5	5	5	5
14	5	5	5	5	5	5	5
15	5	4	5	5	4	4	5
16	5	5	5	5	4	4	5
17	5	5	5	5	5	5	5
18	4	5	5	4	3	3	5
19	4	4	4	4	3	3	5
20	5	5	5	5	5	5	5
21	4	5	5	5	5	5	5
22	4	4	4	5	4	4	5
23	4	5	5	5	5	5	5
24	5	5	5	5	5	5	5
25	5	5	5	5	4	4	5
26	5	5	5	5	5	5	5
27	4	4	4	4	4	4	5

ANO	Domínio da Matemática					
	Compreender a relação entre lados opostos de um paralelogramo.	Descobre as relações entre os comprimentos dos lados de um triângulo- Desigualdade triangular.	Indica os critérios de divisibilidade por 3, por 9 e por 4.	Constrói autonomamente gráficos de linha.	Constrói diagramas de caule-e-folhas.	
1	5	4	5	5	5	
2	5	4	5	5	5	
3	5	5	5	5	5	
4	5	5	5	5	5	
5	3	4	4	4	5	
6	5	5	5	5	5	
7	5	5	5	5	5	
8	5	3	4	3	5	
9	5	4	5	4	5	
10	5	5	5	5	5	
11	5	5	5	4	5	
12	3	4	5	4	5	
13	5	5	5	4	5	
14	5	5	5	4	5	
15	5	4	5	4	5	
16	3	5	5	4	5	
17	5	5	5	5	5	
18	4	4	4	4	5	
19	4	4	4	3	5	
20	5	5	5	5	5	
21	4	4	5	4	5	
22	4	4	5	4	5	
23	3	5	5	5	5	
24	5	5	5	5	5	
25	5	5	5	4	5	
26	5	5	5	5	5	
27	4	4	3	3	5	

Anexo 55 - Fotografia Avaliações dos alunos sobre a professora estagiária 2º CEB

Caraterização da Professora Estagiária: Patrícia Santos	
A professora é	boa, pois compreendi bem as matérias dadas por ela.
O que menos gosto na forma como leciona	
O que mais gosto na forma como leciona	é a sua simpatia a ensinar.
A aula que menos gostei foi	
A aula que mais gostei foi	a viagem no tempo na aula de HGP
Deve melhorar os seguintes aspetos	• estar mais confiante a lecionar.

Nome: Patricia Santos

Caracterização da Professora Estagiária: Patrícia Santos

A professora é...	Simpática, alegre, bonita, cozinheira
O que menos gosto na forma como leciona é...	nada
O que mais gosto na forma como leciona é...	a sua simpatia
A aula de que menos gostei foi...	nenhuma
A aula de que mais gostei foi...	a roleta da história
Deve melhorar os seguintes aspetos:	nada

Nome: Pedro Queiroz Nº 20 15º C

Caracterização da Professora Estagiária: Patrícia Santos

A professora é...	engajada
O que menos gosto na forma como leciona é...	Não consegui entender muito bem a turma
O que mais gosto na forma como leciona é...	Ajudar quando precisamos
A aula de que menos gostei foi...	
A aula de que mais gostei foi...	Quiz de história
Deve melhorar os seguintes aspetos:	Tentar entender melhor a turma

Nome: Nuno Barros

Caracterização da Professora Estagiária: Patrícia Santos

A professora é...	fisica
O que menos gosto na forma como leciona é...	Nada
O que mais gosto na forma como leciona é...	Tem atividades engraçadas
A aula de que menos gostei foi...	Aula de Matemáticas
A aula de que mais gostei foi...	Aula de Português
Deve melhorar os seguintes aspetos:	Nada

Nome: Mariana Ribeiro Silva

Caracterização da Professora Estagiária: Patrícia Santos

A professora é...	alegre, simpática...
O que menos gosto na forma como leciona é...	_____
O que mais gosto na forma como leciona é...	bastante alegre e esta sempre de bom-humor
A aula de que menos gostei foi...	_____
A aula de que mais gostei foi...	A aula do século XIV
Deve melhorar os seguintes aspetos:	_____

Anexo 56 - Reflexão 5ª e 6ª Semana 2º CEB

Nestas últimas semanas, urge mudar comportamentos, apurar os objetivos que faltam cumprir e imprimir um ritmo de trabalho para concluir tudo com rigor e perfeccionismo.

No que concerne às intervenções, é clarividente que todos os conteúdos lecionados sejam dominados pelo professor, porém a postura em sala de aula é um ponto fulcral a melhorar. Certos aspetos do comportamento da estagiária em sala de aula já foram identificados como é o exemplo da comunicação com os alunos que, por consequência, afeta a capacidade de fazer com que estes cumpram regras e a capacidade de conceder explicações claras e para todos.

Foi ainda encontrada outra adversidade sumamente relevante que se prende com a carência de apoio por parte de alguns professores cooperantes, sendo que uma grande percentagem da aprendizagem da professora estagiária advém destes mesmos professores.

Está implícito que as planificações e os recursos realizados num curto espaço de tempo, são responsáveis por erros ocorridos em sala de aula. Concluindo que ainda é imprescindível a execução atempada destes e o apoio dos professores científicos de cada área.

A escola e o professor têm uma tarefa importante, uma vez que devem proporcionar aos alunos as condições necessárias para que estes desenvolvam um raciocínio crítico, flexível e criativo. Em relação ao projeto Aprender a aprender e, tendo em conta este pressuposto, a estagiária sentiu algumas dificuldades em decompor certos conteúdos na área das ciências de forma a melhorar a qualidade das aprendizagens, tornando-as mais eficazes e significativas para eles.

Surge então a questão: Será que estes conteúdos são realmente do interesse dos alunos? Importa que estes sejam envolvidos no planeamento dos desafios e que haja liberdade nessa participação. Só deste modo, será possível que o projeto proporcione o desenvolvimento das suas capacidades inatas e preferenciais.

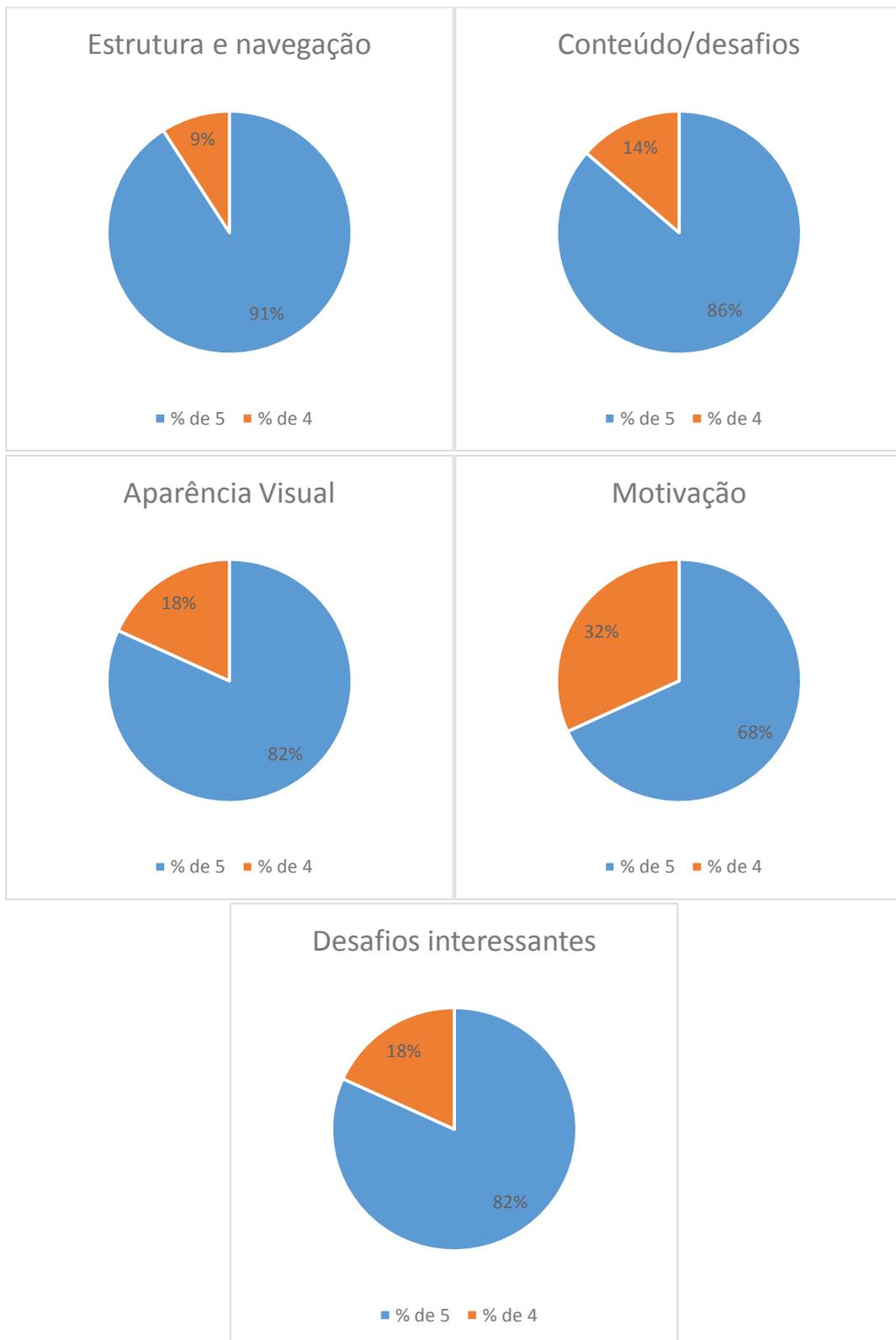
A particularidade deste projeto é o desafio e a busca por saber mais, procurando conhecimentos avançados. Neste sentido, a estagiária integrou neste projeto uma seção dedicada a sugestões e comentários, proporcionando um espaço de proposta de atividades diversificadas.

Ao implementar estas atividades/desafios sugeridos pelos alunos, será possível a aplicação de conhecimentos do seu quotidiano de forma a retirarem: o prazer da investigação; da descoberta e da pesquisa; e construam, eles próprios, o seu conhecimento através das suas conclusões.

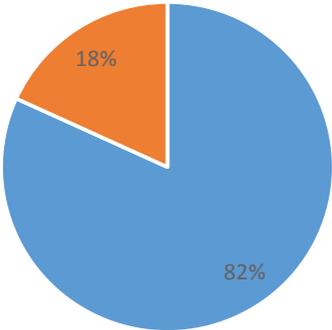
Surge agora a necessidade de envolver os alunos na escolha destas atividades, indo ao encontro dos seus interesses no sentido de desenvolver competências no âmbito das ciências experimentais e lógico-matemática: formular questões e problemas, prever resultados, ensaiar e verificar, observar, descrever e, finalmente, construir a resposta às questões-problema.

A ideia é que as atividades sejam planeadas e estruturadas tendo em conta as sugestões dos alunos, e fazendo com que estes estejam sempre ativos, numa atitude de permanente curiosidade e experimentação. É também fundamental, a criação de formatos de avaliação do sítio da internet, ou seja, mecanismos que permitam à estagiária perceber os conteúdos que os alunos adquirem.

Anexo 57 - Análise da Avaliação do projeto “Aprender a aprender”

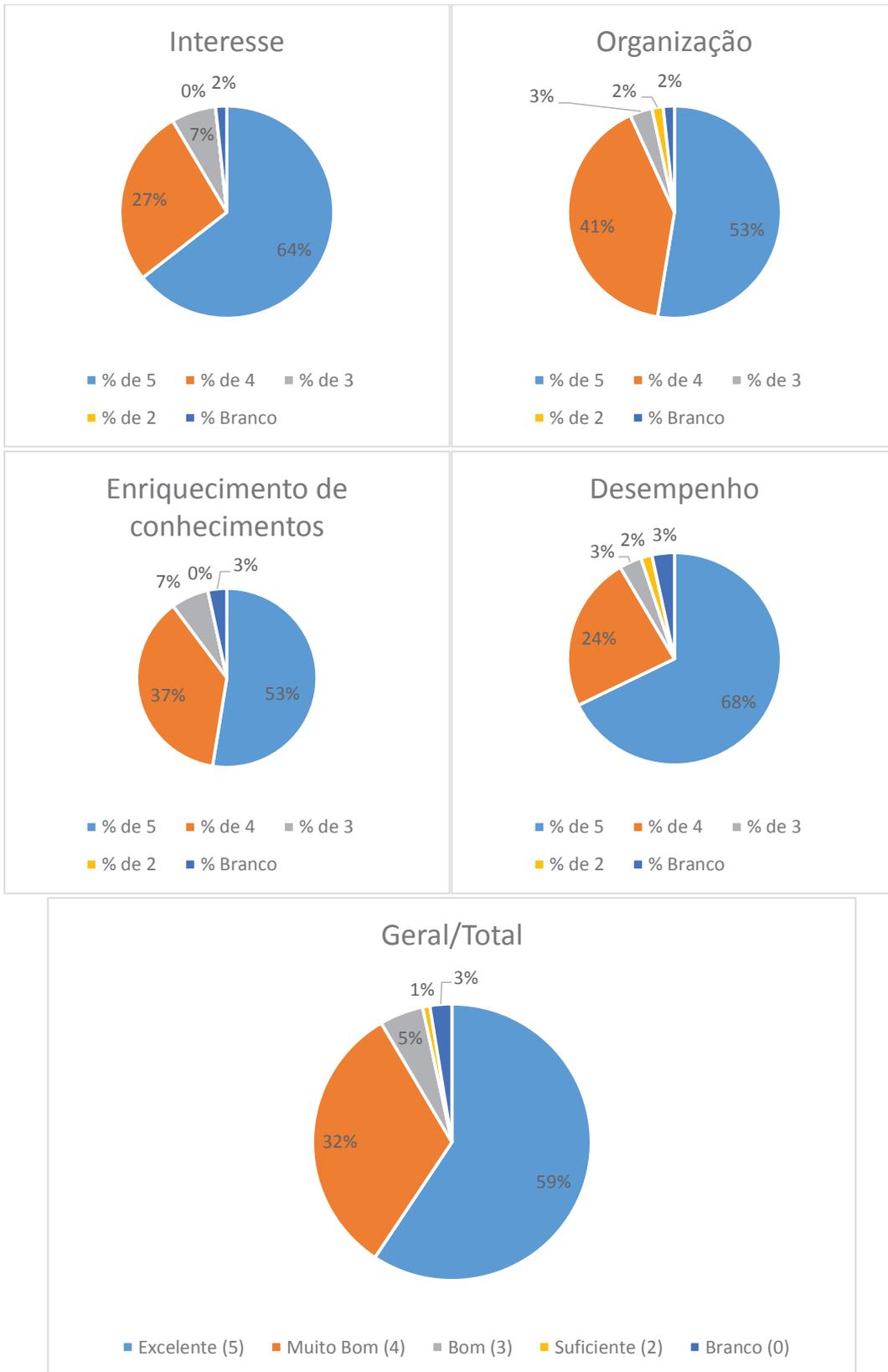


Geral/Total



■ Excelente (5) ■ Muito Bom (4)

Anexo 58 - Análise da Avaliação da Visita de Estudo 2º CEB



Anexo 59 - Exercícios construídos pelos alunos 2º CEB

1. O crescimento das alfaces da D. Eoltide de janeiro a junho

A Eoltide registou o crescimento das alfaces de janeiro a julho.

Tamanho	30 cm	45 cm	50 cm	25 cm	20 cm	5 cm
Meses	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho

1.1.

Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

2. Revenha e o trajeto no dia de trabalho.

A Revenha registou o trajeto de sua casa até ao seu trabalho no seu 1º dia de aulas.

Horas	7:00h	7:20h	7:30h	7:40h	7:45h	8:00h
Trajeto	0 km casa	5 km Centro comercial	10 km Café	15 km Papelaria	25 km Compra de manuais	40 km CNM

2.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

3. O cozinheiro Gilberto

O cozinheiro Gilberto tinha de cozinhar em 5 dias. O Gilberto registou o nº de tartes que fez por dia.

Dias	1	2	3	4	5
Nº de tartes	5	3	5	4	3

3.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

4. O percurso da Vanda Miranda

A Vanda Miranda registou o seu percurso de casa até à Rádio Comercial.

Horas	6:00h	6:05h	6:10h	6:20h	6:25h	6:30h
Trajeto	0 km casa	5 km café	10 km Buscar o Nuno	20 km Buscar o Vasco	25 km Buscar o Ricardo	35 km Rádio Comercial

4.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

5. Nº de roubos nos últimos 12 anos.

Ao longo de 12 anos o Albertino, um polícia do distrito do Porto, registou os roubos realizados na sua cidade.

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Nº de roubos	100	75	125	175	225	275	250	300	350	325	400	450

5.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

6. O crescimento da tulipa

O agricultor Guilherme plantou uma sementinha de tulipa no seu campo. Este mesmo registou os valores do crescimento da tulipa durante um ano, representada na tabela seguinte.

<u>Meses</u>	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Junh.	Julh	Agos.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<u>Valores</u>	1,5 cm	2 cm	3 cm	4,5 cm	5,5 cm	6 cm	7 cm	8,5 cm	10 cm	10 cm	13,5 cm	17 cm

6.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

7. A altura do Felicíssimo.

O Felicíssimo registou a evolução da sua altura durante 10 anos. Assim a representou na seguinte tabela:

<u>Anos</u>	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
<u>Altura</u>	1,45 m	1,5 m	1,6 m	1,65 m	1,75 m	1,8 m	1,8 m	1,85 m	1,88 m	1,90 m	1,92 m

7.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

7.2. Quantos centímetros o Felicíssimo cresceu desde os seus 10 anos?

8. As bolachas da D. Maria

A D. Maria está a fazer bolachas para a festa do seu neto. Registou a quantidade que conseguiu fazer entre as 7h e as 8h.

<u>Horas</u>	7:00h	7:10h	7:20h	7:30h	7:40h	7:50h	8:00h
<u>Nº de bolachas</u>	0	5	15	20	25	30	45

8.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

9. As viagens da Josefina

A Josefina decidiu fazer viagens pela Europa e registou os seguintes resultados.

<u>Horas</u>	8:00h	9:00h	11:00h	13:00h	15:00h	16:00h	19:00h	21:00h	00:00h
<u>Local</u>	Lisboa 0 km	Beja 50 km	Faro 300 km	Madrid 500 km	Barcelona 650 km	Paris 900 km	Berlim 1000 km	Porto 200 km	Lisboa 0 km

9.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

10. Os pomares do Sr. Quinheiro

O Sr. Quinheiro registou o trajeto e o tempo que demora a tratar dos seus pomares, sabendo que se trata dos pomares entre as 8:00h e as 16:00h.

<u>Horas</u>	8:00h	9:00h	10:00h	11:00h	12:00h	13:00h	14:00h	15:00h	18:00h
<u>Local</u>	0 km casa	20 km pomar	15 km pomar	25 km pomar	20 km pomar	15 km pomar	30 km pomar	25 km pomar	15 km pomar

10.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

11. Construção de uma estrada

O senhor Guadalberto esta a construir uma estrada de 30 km, desde as 8:00 horas. Passado 7 meses, o senhor Guadalberto, terminou a sua obra.

11.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

<u>Meses</u>	1 mês	2 mês	3 mês	4 mês	5 mês	6 mês	7 mês
<u>Km</u>	0 km	5 km	10 km	15 km	20 km	25 km	30 km

12. Os litros de água gastos num condomínio

No condomínio do Miguel e da Carlota fizeram uma recolha de dados para saber quantos litros de água são gastos por dia no mês de junho.

12.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

<u>Litros de água gastos</u>	110 l	70 l	90 l	140 l	160 l	130 l	120 l	80 l	140 l
<u>Dias</u>	16	17	18	19	20	21	22	23	24

13. As netas da avó Renalda

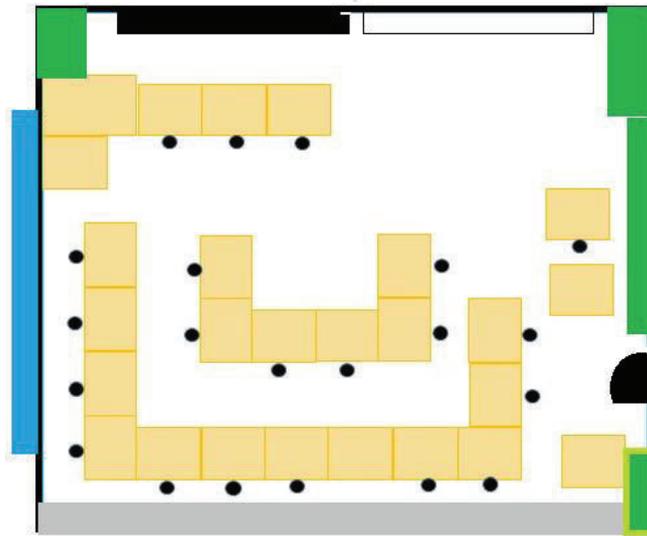
A avó Renalda está muito contente com o seu neto João e registou a farinha láctea que este comeu durante o mês de abril, maio e junho.

<u>Farinha láctea</u>	250 g	500 g	150 g
<u>Meses</u>	abril	maio	junho

13.1. Constrói o gráfico de linhas com os dados apresentados.

Anexo 60 - Plantas das salas

Planta da sala de 1º CEB



Planta da sala de 2º CEB

